UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

CAROLINE GALVÃO NERY

**Análise da experiência do intercâmbio universitário no Programa Ciência Sem
Fronteiras: os substratos de uma viagem (trans) formadora**

São Paulo
2019

CAROLINE GALVÃO NERY

**Análise da experiência do intercâmbio universitário no Programa Ciência Sem
Fronteiras: os substratos de uma viagem (trans) formadora**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 14 de Outubro de 2019. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Desenvolvimento do Turismo

Orientador:

Prof. Dr. Alexandre Panosso Netto

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Nery, Caroline Galvão

Análise da experiência do intercâmbio universitário no Programa
Ciência Sem Fronteiras: os substratos de uma viagem (trans) formadora
/ Caroline Galvão Nery ; orientador, Alexandre Panosso Netto. – 2019.
115 f : il.

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-
Graduação em Turismo, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo.
Versão corrigida

1. Turismo estudantil. 2. Viagens. 3. Intercâmbio de alunos.
4. Experiências de vida. 5. Estudantes universitários. 6. Ciência
sem Fronteiras - Brasil. I. Panosso Netto, Alexandre, orient. II.
Título.

CDD 22.ed. – 910

Nome: NERY, Caroline Galvão

Título: Análise da experiência do intercâmbio universitário no Programa Ciência Sem Fronteiras: os substratos de uma viagem (trans) formadora

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo.

Área de Concentração:

Desenvolvimento do Turismo

Aprovado em: 14 / 10 / 2019

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Godoi Trigo Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Cynthia Menezes Mello Instituição: Empresa Semioturismo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin Instituição: Universidade Federal de Ouro Preto

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esta pesquisa primeiramente aos meus pais, Rubia e Eduardo, e ao meu amor, Gustavo, por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, e neste em particular pelo carinho, apoio e incentivo para que eu concluísse com sucesso mais essa etapa; dedico também à todos os meus colegas intercambistas que tiveram o privilégio de vivenciar uma experiência tão especial como é o intercâmbio universitário.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus pela condição que me concedeu para chegar até aqui, pelas pessoas que tem colocado no meu caminho e por estar presente em todos os momentos da minha vida.

Agradeço de todo o meu coração aos meus pais, Rubia e Eduardo, pelo amor, atenção, educação e direcionamentos, que me mostraram o valor de todo o esforço e empenho na dedicação aos estudos e são meus alicerces em todas as minhas realizações.

Agradeço no mesmo sentimento ao meu grande amor, Gustavo, que com paciência e compreensão me incentivou e me deu forças para concluir esta pesquisa.

Agradeço também aos meus queridos irmãos, Thais e Dudu, que sempre reconheceram a importância de mais esta etapa e me apoiaram, estando presentes em todo o meu processo de formação.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos que me proporcionaram palavras de encorajamento e persistência para continuar meus estudos e avançar mais um grau na minha educação acadêmica.

Agradeço imensamente ao meu professor orientador, Alexandre Panosso Netto, que por 8 anos acompanhou minha formação no ensino superior, me apresentou a relevância e beleza da pesquisa acadêmica, a paixão por compartilhar o conhecimento, o desafio de desenvolver um trabalho de qualidade e, principalmente, agradeço pela paciência, esclarecimentos, orientações e dedicação especial ao tema da Experiência no turismo.

Agradeço com muito apreço e profundo reconhecimento a todos os meus professores desde a educação infantil até este momento que com muito afinho dividiram seus conhecimentos e experiências, e me ensinaram o significado singular e transformador da educação. Neste caso em particular, destaco os professores que compuseram a minha banca do exame de qualificação (professores Luiz Trigo, José Gândara, Madalena Aulicino e Josemar Maciel) e do exame final (além dos já mencionados, também os professores Cynthia Mello, Edegar Tomazzoni e Leandro Brusadin) que com carinho e atenção fizeram contribuições que ficarão para toda a minha carreira acadêmica.

Uma menção honrosa e especial ao Professor José Gândara que participou efetivamente na minha dissertação e veio a falecer após a qualificação, deixo meu agradecimento com total admiração por todo o trabalho realizado e exemplo de pesquisador.

Agradeço também à Universidade de São Paulo pelas oportunidades incríveis que me proporcionou, dentre elas e que vale aqui destacar, o intercâmbio universitário durante a minha

graduação que abriu os meus olhos e me fez perceber e provar do valor de uma experiência como essa.

Sou muito grata também à diretoria e aos meus colegas de trabalho da empresa Selections Operadora de Turismo – TTW Group que reconheceram a importância e criaram condições para que eu pudesse realizar o meu Mestrado.

E, por fim, meu agradecimento especial aos intercambistas que através do compartilhamento de suas experiências foram fundamentais e essenciais para a realização desta pesquisa, enriquecendo o trabalho com suas histórias, reflexões e opiniões.

MUITO OBRIGADA a todos!

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

(FREIRE, 1979, p. 84)

RESUMO

NERY, Caroline Galvão. **Análise da experiência do intercâmbio universitário no Programa Ciência Sem Fronteiras**: os substratos de uma viagem (trans) formadora. 2019. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Versão Corrigida.

O turismo se apresenta como fenômeno potencial para experiências significativas, visto que é na viagem que o sujeito está entregue e se entrega ao mundo das vivências por ele próprio escolhidas. Buscando entender o processo de interação e (trans) formação dos sujeitos no mundo vivido, adota-se como ponto de partida o conceito de experiência na perspectiva das abordagens filosóficas e da psicologia, e como objeto de estudo as vivências e substratos resultantes da viagem de intercâmbio. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo geral analisar de que forma a viagem de intercâmbio é (trans) formadora para o estudante. Como objetivos específicos, busca-se a) Verificar se as expectativas para a viagem de intercâmbio condizem com as experiências vividas; b) Pontuar as principais experiências da viagem; c) Compreender de que forma elas impactaram na vida do intercambista; e d) Identificar em que contexto elas foram (trans) formadoras para o estudante. Para o seu desenvolvimento, adotou-se o método fenomenológico, numa abordagem qualitativa e explicativa, analisando as experiências de 15 participantes do Programa Ciência Sem Fronteiras. A técnica da coleta de dados utilizada foi entrevista, do qual os relatos foram interpretados a partir da análise de conteúdo. Em linhas gerais, os principais resultados alcançados apontam que as experiências decorrentes da viagem de intercâmbio em sua maioria superaram as expectativas pré viagem, pois ao invés de estarem centradas em aspectos ligados aos estudos, o desenvolvimento e crescimento pessoal decorrente das experiências vividas é mais marcante e significativo. Sobre esses momentos marcantes, não foi possível categorizar quais foram as principais experiências, mas vale pontuar que certas vivências são consideradas mais importantes pelo aspecto desafiador, pelo ato de engrandecimento, pela ação de autodescobrir-se e de abrir-se a mudança. No que tange aos impactos, está fortemente relacionado ao ver-se, entender-se e colocar-se no mundo, justificando o aspecto formador encontrado que consistiu em tornar-se autônomo em suas escolhas e decisões a partir do espaço tempo da viagem; já o aspecto transformador está no exercício de ação e reflexão, conscientizando-se dos impactos e oportunidades obtidos a partir do intercâmbio; e, por fim, verificou-se que os substratos desta experiência estão fundamentalmente relacionados com o desenvolvimento pessoal do intercambista no que tange a obter autonomia sobre suas ações, estar disposto a aprender sobre o outro, autoconhecer-se e

ter a responsabilidade de contribuir socialmente na sua realidade, o que reforça a relevância do Programa Ciência Sem Fronteiras na realidade brasileira e a potencialidade do intercâmbio em alterar e impactar o cotidiano dos seus participantes e do contexto social a sua volta.

Palavras-chave: Experiência. Turismo. Experiência Turística. Intercâmbio Universitário. Viagem (trans) formadora.

ABSTRACT

NERY, Caroline Galvão. **Analysis of the experience of university exchange in the Ciência Sem Fronteiras Program:** the substrates of a (trans) formative trip. 2019. 115f. Dissertation (Master of Science) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2019. Final version.

Tourism presents itself as a potential phenomenon for meaningful experiences, since it is during the trip that the subject is delivered and surrendered to the world of his own chosen experiences. Seeking to understand the process of subject's interaction and (trans) formation in the lived world, the concept of experience from the perspective of psychology and philosophical approaches is adopted as a starting point, and the experiences and substrates resulting from the travel of exchange as object of study. Thus, this paper aims to analyze how the exchange trip is (trans) formative for the student. As specific objectives, we seek to a) Verify if the expectations for the exchange trip match the lived experiences; b) To point out the main experiences of the trip; c) Understand how they affected the exchange student's life; and d) Identify in what context they were (trans) formative for the student. For its development, the phenomenological method was adopted, in a qualitative and explanatory approach, analyzing the experiences of 15 participants of the Ciência Sem Fronteiras Program. The data collection technique used was interview, from which the reports were interpreted from the content analysis. In general, the main results achieved indicate that the experiences arising from the exchange trip mostly exceed pre-trip expectations, because instead of being focused on aspects related to studies, the personal development and growth resulting from the lived experiences is more remarkable and significant. About these remarkable moments, it was not possible to categorize which were the main experiences, but it is worth pointing out that certain experiences are considered more important by the challenging aspect, the act of magnification, the action of self-discovery and openness to change. Regarding impacts, it is strongly related to seeing, understanding and placing oneself in the world, justifying the founding aspect of becoming autonomous in their choices and decisions based on the exchange period; The transformative aspect is in the exercise of action and reflection, becoming aware of the impacts and opportunities obtained from the exchange; and finally, it was found that the substrates of this experience are fundamentally related to the personal development of the exchange student in terms of obtaining autonomy over their actions, being willing to learn about the other, self-knowing and having the responsibility to contribute socially in their reality, which reinforces the relevance of the Ciência Sem Fronteiras Program in the Brazilian reality and the potential of the exchange trip

to change and impact the daily lives of its participants and the social context around them.

Key-words: Experience. Tourism. Travel Experience. Exchange Tourism. (Trans) Formative Trips.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nuvem de Palavras representativa da Experiência de Intercâmbio.....	78
Figura 2 - Nuvem de Emoções representativas da Experiência de Intercâmbio.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEN	Australian-European Network
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CSF	Ciência Sem Fronteiras
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Erasmus	European Region Action Scheme for the Mobility of University Student
MAUI	Mid-America Universities International
MCTI	Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
OMT	Organização Mundial do Turismo
PMM	Proyecto de Apoyo al Programa de Movilidad MERCOSUR en Educación Superior
WTO	World Trade Organization

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
1.1.	Problema de Pesquisa	17
1.2.	Objetivos.....	18
1.3.	Justificativa	19
2.	A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA: SEGMENTAÇÃO DE MERCADO <i>VERSUS</i> ABORDAGENS FILOSÓFICAS.....	21
2.1.	A segmentação no mercado turístico	24
2.2.	Abordagens filosóficas do conceito de experiência.....	28
2.3.	A experiência aplicada ao turismo.....	31
3.	METODOLOGIA	35
3.1.	Tipologia da pesquisa	35
3.3.	Definição da amostra	38
3.4.	Técnica de coleta de dados	40
3.4.1.	Abordagem dos entrevistados.....	41
3.5.	Análise de dados por meio da Análise de Conteúdo.....	42
4.	ANÁLISES DA PESQUISA EMPÍRICA	46
4.1.	O turismo de intercâmbio/de estudos.....	46
4.2.	Perfil e características pessoais do intercambista.....	51
4.3.	As viagens antes da experiência do intercâmbio	54
4.4.	Motivações e expectativa de aprovação.....	59
4.5.	Expectativa e preparo emocional para a viagem de intercâmbio.....	61
4.6.	O dia a dia da viagem de intercâmbio.....	64
4.7.	Momentos marcantes: os primeiros <i>insights</i> (trans) formadores	67
4.8.	Alinhamento de expectativa: imaginário <i>versus</i> realidade	71
4.9.	As bagagens trazidas da viagem: impactos (trans) formadores	73
4.10.	Palavra e emoção: qualificadores de uma experiência significativa.....	78

5.	DISCUSSÕES E RESULTADOS	82
5.1.	Breve análise e avaliação do Programa Ciência Sem Fronteiras	88
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
7.	APLICAÇÕES PRÁTICAS	96
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICE A – PROPOSTA DE ESTRUTURA DO DIÁLOGO.....	106
	APÊNDICE B – ROTEIRO DO PRÉ-TESTE DAS ENTREVISTAS.....	108
	APÊNDICE C – ROTEIRO FINAL DAS ENTREVISTAS.....	109
	APÊNDICE D – PERFIL DOS INTERCAMBISTAS.....	110
	ANEXO A – SEGMENTOS DO MERCADO TURÍSTICO E BASES DE SEGMENTAÇÃO	111

1. INTRODUÇÃO

O atual cenário globalizado fornece recursos e aponta caminhos para o desenvolvimento do fenômeno do turismo que se apresenta como mediador das relações interculturais, transcendendo o simples conhecimento dos valores e costumes de diferentes povos, nações e línguas, mas também permitindo aproximações, trocas e vínculos de identificação, por meio das viagens.

O histórico do turismo remete às viagens de tempos longínquos em que o principal objetivo era o deslocamento a novos territórios que garantissem a subsistência de pequenos aglomerados populacionais. No entanto, este conceito de viagem logo se transformou e, na idade média, por meio das peregrinações, esta possuía um apreço maior, uma vez que buscava o contato com o divino e, consequentemente, a ascese pessoal (TRIGO, 2013).

O avanço no conhecimento científico contribuiu para o aumento no número de viagens que buscavam desbravar o mundo que, a cada dia, tornava-se maior diante das descobertas marítimas. É também nesse contexto que surge o Grand Tour, longa viagem destinada a jovens aristocratas, a fim de complementar a educação e adquirir uma visão mais abrangente do mundo, por meio de experiências culturais, sociais e de lazer. Esta modalidade de viagem é o princípio do que hoje se estabelece como Turismo de Estudos ou Intercâmbio.

Vale mencionar que as viagens motivadas apenas por prazer não eram comuns na época do Grand Tour, visto as dificuldades de percurso e meios de locomoção da época. Esta realidade muda com a Revolução Industrial em que o transporte sob trilhos se estabelece, em especial na Europa, dinamizando os fluxos para o trabalho e também para viagens de maiores distâncias (PANOSSO NETTO, 2010).

O surgimento e afirmação do turismo conforme é conhecido atualmente, decorre deste incremento tecnológico que impactou as diversas esferas da sociedade, e, ao longo dos séculos XIX e XX, massificou a atividade turística. Como consequência, Boorstin (1964) identificou a superficialidade e, muitas vezes, a falta da “autenticidade” destas experiências de viagem, que se tornaram simples pacotes engessados, produtos de mercado, consumidos e vendidos até os dias atuais.

Enquanto estratégia para a diferenciação e singularização do produto turístico e visando melhor atender os diversos grupos de turistas, as estratégias de marketing tem apostado na segmentação do mercado, formatando nichos e direcionando o consumo, baseado nas características dos destinos e personalidades dos viajantes.

Diante do contexto da globalização e pós modernidade, a diversidade de ofertas de produtos e padrões de comportamento e consumo, suscitaram a personalização e a incorporação de valores intangíveis aos serviços, que impulsionassem a compra e fidelizassem clientes. No caso do turismo, foi agregado o valor de viver uma experiência.

Diversos autores passaram a olhar de forma crítica esta abordagem pujante da experiência turística e a defender um turismo de experiência baseado nas relações construídas e elos desenvolvidos no destino por parte dos turistas (COHEN, 1979). No mais, passaram a defender que as experiências turísticas fossem embasadas nos sentimentos pessoais envolvidos, resultando em experiências satisfatórias e memoráveis (WANG, 1999; TUNG; RITCHIE, 2011). Tem-se, portanto, uma lacuna carente de discussões na aproximação dos conceitos de turismo e experiência.

Diante da potencialidade da atividade turística enquanto espaço e tempo para vivências sensoriais distintas do cotidiano, identifica-se a necessidade de se aprofundar o entendimento na maneira com que o viajante pode e busca apreender características, valor e significado da viagem, bem como perceber a si próprio. Estariam estes aspectos presentes no conceito da experiência turística?

1.1. Problema de Pesquisa

Pode-se afirmar que a viagem em sua essência tem algo encantador e deslumbrante que sensibiliza e mexe no íntimo do viajante, seja criando uma experiência positiva, seja desencadeando vivências negativas por estar em um lugar que não lhe é familiar.

De uma forma ou de outra, há algo que fica, que forma, que cria um espaço para reflexão, para uma percepção do mundo.

Na tentativa de entender o processo de interação e (trans) formação dos sujeitos no mundo vivido, adota-se como ponto de partida o conceito de experiência e como objeto de estudo as vivências resultantes da viagem de intercâmbio. Desde sua origem com o *Grand Tour*, este tipo de viagem buscava a complementação e aprimoramento dos estudos e conhecimentos culturais, adquirindo-se uma visão mais ampla do mundo. Portanto, esta se apresenta como experiência de viagem favorável para momentos significativos e surpreendentes, bem como de autodesenvolvimento, conhecimento e percepção.

A aproximação dos temas experiência e viagem de intercâmbio podem possibilitar alguns questionamentos: O que de fato a experiência da viagem de intercâmbio vem a

proporcionar ao intercambista? Quais os aprendizados decorrentes desta viagem? O intercâmbio é formador ou transformador? Se formador, de que maneira forma o estudante? Se pode ser transformador, em que contexto/nível isso acontece?

Diante destas questões, propõe-se como problema de pesquisa: quais os substratos da experiência da viagem de intercâmbio para o estudante?

1.2. Objetivos

Baseando-se na conjuntura descrita, este trabalho tem por objetivo geral analisar de que forma a viagem de intercâmbio é (trans) formadora para o estudante. Como objetivos específicos, busca-se a) Verificar se as expectativas para a viagem de intercâmbio condisseram com as experiências vividas; b) Pontuar quais foram as principais experiências da viagem no ponto de vista do estudante; c) Compreender de que forma elas impactaram na vida do intercambista; e d) Identificar em que contexto elas foram (trans) formadoras para o estudante.

Para se alcançar o objetivo específico a) propõe-se fazer algumas perguntas iniciais mais abrangentes e despretensiosas (exemplo: Como surgiu a ideia de fazer intercâmbio? Por que e o que te levou a escolher o destino/universidade “x”? Você costumava viajar?), a fim de se levantar não apenas quais eram as expectativas, mas também, o que estava no imaginário do intercambista. Para o objetivo b) as experiências mais significativas já serão dadas pelo participante ao longo do diálogo. Porém, pretende-se também que a reflexão traga *insights* e novos olhares para situações que por vezes passaram como banais ou pouco significativas, mas que, ao retornar da viagem, mudaram sua forma de ver ou dar valor em relação a determinado comportamento, propósito ou atividade.

Quanto a análise do impacto, espera-se que o estudante já possa identificar de que forma ele aplicou o que trouxe da viagem, seja no contexto pessoal, profissional ou acadêmico. Essas reflexões serão dialogáveis entre si e visam apenas facilitar as interpretações e aproximações com a fundamentação teórica para que assim, se possa identificar como e por qual razão ela pode ser considerada como aspecto (trans) formador ao estudante.

Como hipóteses, acredita-se que, a partir da reflexão sobre a viagem a) o estudante perceberá que muito do que se constitui no imaginário prévio a viagem, durante a experiência de intercâmbio ou supera as expectativas, confirmando e agregando ainda mais valor aquele momento, ou deixa a desejar, sendo frustrante ao estudante. Desta forma, b) supõe-se que as principais experiências a serem pontuadas serão de fatos inesperados da viagem, onde o

estudante será surpreendido pelo impacto e conjunto de emoções de dado momento. Portanto, c) o que ele trouxe das experiências da viagem estará mais relacionado e será melhor percebido seu impacto, em contextos pessoais do estudante. E, por fim, d) suspeita-se que as (trans) formações decorrentes da viagem de intercâmbio serão relativas ao empoderamento, comportamento e percepção pessoal, além da tolerância cultural.

Diante desta autorreflexão das experiências vividas e impactos delas no seu comportamento pós-viagem, espera-se que o intercambista torne-se consciente das (trans) formações decorrentes dessas vivências e mais sensível a potencialidade da viagem como espaço-tempo de autodescobrimento e reflexão.

1.3. Justificativa

O presente estudo se justifica uma vez que busca contribuir com as análises da potencial essência da viagem enquanto experiência transformadora, entendendo de que forma essa transformação acontece e em que realidade ela está inserida. Nesta perspectiva, o contexto é fundamental para as análises, pois as experiências são individuais e são percebidas de maneira singular por cada indivíduo.

Sendo assim, não pretende-se criar tipologias generalistas de experiências de viagem, mas sim, abrir caminhos para se olhar as contribuições significativas e impactos dessas vivências.

Segundo Figueiredo e Ruschmann (2004, p. 156),

Compreender o homem por meio do estudo das viagens ou buscar as razões que levam o homem a viajar e descobrir como as viagens influem na vida e no comportamento do homem são questões importantes que ainda não foram abordadas em muitos estudos.

Portanto, analisar a (trans) formação do estudante a partir da experiência de intercâmbio é abrir um caminho para entender o que motiva alunos a fazerem viagens como esta, a perceber o impacto desta experiência em ações, situações e comportamentos futuros, uma vez que o propósito inicial da viagem de intercâmbio é o estudo, e as vivências a partir desta viagem vão muito além da obtenção de um conhecimento científico ou ganho profissional.

A bibliografia do turismo de experiência está muitas vezes centrada nas discussões acerca das necessidades do mercado e, então, da segmentação das viagens para que possa atender melhor o perfil dos clientes, o quanto as experiências de viagem podem ser satisfatórias

para o viajante, se essas experiências são inerentes a cultura do destino e da população local, isto é, a questão da autenticidade das experiências, bem como o quanto essas memórias são determinantes para o marketing do destino.

Por outro lado, nesta pesquisa busca-se o aprofundamento no conceito de experiência na perspectiva mais próxima das abordagens filosóficas e da psicologia, a fim de proporcionar academicamente um novo olhar para a experiência da viagem.

Socialmente, pretende-se chamar a atenção e oferecer insights para o significado dessas experiências no decorrer da viagem, da sua potencialidade de vivificar memórias e trazer para o sujeito emoções e sensações capazes de (trans) formá-lo, por meio da construção de si próprio pela experiência turística.

2. A EXPERIÊNCIA TURÍSTICA: SEGMENTAÇÃO DE MERCADO *VERSUS* ABORDAGENS FILOSÓFICAS

O campo onde nossas experiências se dão é propriamente o mundo-da-vida e as experiências mais básicas desse mundo tornam-se substratos de toda ordem de experiência (MAHFOUD, MASSIMI, 2008, p. 56).

As vivências do cotidiano são marcadas por acontecimentos que as tornam mais ou menos significativas no contexto de vida do ser humano. Independentemente da sua relevância, são as experiências que constituem a formação do sujeito e a busca por momentos significativos mostram-se como “uma tentativa de reencontrar, ou de reposicionar, a possibilidade de ser pessoa (ou de tornar-se uma pessoa, outra pessoa, uma pessoa diferente, e assim por diante), mesmo que num intervalo de tempo comprado” (MACIEL, 2010, p. 59).

A viagem é parte integrante desse processo, uma vez que a necessidade de mobilidade e a curiosidade do ser humano formaram um viajante que se coloca em busca de desbravar, descobrir o desconhecido e aprender. Atualmente, com o acesso à informação e à infinidade de notícias a ele apresentadas, parte também a procura de experiências e sensações únicas, momentos que se contraponham com a rotina e “monotonia” do cotidiano, agregando algum novo olhar e emoção ao seu momento (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010; KRIPPENDORF, 2003).

O que hoje se denomina como pós-modernidade, é reflexo da globalização, multiplicidade de produtos, serviços, marcas e fornecedores, competitividade e tecnologia, abrindo um leque de infinitas possibilidades nas formas de consumo e padrões de comportamentos, que, com o passar do tempo, tornam-se cada vez mais complexos e diversificados.

Lipovetsky (2005) aponta que essa complexidade já transformou o mundo e que passamos da pós modernidade para a hipermodernidade, na qual as trocas possibilitadas pela globalização agora não são mais uma forma de comunicar, mas sim são formas de expressão de opinião, de desejos e anseios, de emancipação, na qual postula-se a intensidade do aqui e do agora, do individualismo, do narcisismo, as suas próprias como necessidades vitais e imediatas.

O turismo é parte integrante deste “mercado do mundo”, sendo ora vítima ora favorecido dos processos que o constituem, desencadeando suas constantes transformações e adaptações à sociedade do consumo. A ideia de fenômeno imbricada ao conceito turístico remete a ocorrências e situações que se resumem na complexa prática humana da viagem que, contextualizado no tempo, é possível perceber suas mudanças e significados adquiridos

gradualmente (FREIRE, 2005).

Conforme é apontado por Panosso Netto (2011), esta prática não nasceu de uma teoria ou escrito, ela se deu por meio da experiência do homem em lugares distantes do seu habitual e das vivências que se opõem a rotina cotidiana, mas que continuam a permeá-la após a viagem.

Visto que o ser humano é elemento central do turismo, esse fenômeno:

[...] envolve também a busca da experiência humana, a busca da construção do “ser” interno do homem, fora do seu local de experiência cotidiana, não importando se ele está em viagem ou se já retornou, pois esse ser continua a experienciar, a recordar e a reviver o passado, independente do tempo cronológico. Pela experiência passada, presente e pela que virá a ser é que se constrói o ser turista e se configura o fenômeno turístico, numa complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços, de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo (PANOSSO NETTO, 2011, p. 37).

Pode-se sim afirmar que o homem passou a viajar não apenas por necessidade. Atualmente ele viaja também e principalmente por prazer nos seus momentos de lazer, se constituindo este como um ato essencial da vida moderna e condicionado pela sociedade. “O que impele um indivíduo a viajar, a procurar lá fora o que não encontra dentro não é tanto o resultado de um impulso pessoal quanto à influência do meio social” (KRIPPENDORF, 2009, p. 36).

Viajar tornou-se algo que não é supérfluo. Em uma perspectiva mais subjetiva para a sociedade contemporânea, viajar é “estar na moda”, é vivenciar experiências únicas, é ter uma nova visão de mundo, uma vida melhor longe da correria do dia a dia. A viagem permite a evasão, recarrega as energias, resolve problemas, possibilita a cura, o combate ao stress, modifica percepções, educa, proporciona conhecimentos e experiências únicas (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004; KRIPPENDORF, 2009).

A experiência da viagem é importante para o ser humano, pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e identidade. A viagem é uma necessidade transformadora. Os relatos de viagem e a literatura sobre viagens criam e reforçam a ideia da viagem como ação humana importante para a formação do homem (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004, p. 179).

Sobre esta formação, Pearce e Lee (2005) afirmam que a procura pelo autodesenvolvimento se constitui como a base central da motivação turística, seja qual for a experiência buscada pelo viajante. A ideia de formação e reconstituição está presente não só no imaginário daquele que viaja, mas também na forma como o mercado do turismo promove seus discursos e desenvolve suas comunicações sobre a viagem.

A dualidade do imaginário turístico das viagens e a viagem enquanto produto a ser comercializado são aspectos que justificam a complexidade do fenômeno do turismo e permeiam tanto as discussões acadêmicas, quanto influenciam os processos e sistemas deste mercado.

Diante das funcionalidades que a viagem tem sido apropriada, bem como por ela própria incentivada e preconizada, mostra-se o quanto o mercado turístico e o viajante tem apossado das viagens como meio de suprir necessidades que o cotidiano não possibilita. E nesse sentido, passou-se a agregar um valor a atividade turística que a torna essencial para a vida moderna.

O contexto hipermoderno, a aproximação e integração econômica, social, cultural e política dos países, “eliminando” as fronteiras e investindo em tecnologias, isto é, o processo capitalista e a consequente globalização, foram e são elementos determinantes para o contínuo desenvolvimento do turismo.

O acesso à informação tornou o consumidor da viagem mais exigente e atento às tendências do mundo globalizado, buscando a realização de seus anseios na viagem “ideal”. Agregar esse tipo de valor ao produto turístico torna-se uma tática essencial para seu contínuo desenvolvimento e valorização. “Vender vivências e experiências que marcarão positivamente a vida da pessoa para o resto da vida é uma grande jogada de marketing turístico” (TRIGO; PANOSSO NETTO, 2009, p. 134).

O *marketing* possui diversas ferramentas para atender as necessidades das empresas e organizações, bem como do público a quem se destina suas investidas. Segundo a Associação Americana de Marketing, está dentre as suas funções criar, comunicar e entregar valor aos seus clientes (AMA, *online*, 2018). Para tanto, tem apostado em diferentes técnicas e estratégia de venda e divulgação que brilhem aos olhos e impulsionem os consumidores a adquirirem novos produtos, novas experiências.

No mercado turístico, a presença do marketing ocorre de uma forma mais incisiva e pioneira em meio as consequências da Revolução Industrial com Thomas Cook, responsável por uma das mais importantes transformações no mundo do turismo e considerado o primeiro agente de viagens. Seu destaque se dá por ser o primeiro a reunir um grupo de pessoas para uma viagem, utilizando de campanhas publicitárias e marketing de massa para formar uma clientela. Como resultado, obteve a popularização das viagens (BARBOSA, 2002; MELO, 2009).

A pós-modernidade, por sua vez, dinamizou e impulsionou o marketing que se colocou frente a competitividade, instabilidade e variedade do produto turístico e do público do turismo. Segundo Kotler (2000), dentre os diversos conceitos fundamentais do marketing, tais como produto ou oferta, valor e satisfação, necessidades, desejos e demandas, estão mercados-alvo e

segmentação que para o marketing turístico se coloca como uma das bases estruturais a serem trabalhadas para sua manutenção.

2.1. A segmentação no mercado turístico

A segmentação do mercado turístico se mostrou uma alternativa relevante para atender melhor os diversos grupos de turistas que surgiram e surgem, e que possuem interesses e anseios específicos nas experiências de viagem.

Na perspectiva do Marketing, esta é uma estratégia do mercado onde se busca definir um público alvo para determinada ação. Consiste numa técnica de divisão de grupos homogêneos, onde cada qual possui características similares (KOTLER, 1976; MARTY, 1971).

Para o Ministério do Turismo, “a segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda” (BRASIL, 2010, p. 61).

Há, então, dois tipos de segmentação. Os segmentos da oferta, baseados no tipo de turismo ou experiência a ser oferecida; e os segmentos da demanda, focados nas características e personalidades do grupo de visitantes que passam a consumir determinada experiência turística (BRASIL, 2010).

Diante da multiplicidade do produto turístico, faz-se necessário identificar e direcionar os esforços e estratégias aos consumidores potenciais, afinal, “o próprio viajante é um ser complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem-definida” (KRIPPENDORF, 2009, p. 49).

Conforme apontado por Trigo, a segmentação “visa atrair um público específico pra um lugar específico. É necessário conhecer bem o potencial turístico para assim oferecer produtos que ele teria disposição em consumir” (TRIGO; PANOSSO NETTO, 2009, p. 135).

Diversos são os fatores que levam as empresas a segmentarem seus produtos no mercado. Lohmann e Panosso Netto (2008) mencionam que além do direcionamento de estratégias, outros quatro motivos são salientes: 1) a necessidade de diferenciação dessas táticas para se alcançar os consumidores tão singulares em suas particularidades; 2) a competitividade tão característica do mercado globalizado nos diversos segmentos; 3) as mudanças de preferências e comportamentos diante de um produto ou destino já conhecido; e 4) a adequação e acompanhamento das tendências e alterações sociais e econômicas de forma criativa,

inovadora, visionária e antecipada. Visando a otimização do setor, estas estratégias perpassam tanto as empresas, por meio da potencialização dos lucros, quanto os turistas na tentativa de maximizar sua satisfação (LAGE, 1992).

Segundo estudos da Organização Mundial do Turismo (OMT), os destinos turísticos querem e precisam segmentar seus produtos, visto que esses fatores implicam na forma e qualidade de se atender àqueles que a eles se podem dirigir.

Dentre os benefícios da segmentação, cita-se a facilidade possibilitada pela identificação de públicos mais rentáveis, onde há menor concorrência para atuação, bem como as problemáticas existentes que ainda precisam ser solucionadas, e, portanto, se transformam em oportunidades de negócios. No que tange as próprias empresas do segmento, há a aplicação consciente e direcionada do recurso a ser investido, melhora a maneira de comunicação dos produtos e destinos e possibilita uma melhor adaptação às alterações do mercado (DIAS, 2005). É e deve ser, portanto, um desafio e uma preocupação constante por parte dos mercados em manter-se atualizados.

A segmentação ocorre com base em quatro critérios: geográficos, demográficos, psicológicos e econômicos (OMT, 2001). Conforme apontado pelo Barômetro da Organização Mundial do Turismo (WTO, 2007), sociodemografia, tipologias de viagens, motivações e estilos de vida são elementos influentes da segmentação turística (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013).

Posteriormente, em uma análise mais aprofundada e de maneira complementar os critérios já dados, Vaz (1999) propõe uma significativa variação dos critérios e os classifica como: psicográficos, se referindo aos estilos de vida dos turistas; comportamental, isto é, segmentos direcionados aos hábitos e costumes; demográfico pessoal, baseados nas características físicas, genéticas e de identificação; e demográfica socioeconômica, relativa a formação humanística da pessoa em sociedade.

Desses critérios apresentados, o psicográfico chama a atenção por tratar do conjunto de ideias do comportamento de um grupo, isto é, o estado mental/personalidade que por meio de uma análise psicológica, possibilita categorizá-los e desenvolver uma estratégia de ação turística. “Os turistas não são mais homogêneos que os destinos. Portanto, é igualmente decisivo classificá-los de acordo com suas preferências, seus motivos, suas razões de viajar, ou não viajar, para um local específico” (LAGE, 1992, p. 66).

Segundo Chias (2007), esta heterogeneidade é uma alavanca para o setor, pois movimenta o mercado turístico e abre portas para novas oportunidades, visto a diversidade de produtos e experiências buscadas pelos visitantes e que são constantemente atualizadas.

Vaz (1999) na tentativa de levantar os principais segmentos do turismo identificou 25 tipologias que combinam as características básicas da segmentação já mencionadas. São elas o turismo: infantil, juvenil, de época, viário, gastronômico, rural, balneário, esportivo, surpresa, aventura, ecológico, de terceira idade, single, romântico, familiar, saúde, de estudos, cultural, religioso, de raízes, de eventos, comercial, de negócio, de incentivo e social.

Lohmann e Panosso Netto (2008) na tentativa de compilar os segmentos do mercado turísticos já identificados, tendo por base o trabalho de Vaz, Beni (2001), Ignarra (2003), Ansarah (2005) e Brasil (Ministério do Turismo, s/d), desenvolveram uma extensa lista (ver anexo 1) que aponta a hipersegmentação do produto turístico, procurando abarcar todas vontades, necessidades e desejos do viajante.

Certo é que “a segmentação não tem uma receita certa ou uma única forma. É o resultado de uma combinação de fatores, de análises e de estratégias específicas para cada realidade” (BRASIL, 2010, p. 153).

Segundo Madia (2007, p. 239), “quanto mais globais somos, mais individuais e específicos nos revelamos em nossos comportamentos de compra. E, por isso, empresas buscam a segmentação e a customização”.

A cada dia, um novo segmento do turismo surge ou se subdivide, ou se reagrupa e se transforma em um novo segmento. A “hipersegmentação” no turismo é resultado da busca pela realização de vontades e necessidades dos viajantes, não realizadas na vida cotidiana, e que encontram na viagem caminhos para novas experiências que venham dar mais significado a suas rotinas (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008).

Portanto, percebe-se que a segmentação está voltada para a experiência do viajante. As classificações, por sua vez, tomam a forma de nichos, onde são trabalhadas para um melhor direcionamento do consumo de seus participantes (MELO, 2009).

Os critérios e benefícios proporcionados estão direcionados há obter uma melhor fruição da experiência turística, que também é decorrente da necessidade de diferenciar o produto turístico, em meio ao aumento da concorrência nos diversos segmentos desse mercado, dispostos a conhecer melhor seus clientes e se tornarem referência em determinado nicho (SUGAYAMA, 2000).

A fim de conquistarem novos clientes e fidelizarem os já efetivos, as empresas procuram manter-se atualizadas, de forma a adaptarem suas ofertas às novas exigências e demandas do mercado, incrementando e agregando valor tangível e intangível aos seus produtos (PANOSSO NETTO; ANSARAH, 2009). Este valor é a experiência turística.

Alguns autores, dentre eles Pine II e Gilmore (1999), destacam que estamos vivendo na

era da “sociedade da experiência” onde os momentos de lazer, entretenimento, hospitalidade e turismo precisam proporcionar ao consumidor espaço e tempo para vivências singulares e “experiências memoráveis” (LOHMANN, PANOSSO NETTO, 2008).

Lindstrom (2009, p. 23), afirma que “[...] ao longo do século passado o mundo da propaganda atendeu e satisfaz nosso sentido da visão garantindo excelente satisfação visual. Tornamo-nos visualmente sofisticados, e sabemos que o que vemos nem sempre é o que recebemos.” Sendo assim, o novo século impeliu as empresas a criarem estratégias que ativassem os outros sentidos, de forma a produzirem momentos marcantes e dotados de valor (PEZZI; VIANNA, 2015).

Segundo Lipovetsky (2007, p.63),

A civilização do objeto foi substituída por uma “economia da experiência”, a dos lazes e do espetáculo, do jogo, do turismo e da distração. É nesse contexto que o hiperconsumidor busca menos a posse das coisas por si mesmas que a multiplicação das experiências, o prazer da experiência pela experiência, a embriaguez das sensações e das emoções nova: a felicidade das “pequenas aventuras” previamente estipuladas, sem risco nem inconveniente.

Diante dessa realidade, as empresas têm incorporado o valor da experiência inesquecível, transformadora e/ou única, maximizando os aspectos sensoriais e emocionais de uma vivência e oportunizando a criação, interação e inovação nesse novo formato de se relacionar com o produto (SCHMITT, 2003).

Para Pine II e Gilmore (1999) a experiência é o quarto nível da oferta econômica e esta se apresenta como uma alternativa potencial para a competição presente entre as empresas. No caso do turismo, esta torna-se o meio para se construir memórias inesquecíveis (DALONSO et al., 2014).

Diante disso, pode-se questionar o que é esta experiência? Qual a experiência turística que não se encontra na realidade? Ela de fato acontece? Qualquer viagem proporciona uma experiência turística?

A maneira como o mercado do turismo se apropriou do conceito de experiência para nomear também um de seus segmentos (o Turismo de Experiência) apresenta certas abordagens reducionistas que vendem a “experiência turística” limitada e superficialmente, uma vez que se distancia das bases filosóficas que o campo da psicologia, por exemplo, tem se debruçado a entender e suscita aprofundamentos acadêmicos em estudos que perpassam esse segmento.

2.2. Abordagens filosóficas do conceito de experiência

O conceito de experiência faz referência há um momento singular que se distingue do ritmo do cotidiano seja por uma sensação proporcionada ao sujeito, uma ação, um contexto ou pessoas envolvidas. Duas ideias estão imbricadas no significado do conceito da experiência: 1) É um conhecimento adquirido com a prática e 2) Implica em uma vivência emocional que é decorrente do conhecimento acumulado a partir da prática (AMATUZZI, 2007).

Em um estudo sobre o termo experiência para a psicologia, Amatuzzi (2007) apresenta definições importantes da etimologia da palavra em latim e grego, que implicam no entendimento desta na língua portuguesa. Estas definições etimológicas são fundamentais para o aprofundamento do conceito, na tentativa de compreender suas complexas e singulares características.

Da origem latina, a palavra experiência vem do verbo *periri* (tentar, provar, empreender, experimentar) que a partir da preposição *Ex*, surge *Experientia* que significa prova, ensaio, tentativa, isto é, experiência (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Nessa mesma perspectiva, do grego *peíra* (prova, tentativa) que originará o verbo *peiráo* (tentar, empreender) e *empeiría* (experiência) que foi absorvido pela filosofia como “empíria”, referindo-se aos conhecimentos apreendidos não pelo raciocínio lógico, mas pela experiência sensorial.

Como se vê, o termo *experiência*, pela sua origem, significa o que foi retirado (*ex*) de uma prova ou provação (*-perientia*); um conhecimento adquirido no mundo da empiria, isto é, em contato sensorial com a realidade. Experiência relaciona-se com o que se vê, com o que se toca ou sente, mais do que com o pensamento (AMATUZZI, 2007, p. 9).

De maneira mais objetiva, conforme é apresentado no Dicionário de Filosofia, a palavra experiência estaria relacionada a um fato interno (FERRATER MORA, 2004).

Inspirado em Rogers & Kinget (1975), este fato é internalizado pelo organismo e por ele é percebido e conscientizado de forma imediata, transformando-se em um símbolo na consciência. Quando esta simbolização não acontece no sujeito, pode-se denominá-la de “experiência inconsciente” ou então, “experiência em si mesma” (AMATUZZI, 2007).

No mesmo dicionário, há ainda uma concepção da experiência como apreensão do real. Apresentando um sentido mais intencional ou dependente de relações, a experiência produz significados que dão acesso ao real e, dessa forma, o sujeito percebe a ação de uma maneira mais ampla e complexa, colocando-a em um patamar qualitativo que a distingue de um

comportamento numa ação comum.

Esse acesso ao real, no entanto, está condicionado e é influenciado pela cognição, história e significados culturais de cada indivíduo (BARBOTIN, 2004; FERRATER MORA, 2004; AMATUZZI, 2007).

Para Lalande (1999) há sempre um valor apreciativo na experiência. Não são todos os acontecimentos da vida que podem ser assim denominados. O experimentar uma situação e dela sair experienciado compreende um fenômeno transitório, que enriquece o pensamento e que, segundo o autor, fornece conhecimentos válidos ao espírito decorrentes da reflexão dos processos mentais resultantes da vida.

Esta é, portanto, “um produto dos sentidos e do entendimento” (KANT, 1973, p. 133) e dessa forma,

[...] não se compõe exclusivamente da recepção imediata de um múltiplo sensível, da qual se tem consciência, ou seja da percepção (*Wahrnehmung*) pelos sentidos, mas também da atividade que conecta entre si um tal múltiplo. Portanto, a experiência não se esgota na passividade da percepção sensível (muito embora esta lhe seja imprescindível); pertence-lhe ainda um julgar sobre o percebido (ROTSTEIN, BASTOS, 2011, p. 375).

Nesse mesmo sentido, Husserl (2000) também identifica dois níveis de contato com o que é percebido. O primeiro caracteriza-se pela passividade do sujeito frente ao impacto com o mundo, cedendo-se a afetividade e atração por ele causada; e o segundo, pela atividade na elaboração desse impacto, no qual o “eu” busca apreender suas características, valor e significado, bem como perceber a si próprio no processo. A experiência em si, se vale mais desta segunda apreensão do mundo.

Percebe-se assim, a linha tênue existente e a dificuldade de distinção do que é experiência ou não, em especial, quando se trata de entender uma percepção de um sujeito que não é si próprio. Desta dificuldade, bem como aproximando-se do primeiro nível passivo da percepção, a palavra “vivência” é comumente dada como sinônimo de experiência. Tal fato decorre da origem e significado da mesma palavra em alemão, *Erfahrung* e *Erlebnis*, que suscita a necessidade de uma breve abordagem e justifica a equivalência dos termos.

Originadas do verbo *erfahren* que significa aprender, vir a saber, descobrir, onde *fahren* é viajar, ir conduzido. *Erfahrung* expressa o conhecimento adquirido pela prática da vida, aprendizagem na vivência, enquanto que *Erlebnis*, está ligada a emoção sentida durante essa prática, isto é, a vivência em si.

Passar por uma vivência (*Erlebnis*) é sentir o impacto de um encontro; é algo imediato e anterior às elaborações mentais que poderiam ser feitas depois. Por isso o termo

se tornou importante na fenomenologia. Ele expressa o que nos é dado de forma imediata, o que experienciamos, antes mesmo de termos refletido ou elaborado qualquer conceito mais preciso (AMATUZZI, 2007, p. 10).

Tais conceituações permitem afirmar que a experiência pode existir durante uma vivência extraordinária e única, mas que não necessariamente ela aconteça em todas as vivências. Segundo Turner (1986), o estranhamento com o que lhe é familiar, acarreta uma interrupção de papéis no qual o sujeito experiencia e percebe essa experiência como divergente do habitual. Esta pode também depender de um estímulo para que seja percebida, conscientizada, e, conseqüentemente, “permanecer pela vida toda” (SCHIMITT, 2002).

De acordo com o Dicionário Oxford, experiência e consciência são os focos centrais da filosofia da mente, decorrentes de fluxos particulares de quem os vivencia e suas relações com acontecimentos do mundo externo. Tais fluxos formam a “vida consciente do sujeito possuidor” (TRIGO, 2010, p. 26).

Sobre a relação experiência e consciência, o dicionário pontua que “apesar dos complexos processos biológicos e neurais que formam a mente, é minha consciência que organiza o teatro onde minhas experiências e pensamentos existem, onde meus desejos são sentidos e onde minhas intenções são formadas” (BLACKBURN, 1996, p. 130).

Nesse mesmo sentido, há o que alguns psicólogos denominam de “passagem do meio” que está também relacionado a experiência de autodescobrimento durante a viagem da vida. A potencialidade de conquistar-se uma sabedoria e vitalidade passa por uma viagem interior na busca pela autenticidade do eu (HOLLIS, 1995). Dawsey (2005) nomeia esses momentos como ritos de passagem, resultado dessa dicotomia, do qual já se espera retornar diferente, isto é, “experienciado”.

Portanto, percebe-se que as experiências acontecem no mundo-da-vida, e mesmo as mais básicas experiências são substratos para toda ordem de experiência (HUSSERL, 2000).

[...] a experiência é essencial para a socialização, o aprendizado, a articulação profissional e a satisfação pessoal. Está imersa em uma nuvem complexa de denominações, assim como os temas consciência, teoria, ideia ou vida. Possui, porém, diferentes graus de intensidade, duração, qualificação (positiva, negativa, prazer, dor) e hierarquização axiológica, sempre no contexto da subjetividade e do pluralismo sociocultural e biológico que marca a espécie humana (TRIGO, 2010, p. 26).

Verifica-se então, que não é aplicável uma apropriação simplista do conceito de experiência e que as diversas abordagens filosóficas perceberam-no de forma complexa e intrínsecas a percepção do sujeito. O desafio torna-se ainda maior quando o próprio sujeito, que é autor central da experiência, parece não se perceber diante dos acontecimentos (LOUREIRO,

2015).

A experiência envolve os sentidos, o imaginário, o tempo e o corpo. Aplicá-la ao turismo, que também depende do sujeito para seu acontecer, é ter como ponto de partida esta complexidade e desafio que muitas vezes parecem passar despercebido também ao turismo (MACIEL, 2010; TRIGO, 2010).

2.3. A experiência aplicada ao turismo

Desde os primórdios, viajar é viver uma experiência paradigmática que, genuinamente, transforma a pessoa que a realiza (LEED, 1991). Para Oh, Fiore e Jeoung (2007), a experiência tem sido um elemento chave para as viagens, bem como, tem direcionado um novo olhar nas pesquisas em turismo.

Pine II e Gilmore (1999) apontam que a vantagem desta aproximação de conceitos é a potencialidade das experiências enquanto acontecimentos memoráveis, que se desdobram ao longo de tempo e que possuem valores únicos para cada indivíduo, diferenciando-se de bens tangíveis, padronizados e voláteis.

Segundo Cohen (1974), o turismo por si só é uma experiência por conotar uma alteração no cotidiano, um momento que comumente não está presente na rotina e que, portanto, é algo diferente, incomum.

Por outro lado, Tung e Ritichie (2011, p. 1369) afirmam que a experiência turística pressupõe “uma avaliação individual subjetiva (afetiva, cognitiva e comportamental) de eventos relacionados à sua atividade turística que começa antes (ou seja, planejamento e preparação), durante (ou seja, no destino), e depois da viagem (ou seja, o recolhimento)”.

Baseados em Van Gennep (1960), Pezzi e Vianna (2015) também apontam essas três fases da viagem como processos da experiência turística, por eles denominadas de ritos de passagem: separação ou ruptura; margem ou liminar; e reagregação ou reincorporação.

Segundo os autores, a experiência turística inicia-se durante o “cotidiano”, quando se planeja e prepara para viagem. Nesse momento o sujeito da viagem pode estar inundado de ansiedade, curiosidade, expectativas e informações, quando então, rompe com a rotina e inicia a viagem.

Durante ela, as emoções vividas são confrontadas com as expectativas da fase anterior, podendo despertar a lembrança de experiências passadas. Quando a viagem está chegando ao final, “o indivíduo é forçado a encontrar-se consigo mesmo e ser lembrado de seu papel anterior,

mesmo que possa ter havido um ressignificado nesta passagem” (PEZZI, VIANNA, 2015, p. 169).

No entanto, a viagem não termina ao retornar dela. Retomando a rotina, a experiência vivida perdura-se na forma de fotografias, lembranças e souvenirs, e é relembrada por meio de narrativas e conversas com amigos. De acordo com Graburn (1989, p. 63), “[...] as lembranças são provas tangíveis da realidade da viagem e com frequência se compartilha com parentes e amigos, pois o que realmente se traz são recordações das experiências”.

Estas primeiras abordagens da experiência turística já possibilitam perceber as formas como os autores destrincharam o conceito de experiência, aproximando-se ora do aspecto pessoal e único da experiência para o sujeito da viagem, ora tomando o fenômeno do turismo como substrato para experiências do mundo da vida, ora abordando-o como “passagem do meio” que pressupõe uma autoanálise.

É válido citar que dentre os diversos segmentos estabelecidos pelo marketing turístico, há o “Turismo de Experiência” que tem o turista como protagonista, aquele que participa ativamente da própria viagem, sendo necessário entender seus anseios e curiosidades, que vão além de uma contemplação passiva, e no qual a viagem o marca profunda e positivamente (DALONSO et al., 2014; PEZZI; VIANNA, 2015; PANOSSO NETTO, 2010; MACCANNELL, 1976).

Diversos estudos têm apontado para três dimensões do segmento turismo de experiência. São elas: emoção (HOSANY; GILBERT, 2010; KIM, 2012), educação (KIM; RITCHIE; MCCORMICK, 2012; TUNG; RITCHIE, 2011) e autenticidade (LI, 2000; WANG, 1999).

A emoção configura-se como a experiência sensorial, a afetividade do eu diante do contato com o mundo vivido. A educação remete a etimologia da palavra experiência enquanto superação de obstáculos, prova, tentativa e conscientização do processo vivenciado que gera um significado, passível de transformação. Este pode ser o aprendizado. Já a autenticidade, faz referência a fuga do cotidiano na busca por experiências criadas pelo turismo, priorizando atividades que retratem aspectos da cultura local, característicos aquele povo ou nacionalidade, isto é, há uma vivência única que se distingue do habitual (MACCANNELL, 1973). Estas dimensões estão intrínsecas não só ao conceito de experiência, mas aos próprios propósitos da viagem no imaginário popular.

De modo geral, evidencia-se que ora mais superficiais, ora mais aprofundadas, os discursos e efeitos gerados ao agregar o conceito de experiência ao fenômeno do turismo, que por si só, carrega um imaginário dotado de expectativas e anseios por parte do sujeito da

viagem, possibilita aproximações que carreguem as potencialidades deste conceito enquanto construtor do eu pela viagem, mesmo que tomados enquanto um segmento do marketing.

Sobre este último, Trigo (2010) ressalta que embora a compreensão do valor da experiência agregado ao produto turístico tenha se mostrado um diferencial relevante, a forma banalizada como o conceito foi apossado, o tornou apenas um modismo superficial, neutralizando os avanços conquistados.

Para o autor,

Quando, no caso de viagens e turismo, propaga-se um segmento denominado turismo de experiência sem analisar as implicações do conceito, corre-se o risco de discorrer ao mesmo tempo sobre tudo e sobre nada ou de ficar em estereótipos como aventura, esporte, natureza, arqueologia ou, simplesmente, no âmbito do fake e do kitsh, remodelados como produto inéditos. Ou, ainda pior, de usar do emocionalismo rasteiro, tão presente em parte da mídia, para maquiar uma experiência banal e transformá-la em algo pretensamente relevante (TRIGO, 2010, p. 29).

Aproximando-se da discussão filosófica sobre o conceito da experiência, o autor afirma ainda que “[...] para ser uma experiência, a viagem precisa superar a banalidade, os aspectos triviais, estereotipados e convencionais e estruturar-se como uma experiência que nasça da riqueza pessoal do viajante em busca de momentos e lugares que enriqueçam sua história” (TRIGO, 2010, p. 35).

Também, pontua a necessidade de algumas condições singulares, como as pessoas envolvidas na viagem, as atitudes e posturas sociais, políticas e culturais, no decorrer da atividade turística, de maneira a ir contra o processo de banalização da viagem, em que perde-se o “choque emocional”, a alegria do descobrimento, e atravessam o sentido da viagem, presente desde os mitos gregos (URBAIN, 1993).

Benjamin (1983) já no fim do século XX destacava que a crescente velocidade dos acontecimentos da vida, enfraquecia e limitava a experiência. Para Larossa (2004), o excesso de informação, opinião, ocupações e a falta de tempo, são os “inimigos mortais” da experiência.

Alguns estudos têm mostrado ainda que o efeito da experiência turística dura de 2 a 3 semanas, e em outros casos, apenas poucos dias (ETZION, 2003; NAWIJN et al., 2013). Sousa (2010) ressalva, então, se esta seria possível diante de um emaranhado de opções que dependem da escolha e consciência pessoal, e de sua relação com o tempo e com a vida.

Daí a necessidade de se pontuar que experiência não é uma ação imediata e constante na viagem. Na verdade, “toda experiência é construída, ou, melhor dizendo, toda experiência é em construção” (FIGUEIREDO, 2002, p. 23-24).

Dessa forma, destaca-se a potencialidade do momento da atividade turística enquanto

espaço-tempo para viverem verdadeiras experiências que não se findam em si mesmas, mas que permanecem após a viagem e que podem ser agregadas de novos valores e enriquecidas se inseridas em um novo contexto.

Certo é que nem toda vivência turística é uma experiência, bem como, é passível de questionamentos, um segmento que se intitula “de experiência”, do qual, portanto, espera-se um conjunto de produtos e serviços que, em qualquer circunstância e independente do indivíduo, possibilite e estimule a manifestação de memórias, emoções, sentimentos ímpares, aprendizados autênticos e/ou autoconhecimento.

A viagem, em particular no contexto da globalização, apresenta-se como um dos raros momentos de fruição do tempo em que o sujeito se expõe aos acontecimentos de maneira voluntária e corajosa, se entregando ou correndo os riscos que as situações lhe proporcionam.

Considera-se, portanto, que toda vivência do turismo pode ser espaço para uma experiência (trans) formadora do sujeito. Esta depende da disposição de quem a pratica em se deixar-se rememorar, emocionar-se, aprender e autoconhecer-se.

Assim como a condição para nos deslocarmos em direção a um lugar é não nos encontrarmos neste, assim como o anseio por algo e a tentativa de obtê-lo pressupõem não estarmos em sua posse, do mesmo modo, nossos sentidos dão-nos acesso a algo que não poderia ser alcançado através do exame da mera forma de nosso pensar, àquilo que, portanto, não se encontra desde sempre conosco. Ora, a existência e as propriedades do que se situa fora de nós podem ser atestadas apenas se nos ‘transportamos’ para junto deste. É o lançar-se em direção a algo que nos falta na tentativa de alcançá-lo, o ‘entrar em comércio’, o que designa fundamentalmente a ‘experiência’, mas também o conhecimento obtido em tal lançar-se, que, à maneira do saber dos viajantes sobre lugares distantes, não se deixa antecipar pela revelação, adivinhação ou intuição intelectual, isto é, não pode advir de outro modo que [não] pela viagem (ROTSTEIN, BASTOS, 2011, p. 372).

Para o aprofundamento nesta temática, deve-se então olhar para essas experiências carregadas e agregadas da verdadeira singularidade deste conceito, que traz da sua própria etimologia e reflexões filosóficas, a capacidade de colocar em prova e experimentar a realidade, abrir-se as suas subjetividades e emocionar os sujeitos diante dos acontecimentos, despertando a memória, a tradição, a compreensão de mundo e o seu entendimento particular. No mais, deve estar centrada no sujeito, nas suas características psicológicas e formativas, de forma a oportunizar tempo para reflexões e conexões com o próprio mundo e espaço, para a construção do significado dessas experiências, isoladas ou reunidas, na consciência e na vida deste sujeito.

O próximo capítulo, então, descreverá uma maneira de olhar e tratar essas experiências, buscando um caminho para entender e se aprofundar na complexidade das particularidades do conceito e do próprio intercambista.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo será abordado o método científico utilizado neste trabalho que corresponde ao conjunto de fases e regras adotadas como procedimento para realizar uma pesquisa, a fim de que seus resultados sejam validados e aceitos como congruentes pela comunidade científica (BUNGE, 1990).

Este processo implica, portanto, em modelos empíricos-experimentais, técnicas e estratégias de forma a obter um conhecimento científico, seja ele técnico, teórico ou prático, de fatos ou realidades, neste caso, da atividade turística. Para tanto, faz-se necessários seguir uma sequência de etapas, tendo em mente as características individuais de cada pesquisa, que serão descritas nos próximos subcapítulos (PEREZ, 2005).

3.1. Tipologia da pesquisa

Buscando-se analisar a experiência do sujeito da viagem, identifica-se a necessidade de adotar um método que abranja a complexidade da consciência e vivência humana, que ganhe sentido e significado dentro do contexto em que está inserido, bem como, no universo do turismo (DARTIGUES, 2003).

Por se tratar de um fenômeno que possui como objeto de investigação o próprio “acontecer da viagem” inscrito na individualidade do sujeito, a fenomenologia se apresenta como um caminho propulsor para analisar algo que “se mostra a si mesmo, tal como é, do modo que é” (PANOSSO NETTO, 2011, p. 131).

Segundo Molina (1991), este método é uma alternativa para as investigações turísticas uma vez que, por meio dela, o turismo ganha um sentido humano.

No mais, de acordo com Bicudo (2000, p. 74):

A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, como é percebido e manifesto pela linguagem; e trabalha também com o que se apresenta como significativo ou relevante no contexto no qual a percepção e a manifestação ocorrem.

Dessa forma, esta pesquisa se propõe a colocar o fenômeno da viagem em suspensão, indo em busca dos substratos decorrentes do seu acontecimento, manifestos por meio da linguagem, isto é, da rememoração que os sujeitos envolvidos apresentam como momentos significativos e impactos relevantes pós a experiência de viagem.

Percebe-se que o caráter qualitativo está intrínseco nesta forma de abordagem, pois, ela é construída de maneira interativa, por meio da relação entre o pesquisador e o indivíduo, no qual, será o próprio pesquisador responsável por coletar as informações a serem analisadas.

Perez (2005, p. 12) define a pesquisa qualitativa como:

[...] uma estratégia usada pra responder perguntas sobre grupos, comunidade e interações humanas e tem a finalidade de descrever os fenômenos de interesse ou de prever os fenômenos turísticos, ou ainda os de comportamento humano e sua relação com o turismo. As características intrínsecas da pesquisa qualitativa incluem uma análise intuitiva dos dados, mostrando os resultados a partir da própria observação da realidade.

A viagem é parte do comportamento humano e fenômeno de interesse e curiosidade desde a sua apropriação como espaço/tempo de descobertas de novos lugares, isto é, desde a época dos grandes descobrimentos. As experiências proporcionadas por sua vivência são aspectos singulares que suscitam um aprofundamento que os qualifique, a partir da observação de um contexto específico: para esta pesquisa será abordado a viagem de intercâmbio.

No mais, para Veal (2011, p. 264), “um dos pressupostos básicos da pesquisa qualitativa é de que a realidade não é construída de forma objetiva, mas social e subjetivamente”, permitindo uma abordagem mais flexível e interpretativa.

Diante disso, esta pesquisa também se caracteriza como explicativa, pois procura entender o porquê, a razão das coisas como acontecem, aprofundando-se no conhecimento da realidade em análise, identificando os fatores que impactam direta ou indiretamente para a ocorrência de determinado fenômeno e, conseqüentemente, o sentido e o que é produzido a partir dele (GIL, 2008).

Portanto, está clara a tentativa de apropriar-se do método fenomenológico como caminho para se entender atitudes naturais, vivências intencionais da consciência, que produzem significados e dão sentido ao mundo das viagens (MERLEAU-PONTY, 1971; DARTIGUES, 2003).

Este método não possui uma regra ou modelo a ser seguido, mas se constitui como a ciência de essências (eidética), pois se propõe a estudar o que já está dado, que surge à consciência. “Trata-se de explorar esse dado, “a própria coisa” que se percebe, na qual se pensa, da qual se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre a relação que liga o fenômeno com o se do qual ele é fenômeno como sobre a relação que o liga ao eu para quem ele é fenômeno” (LYOTARD, 1967, p. 9).

A este processo, Husserl, considerado um dos pais da fenomenologia, dará o nome de “redução eidética”, que consiste em buscar o significado ideal, isto é, a estrutura própria de um

dado objeto ou fenômeno. Para tal, o pesquisador distancia-se dos conceitos e pressupostos que possui deste objeto, suspendendo seus juízos, e indo em busca do “ser fundamental, de fenômenos tais como percepção, sensação, imagem, consciência, fato psíquico etc.” (DARTIGUES, 2003, p. 30; HUSSERL, 2000).

Vale ressaltar que por ir a fundo no estudo do significado dos fenômenos, é um método propício para pesquisas a respeito da experiência de vida das pessoas, e o ideal é que seja aplicado a grupos de poucos sujeitos que estejam inseridos em um mesmo contexto ou situação social (PANOSSO NETTO, 2011).

Assim, nesta pesquisa toma-se o fenômeno das viagens, inserido no contexto do intercâmbio universitário, como objeto dado e que possui em si características singulares, despertando nos sujeitos sensações e emoções internalizados pela consciência que, se instigados pelo pesquisador, pode suscitar a manifestação de significados essenciais deste fenômeno.

3.2. Estruturando a pesquisa

Inicialmente a pesquisa divide-se em duas partes fundamentais: revisão bibliográfica/de literatura e pesquisa empírica.

De acordo com Oliveira (1999), a revisão bibliográfica consiste em uma pesquisa teórica a fim de verificar e discutir com clareza os principais conceitos relacionados ao tema proposto e as contribuições científicas já produzidas. Para tanto, consultou-se livros, artigos de origem nacional e internacional, dissertações e teses que abordassem sobre turismo e experiência, bem como suas interfaces e correlações.

Nesta primeira parte, destacam-se os seguintes autores e obras como referências para as discussões propostas: Panosso Netto (2010; 2011), Trigo (2010; 2013), Figueiredo & Ruschmann (2004).

Em seguida, é desenvolvida uma análise do conceito de experiência e sua aplicação no turismo, sendo este o foco de diversas pesquisas nacionais e internacionais, possibilitando nomear o atual cenário econômico-social como era das experiências ou sociedade das experiências.

Para esse estudo, utilizou-se principalmente os trabalhos de Amatuzzi (2007), Husserl (2000), Trigo (2010), Pine e Gilmore (1999) e Pezzi & Viana (2015).

Todo este levantamento será fundamental para as investigações dos resultados obtidas a partir da pesquisa empírica, que consiste no processo de obtenção de dados a partir de uma realidade e a análise posterior (DEMO, 2000), a ser realizada conforme os seguintes

procedimentos: estabelecimento de categorias, codificação/tabulação, análise dos dados, avaliação das generalizações obtidas, inferências e interpretação (GIL, 2008).

Para obtenção dos dados, faz-se necessário a escolha de um grupo de participantes específico (amostra) e técnicas de específicas para coleta das informações e suas respectivas interpretações, aspectos da pesquisa empírica a serem detalhados a seguir.

3.3. Definição da amostra

Segundo Gil (2008, p. 94) a definição da amostra “consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população”.

Embora haja a necessidade de se trabalhar com um grupo reduzido de participantes, optou-se por desenvolver a pesquisa empírica com pessoas que vivenciaram a experiência da viagem de intercâmbio visto a popularidade que este tipo de viagem tem alcançado na sociedade, bem como seus propósitos, objetivos e consequências na vida do viajante.

Para a seleção desses participantes, faz-se necessário considerar que, conforme é apontado por Caspi & Roberts (2001), as mudanças que ocorrem durante a adolescência e início da juventude são consideradas mais formativas do que transformadoras. Aos 30 anos, o sujeito já possui uma personalidade psicológica desenvolvida e amadurecida, da qual, as experiências por ele praticadas a partir desse momento, são conscientemente melhor percebidas.

Além disso, a viagem de intercâmbio se mostra um momento viável para essas vivências, pois acredita-se que as escolhas feitas pré e durante a viagem, estão sob domínio do viajante.

Para que seja uma experiência de viagem com impacto considerável, esta precisa possuir uma duração mínima de 3 meses e máxima de 12 meses, para que também se mantenha dentro dos padrões temporais de uma viagem turística, conforme especificado pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

Para tanto, foram selecionados intercambistas participantes do Programa Ciência Sem Fronteiras (CSF) que consistiu em uma iniciativa do Governo Federal, criada em 2011 durante o mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, com o objetivo “promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional” (BRASIL, *online*, 2019).

No mais, o Programa tinha por objeto investir na formação qualificada de competências

técnicas e habilidades estratégicas para o bom desenvolvimento da sociedade do conhecimento; possibilitar o incremento no número de pesquisadores brasileiros em faculdades e universidades de prestígio internacional, bem como o reconhecimento e inserção das instituições nacionais em nível global; incentivar e ampliar a pesquisa em inovação para indústrias tecnológicas; e atrair talentos para trabalhar no Brasil (BRASIL, *online*, 2019).

A iniciativa contava com a parceria dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC) e concedia bolsas de intercâmbio para estudantes de graduação e pós graduação (mestrado e doutorado) financiadas pelas suas respectivas instituições de fomento, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e também por empresas parceiras.

Além das mais de 100 mil bolsas oferecidas aos intercambistas, buscava-se atrair pesquisadores do exterior dispostos a desenvolver parcerias com empresas e áreas priorizadas pelo programa, eram elas: Ciências Biológicas, Exatas, da Saúde e da Terra; Computação; Energia; Tecnologia da Informação e Engenharia, sendo essa última a responsável pela maior parte das bolsas utilizadas.

Vale destacar que a maior parte das bolsas foi concedida a alunos para graduações sanduíche. Os requisitos para participar da seleção eram: ser brasileiro ou naturalizado; já estar matriculado em alguma instituição de ensino superior no Brasil em cursos relacionados às áreas priorizadas pelo programa, com bom desempenho acadêmico e cursado no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto; e, ter obtido no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no mínimo 600 pontos.

Uma vez aprovado, o candidato receberia como benefícios o valor da mensalidade de bolsa, auxílio-instalação, auxílio material didático, passagens aéreas e seguro saúde. A duração da bolsa seria de até 12 meses, podendo estender-se até 18 meses quando incluísse curso de idioma.

O primeiro edital formalizado e disponível para consulta no site oficial do programa selecionou alunos a participarem da graduação sanduíche que foram chamados em 2012 com bolsas para diversas Universidades da Austrália, Bélgica, Canadá, Coreia do Sul, Espanha, Holanda e Portugal.

O Programa teve fim em 2016, sendo que a última chamada de graduandos foi realizada em 2014 para intercâmbios no início do ano seguinte. Segundo as últimas notícias que saíram sobre o programa, a justificativa para o encerramento foram o alto custo para a manutenção dos alunos no exterior e o pequeno retorno para o Brasil por parte dos participantes. Algumas bolsas

para alunos de pós-graduação permaneceram até meados de 2017.

Segundo Castro *et al* (2012), quando comparado com o número de bolsas oferecidas pelas mesmas instituições de fomento (CNPq e Capes) nos anos anteriores (1997 – 2009), o programa quadruplicou o número de bolsistas brasileiros no exterior. Além disso, sua relevância para o sistema educacional brasileiro pode ser entendida enquanto política pública nacional que procurou expandir significativamente os padrões do ensino superior, aproximando dos níveis internacionais de qualidade. Destaca-se também na priorização de bolsas para estudantes da graduação, quando anteriormente o foco estava em bolsas de pesquisa e pós-graduação, bem como a ênfase na formação técnica.

Estes aspectos do CSF, fomentou a escolha dos alunos bolsistas do primeiro ano do programa (2012) como participantes desta pesquisa, por meio de uma seleção aleatória e participação voluntária. No total, foram contatados 23 participantes, sendo 2 intercambistas da Austrália, 3 da Bélgica, 5 do Canadá, 4 da Coreia do Sul, 3 da Espanha, 4 da Holanda, 1 de Portugal e 1 do Reino Unido. Destes, 3 participaram do pré-teste (Canadá, Bélgica e Austrália) e apenas 15 participaram do teste e análise final. Mais informações sobre a técnica utilizada para coleta dos dados e formas de abordagem, serão apresentadas a seguir.

3.4. Técnica de coleta de dados

Na tentativa de coletar as informações necessárias para responder os objetivos propostos e aprofundar as discussões acerca da potencialidade da atividade turística como espaço e tempo para experiências, verificou-se a necessidade de uma abordagem minimamente estruturada, no qual o participante sentisse à vontade para falar, refletir, exemplificar e até mesmo emocionar-se com os assuntos a serem abordados.

Para tanto, optou-se pela técnica da entrevista que é definida por Gil (2008, p. 109)

[...] como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Utilizada amplamente no campo das ciências sociais, esta técnica possibilita entender o que as pessoas sabem, sentem, acreditam, esperam, anseiam, fizeram ou pretendem fazer, assim como compreender sobre suas razões e justificativas pessoais para tais comportamentos ou sensações (SELLTIZ et. al., 1967). Desta forma, se mostra bastante pertinente aos objetivos

propostos nesta pesquisa.

Esta teve como foco a viagem de intercâmbio, apesar de no início procurar abordar questões mais gerais e pessoais da vida do entrevistado, a fim de se perceber valores já pré-existent.

Todas as entrevistas foram realizadas por Skype ou Whats App, conforme a preferência do entrevistado, e contou com um roteiro estruturado com alguns questionamentos para servir de condutor do diálogo.

3.4.1. Abordagem dos entrevistados

Inicialmente os participantes do CSF foram contatados através das plataformas Facebook, LinkedIn e e-mail disponível no Lattes, recebendo uma mensagem que buscava confirmar a participação no programa e os convidava a participar da pesquisa:

Olá [nome do bolsista], tudo bem? Meu nome é Caroline Nery, sou aluna do mestrado em Turismo na Universidade de São Paulo e, primeiramente, gostaria de confirmar se você participou do Programa Ciência Sem Fronteiras em 2012? Se sim, estaria disponível e interessad@ a participar de uma entrevista online (por Skype ou Whats app) de 15 a 20 min sobre sua experiência no Programa?

Cerca de 170 alunos receberam a mensagem convite e apenas 39 (cerca de 23%) responderam se disponibilizando a participar da pesquisa. Destes, 3 participaram da fase teste e 22 alunos tiveram as entrevistas agendadas sendo que em 2 casos, houve um desencontro de horário e a entrevista não aconteceu. Destas 20 entrevistas, 3 entrevistas tiveram de ser excluídas pelo fato do participante se distinguir do perfil da amostra escolhida, seja pelo período que viajou e/ou por ter percebido uma tentativa de induzir as respostas e em 2 houve problemas técnicos que não possibilitaram a análise. Portanto, o relato de experiência de 15 entrevistados foi considerado nesta pesquisa. Os outros 9 convidados que se dispuseram a participar, não retornaram quanto a melhor data e horário para o agendamento da entrevista e 5 responderam depois de já ter encerrado o período das entrevistas.

Vale ressaltar que para as análises feitas no próximo capítulo, os participantes (utilizou-se a letra “P” de “participante” para identificá-los) foram enumerados aleatoriamente (P1, P2, P3, P4...) de maneira a permitir aproximações entre os conteúdos de cada um dos relatos e a identificação de um mesmo participante em temáticas diferentes.

Confirmando o interesse na participação voluntária, o bolsista era informado que em breve seria contatado para o agendamento da entrevista, mediante sua disponibilidade e através

do recurso de sua preferência (Chamada de Whats App ou Skype – com ou sem vídeo). Combinado a data e horário do diálogo, participante recebia o questionário antecipadamente para que pudesse estar familiarizado com os assuntos a serem abordados, além de ter tempo hábil para relembrar fatos marcantes da sua vida e experiência de intercâmbio. Esta antecipação é resultado do pré-teste realizado, visto que o entrevistado que recebeu o questionário antes, trouxe as vivências de forma mais rica e detalhada, distinguindo-as e salientando o porquê de seus significados.

Na data combinada, antes de iniciar a entrevista, explicava-se genericamente do que se tratava a pesquisa e solicitava a autorização do entrevistado para gravá-la. Uma vez concedida, o bate papo começava procurando não se prender ao questionário enviado, de forma que o participante contasse aquilo que mais havia sido marcante, bem como era instigado a justificar tais escolhas e posturas.

Embora na mensagem convite enviada aos participantes dissesse que as entrevistas durariam em torno de 15/20 minutos, a maioria se prolongou por 20 a 30 minutos, sempre deixando o entrevistado discorrer livremente sobre os diversos aspectos da viagem. Das 15 entrevistas analisadas, a mais curta durou 18 minutos, e a mais longa 45 minutos.

Ressalta-se que em momentos que o entrevistado se emocionava (olhos margeados, trepidação na voz, entusiasmo exacerbado), o entrevistador tomava nota para que fosse considerado no momento das análises.

No apêndice A apresenta-se um rascunho com as primeiras ideias da estrutura deste diálogo, no B, o questionário base utilizado no pré-teste, e no C, o questionário final com os devidos ajustes provenientes do pré-teste.

A seguir, será apresentada as principais características da metodologia de Análise de Conteúdo e sua importância nas discussões da temática desta pesquisa.

3.5. Análise de dados por meio da Análise de Conteúdo

Segundo Poupart et. al. (1997), adotar uma metodologia compreensiva dos fenômenos sociais possibilita vantagens epistemológicas na pesquisa qualitativa, pois esta parte do princípio que os atores são essenciais para que se possa entender os comportamentos sociais, éticos e políticos, uma vez que se aprofunda em contradições e dilemas da sociedade vigente, e também metodológicos, sendo instrumento potencial para análises das experiências e práticas sociais. Nesse sentido, vale acrescentar que “não pretende testar hipóteses para comprová-las

ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados” (MORAES; GALIAZZI, 2013, p. 11).

Diante disto, percebeu-se que a análise de dados por meio dos conteúdos, isto é, um olhar mais atento aos diversos assuntos abordados nas comunicações obtidas por meio das entrevistas, possibilitariam uma abrangência dos significados e valores presentes na experiência contada, e dessa maneira, indo de encontro a proposta do estudo fenomenológico.

Para Bardin (1977), a análise de conteúdo tem por foco qualificar as vivências do sujeito e suas percepções sobre determinado objeto e fenômenos. Segundo o autor, é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

Para tanto, se constitui de técnicas que descrevam conteúdos obtidos por meio da comunicação: “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um instrumento marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31).

É, portanto, considerada um instrumento apropriado a diversos campos de investigação que se utilizem da comunicação como fonte de dados. Esta comunicação, por sua vez, pode ser advinda de conteúdo verbal e não verbal, como por exemplo revistas, folhetos, fotografias, gravações, diários pessoais, dentre outros, que se apresentam ao pesquisador no seu estado bruto, a fim de serem trabalhadas para se obter a interpretação a que se aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999).

Segundo Bardin (1977), dois são seus objetivos principais: a ultrapassagem da incerteza, visto que vai em busca de descobrir o que efetivamente está lá contido, ir além das transparências; e o enriquecimento da leitura, uma vez que a descoberta dos conteúdos e suas estruturas permitem esclarecer elementos de significações suscetíveis, isto é, descrever aspectos que antes não se detinha uma compreensão mais totalitária.

Além dos objetivos mencionados, o autor aponta também duas funções da análise de conteúdo, que no decorrer da pesquisa podem coexistir ou estarem dissociadas; são elas: função heurística – que compreende a uma análise “para ver o que dá”, ou seja, um olhar mais exploratório – e a função de administração de prova – que consiste em uma verificação mais sistemática utilizada para “servir de prova”.

Referente ao conteúdo analisado, o pesquisador pode apropriar-se apenas do conteúdo manifesto, isto é, restringindo-se ao que foi dito pelo entrevistado, ou então, quando procura ir

além, buscando captar sentidos ocultos ou implícitos, apropria-se também do conteúdo latente dos dados obtidos, revelando através do “não dito”, motivações que por vezes são desconhecidas até mesmo pelo próprio entrevistado (MORAES, 1999).

Nesse sentido, pode-se dizer que a análise de conteúdo emerge como técnica que não só apreende a realidade visível dos fenômenos, mas também àquela que fica “entrelinhas”, captando um saber que está por trás da superfície. Neste tipo de análises, as informações são constituídas de sentidos simbólicos que podem ser captadas pelo pesquisador de diferentes perspectivas, dependendo do enfoque buscado (CAVALCANTE et. al., 2014; ROCHA; DEUSDARÁ, 2005).

Vale ressaltar que estes sentidos nem sempre são manifestos pelo entrevistado ou apresentam um significado singular, mas sim, são elementos de interpretação ao pesquisador.

A opção por um tipo de conteúdo ou outro está fortemente relacionado com a questão da objetividade e subjetividade da pesquisa, suscitando o que Moraes (1999) distingue entre: abordagem dedutiva, verificatória, enumerativa e objetiva *versus* abordagem indutiva, gerativa, construtiva e subjetiva. Quando o pesquisador opta pela primeira, procura explicações e generalizações probabilísticas, deduzindo fatos a partir de uma teoria; enquanto que a segunda, busca a compreensão dos fenômenos em pauta, visando obter novas teorias.

Dessa maneira, faz-se necessário utilizar a indução e a intuição como formas de se atingir níveis mais aprofundados de compreensão referente a um determinado fenômeno, fornecendo informações e abordagens mais complexas (MORAES, 1999).

Tem-se então que a análise que será realizada não se constitui um significado “neutro”, pois tanto o entrevistado quanto o entrevistador possuem sua própria linguagem e percepção dos conteúdos em análise. Porém, essa malha subjetiva de interpretações não perde seu valor, visto que estão em função de um ou mais objetivos, podendo ser reinterpretadas a cada variação do (s) mesmo (s) (MORAES, 1999).

No mais, o contexto no qual essa comunicação está inserida precisa ser explicitado e é indispensável a interpretação do pesquisador. “É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem” (MORAES, 1999, p. 9).

De acordo com Bardin (1977), são necessárias três etapas para a realização da análise de conteúdo: 1) Pré-análise: consiste na exploração aberta do conteúdo adquirido, procurando sistematizá-lo e organizá-lo para as próximas etapas. Corresponde a uma preparação do material por meio de leituras, formulação de indicadores, indicação de referências, criação de objetivos e hipóteses; 2) Exploração do material: momento da análise do conteúdo coletado propriamente

dito. Feita um pré-análise apropriada, nesta segunda fase os dados serão sistematizados e codificados para facilitar a interpretação que corresponde a última etapa; 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: consiste no olhar atento do material bruto coletado, buscando explorar seus significados e, no caso da pesquisa qualitativa, trazer inferências e análises mediante ao referencial teórico previamente investigado.

Ressalta-se que conforme afirmado por Laville & Dione (1999, p. 215):

Na realidade, um longínquo trabalho de análise já foi iniciado com a coleta dos materiais e a primeira organização, pois essa coleta, orientada pela questão da hipótese, não é acumulação cega ou mecânica: à medida que colhe informações, o pesquisador elabora sua percepção do fenômeno e se deixa guiar pelas especificidades do material selecionado.

Por fim, percebe-se uma aproximação relevante da estrutura da análise de conteúdo e a proposta fenomenológica de redução eidética na procura daquilo que já está dado na mensagem, sendo esta portanto uma técnica consistente e efetiva para responder o objetivo desta pesquisa: de que forma a viagem de intercâmbio é (trans) formadora para o estudante.

4. ANÁLISES DA PESQUISA EMPÍRICA

Neste capítulo serão discutidos os dados coletados, apontando-se inicialmente uma breve discussão do turismo de intercâmbio e suas principais características, de forma a elucidar o contexto em que os participantes estavam inseridos e possibilitar futuras considerações a cerca deste segmento de viagem enquanto espaço-tempo de experiências significativas.

Em seguida, dividiu-se as discussões realizadas com os participantes da pesquisa em subcapítulos temáticos, possibilitando aproximações e comparações entre si, exemplificando os conteúdos abordados em cada uma das etapas da entrevista, as formas como as abordagens e diálogos ocorreram, bem como os pontos positivos e dificuldades encontrados nesse processo.

4.1. O turismo de intercâmbio/de estudos

O segmento do turismo de intercâmbio ou de estudos é um dos nichos de mercado da qual o turismo se aproveitou para o desenvolvimento de um produto direcionado. Este é considerado o embrião do turismo atual (PANOSSO NETTO, 2010). Sua origem remete ao “*Grand Tour*”, viagens culturais realizadas por filhos de nobres, burgueses e comerciantes com interesse em conhecer o mundo que os cercava, motivados a complementar e aprimorar os estudos e conhecimentos culturais, adquirindo uma visão mais ampla do mundo (BARBOSA, 2002; PANOSSO NETTO, 2010; TRIGO, 2013).

Segundo Andrade (2000, p. 9), o “*Grand Tour*”

[...] sob o imponente e respeitável rótulo “viagem de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo status social, embora na realidade a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos (...). Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroada por um *Grand Tour* através da Europa.

A importância dada a este tipo de viagem educacional prolongou-se com o passar dos anos e teve seu valor redefinido e ampliado nas últimas décadas com a globalização, tornando-se não apenas um desejo de milhares de estudantes em busca de uma profissionalização e experiência internacional, mas também uma prioridade dos Governos de diversos países, que entenderam a importância de investir no “capital intelectual” dos estudantes do seu país (BRASIL, 2018).

É exemplo destas políticas internacionais e que destacam-se entre os principais

programas de intercâmbio o *European Region Action Scheme for the Mobility of University Students* (Erasmus) da União Europeia criado formalmente em 1987, *Mid-America Universities International* (MAUI) dos Estados Unidos formado em 1995, *Australian-European Network* (AEN) da Austrália estabelecido em 1999 e o *Proyecto de Apoyo al Programa de Movilidad MERCOSUR en Educación Superior* (PMM) do Mercosul oficialmente acordado em 2008. No Brasil, criou-se também o Programa Brasileiro de Mobilidade Científica, que mais tarde ficou popularmente conhecido como Ciência Sem Fronteiras.

Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2018, p. 18):

[...] graças ao processo de globalização, a mobilidade estudantil e acadêmica alcança essa magnitude principalmente pelos valores que a experiência e competência intercultural oferecem e que não apenas têm o poder de integrar e construir sociedades mais solidárias, mas também preparar os cidadãos e as instituições tanto para concorrer quanto para cooperar globalmente.

Para Mota (2009), o conhecimento e a informação tornaram-se as matérias primas básicas para a produção e criação de riquezas dos países, afinal, trata-se do “capital humano” que obtém através da mobilidade, valores tangíveis e intangíveis, que impactam diretamente na forma como lidar com a diversidade cultural, especialmente favorecidas pela globalização. Estes conhecimentos formam um ser que está aberto a relações, contatos e intercâmbios. Que não se faz apenas presente no mundo, mas com o mundo (FREIRE, 2005).

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2018, p. 15), o segmento de turismo de intercâmbio faz referência a “movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional”.

Para Giaretta (2003, p. 34), “o mercado convencionou como intercâmbio toda e qualquer viagem de estudos de idiomas, cursos de áreas específicas, estágios no exterior, trabalho remunerado, ou seja, toda e qualquer viagem com a função de agregar algum conhecimento”.

Nesse sentido, o grupo de viajantes a ele pertencentes apresentam objetivos comuns tais como: o estudo, seja ele de uma nova língua, aperfeiçoamento profissional ou complemento de formação; e, sendo assim, o vínculo com alguma instituição de ensino. Para tanto, o Ministério nomeia cinco modalidades de programas educacionais, são elas: Programa de estudos de/no ensino médio; Programas de ensino superior; Programas de estudos de curta duração; Cursos de idiomas; e Estágio profissionalizante ou trabalho voluntário

Tamião (2010, p. 5) argumenta que a principal motivação do intercâmbio estudantil está

na “vontade dos alunos de aprimorar seus conhecimentos e sua atividade profissional, além de conhecer novas culturas e pessoas. O intercâmbio oferece diferenciação nos estudos, enriquece o currículo escolar, contribuindo para ingresso no mercado de trabalho”.

No mais, essas viagens promovem a interação com nacionalidades diversas, a descoberta de novas formas de relacionamento, o autoconhecimento, o aprimoramento de valores e crenças, enfim, uma nova concepção de mundo (MONTEIRO, 2012).

Segundo os resultados recentes da pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Organizadores de Viagens Educacionais e Culturais, Pesquisa Selo Belta 2018, pela primeira vez o Brasil atingiu mais de 300 mil estudantes no exterior em busca de cursos de idiomas, que mantém-se como o programa de intercâmbio mais procurado, seguido de programas de ensino com trabalho temporário e pacotes de férias para adolescentes. A pesquisa também reflete um incremento na procura por bolsas de estudo para programas de graduação, mestrado, doutorado e profissionalizantes, e um decréscimo em intercâmbios para cursar o ensino médio em outro país (BELTA, *online*, 2018).

Dentre os países mais procurados pelos brasileiros, destacam-se o Canadá (procurado por 23% dos participantes), Estados Unidos (21,6%), Reino Unido (10,2%), Nova Zelândia (6,9%) e Irlanda (6,5%) (BELTA, *online*, 2018).

Vale mencionar que os resultados desta pesquisa ainda não foram oficialmente publicados, e por isso considerou-se alguns dados da pesquisa do ano anterior (Selo Belta 2017).

Percebe-se desde 2017 a procura pela experiência de intercâmbio por parte de estudantes de todas as regiões do Brasil, tendo uma concentração maior na região sudeste com cerca de 75% dos estudantes residentes nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. A média de idade desses intercambistas é de 26 anos e dizem terem sido influenciados a participar deste tipo de programa por meio da indicação de amigos que já haviam feito o intercâmbio, por sites especializados que incentivavam esse tipo de experiência, os próprios pais e em eventos de divulgação de programas de estudo, turismo e/ou trabalho (BELTA, 2019).

Como principais objetivos para a participação em um programa de intercâmbio, citaram o interesse em investir em uma formação internacional, o sonho de conhecer países e culturas diferentes, a vontade de dominar outros idiomas e vivenciar uma experiência que conciliasse Estudo, Trabalho e Turismo (BELTA, 2019).

Para Tung e Ritchie (2011), quando o intercâmbio é realizado durante a juventude, faz parte da educação formal do viajante, já na velhice, constitui-se como parte da experiência de vida.

Diversos estudos têm mostrado que os principais benefícios da viagem de intercâmbio

estão ligados ao aprendizado de conteúdos específicos e locais, e não necessariamente às habilidades e competências do viajante (PEARCE; FOSTER, 2007; BALLANTYNE; PACKER; BECKMAN, 1998; KNUDSON; CABLE; BECK, 1995; MOSCARDI, 1998).

Por outro lado, Gmelch (1997) e Hansel (1998) observaram que após a viagem os estudantes retornam mais confiantes, adaptáveis, independentes e com melhor capacidade de lidar com surpresas e momentos de pressão. No mais, são conscientes das diferenças culturais próprias e do país visitado, sendo também mais tolerantes com as diversidades (PEARCE, 1982).

Portanto, para além de uma viagem de estudos, ela também pode ser caracterizada como uma viagem cultural por proporcionar a vivência e interação com mentalidades e comportamentos diferentes do de origem, convivendo com costumes contrastantes ao do seu habitual, reconhecendo e respeitando a alteridade (SEBBEN, 2007).

No mais, independente da finalidade ou interesse da viagem, também está implícita a dimensão educativa. No entanto, VICTER (2009) ressalta que nem todo intercâmbio cultural é educacional. A viagem com foco educacional tem por objetivo o desenvolvimento profissional ou acadêmico do viajante, enquanto que a cultural pode estar apenas em busca da troca de informações.

Ainda segundo VICTER (2009), sob a justificativa de uma necessidade pujante de se alargar a visão de mundo, possibilitou-se a expansão dessa prática que, atualmente, está presente em quase todos os países, sendo oferecida durante todo o ano.

Nesta perspectiva, a educação passa a ser não apenas um produto comercializável, mas também um atrativo turístico priorizado pelos governos, visto sua relevância para o crescimento e fortalecimento do turismo local (VICTER, 2009).

Ressalta-se ainda que a potencialidade deste segmento turístico nos momentos de baixa temporada, uma vez que podem “ser usados como atrativo para os lugares que ainda não possuem roteiros turísticos consolidados” (VICTER, 2009, p. 24).

Se do ponto de vista mercadológico esse segmento é favorável ao desenvolvimento econômico dos países, Banducci Júnior (2001) critica a perda do potencial identitário da atividade em favor do mercado, ao invés da comunidade local.

Oliveira (2009) também menciona quatro aspectos principais e conflituosos que estão inseridos nessa nova forma como a educação internacional passou a ser vista, são eles: a) o incentivo a educação voltada para o conhecimento técnico e industrial e aplicação no mercado de trabalho; b) a introdução de tecnologias nos processos de aprendizagem (como por exemplo, *softwares* educativos e o ensino a distância); c) o desenvolvimento de reformas no sistema

educacional de forma coincidente em diversos países; e d) a comercialização da educação tornando-a objeto de interesse do capital. Oliveira (2018) acrescenta ainda a criação de políticas supranacionais entre as universidades, a fim de promover a integração e cooperação no ensino superior entre os países de um mesmo bloco regional, excluindo outras regiões.

No entanto, Villa (2001) ressalta que havendo um equilíbrio das partes, este encontro pode ser bastante significativo, contando com a participação tanto do estudante como dos “nativos”.

No Brasil, o Programa Brasileiro de Mobilidade Científica foi criado em dezembro de 2011 na tentativa de estabelecer parcerias com as universidades dos Estados Unidos. De acordo com Spears (2014, p. 152), ele se desenvolveu com um objetivo além do convencional de aprendizagem de uma língua estrangeira e intercâmbio cultural, este “foi projetado para posicionar o Brasil de forma competitiva em uma economia política global cada vez mais multipolar”.

Segundo o autor, este propósito dotado de valores políticos, econômicos e sociais refletiram o interesse nacional da época em priorizar o financiamento de bolsistas para áreas relacionadas a ciência e tecnologia, frente às ciências sociais, humanidades e artes. Este posicionamento, no entanto, deprecia o papel instrumental que estas ciências humanas possuem na globalização do século XXI, uma vez que é a partir delas que se entende as dimensões dos povos e as interrelações das diferentes culturas, além de fortalecer o “capital social brasileiro” de maneiras variadas (SPEARS, 2014).

Por fim, ainda de acordo com Spears (2014, p. 158):

O Programa Brasileiro de Mobilidade Científica oferece benefícios tangíveis para estudantes, pesquisadores, universidades e para o governo brasileiro. O mais óbvio e importante objetivo de aprendizagem do Programa Brasileiro de Mobilidade Científica é a mudança transformacional entre os estudantes brasileiros que se envolvem em trocas interculturais significativas. Estudar no exterior é uma das experiências mais poderosas que um jovem adulto pode ter durante seus anos de formação profissional. [...] A capacidade dos brasileiros de ampliarem seus horizontes intelectuais enquanto fazem amizades duradouras e conexões profissionais, em muitos aspectos, não tem preço.

A justificativa da escolha deste programa como meio de seleção dos alunos desta pesquisa foi mais uma vez reforçada visto o impacto e potencialidade do Ciência Sem Fronteiras na realidade dos estudantes brasileiros. Desta forma, os próximos subcapítulos irão abordar como esses efeitos são percebidos, internalizados e colocados em prática por parte dos entrevistados, discutindo na perspectiva dos mesmos, as reais contribuições e (trans) formações decorrentes dessa experiência.

4.2. Perfil e características pessoais do intercambista

Conforme mencionado na metodologia, a amostra de intercambistas participantes do Programa Ciência Sem Fronteiras foi selecionada de forma aleatória e por conveniência. Todos os participantes da pesquisa eram brasileiros, sendo 7 mulheres e 8 homens, com idade entre 26 e 33 anos no momento da entrevista, e nível superior completo. Vale mencionar que muitos já possuíam uma especialização, ou estavam cursando o Mestrado, ou ainda, estavam se planejando para o Doutorado.

Houve participantes de todas as regiões do Brasil (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste) e a maioria era residente do próprio país, sendo que 2 deles estavam morando na Suécia e Canadá por motivo de estudo (mestrado e doutorado) e 1 em Portugal com o objetivo de ficar no país. É interessante ressaltar que dois destes que não estavam no Brasil, retornaram aos países em que fizeram o intercâmbio pelo Ciência Sem Fronteiras (CSF), e ressaltam isso com um sentimento orgulhoso e de reconhecimento da importância do Programa em suas vidas, como podemos ver na fala de um deles a seguir:

(P5) O Ciência Sem Fronteiras, assim, mudou muita coisa na minha vida, porque o ano que eu fiquei nessa universidade eu gostei muito, fiz muitos contatos com professores e eu ganhei uma indicação para fazer o mestrado. E eu voltei para fazer o mestrado na mesma universidade (!) e desde setembro de 2014 eu não saio mais do Canadá.

Quanto a ocupação, a maioria (73%) atuava no mesmo ramo de formação que se concentravam em áreas das ciências exatas e biológicas (conforme era estabelecido pelo Programa Ciência Sem Fronteiras), tais como: Engenharia e Informática, Engenharia Sanitária e Ambiental, Engenharia de Energia, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, Computação, Design Gráfico, Desenho Industrial, Farmácia, Ciências Biológicas e Medicina. No grupo, duas candidatas chamaram a atenção por terem cursado durante o intercâmbio disciplinas relacionadas a Psicologia e Comunicação Social. A primeira justificou que conseguiu a vaga no CSF pois, embora o curso de psicologia fosse considerado da área das humanas, na universidade que havia se candidatado ele também estava associado às ciências biológicas; e quanto a participante de Comunicação Social, seu curso na universidade do exterior era relacionado com mídias e inovação, que também estava atrelado a proposta do programa.

Sobre o intercâmbio em si, todos ficaram pelo menos 9 meses no país, sendo que a maioria (60%) completou 1 ano no exterior. Nenhum participante excedeu o período de 12 meses.

O apêndice D apresenta um breve resumo do perfil dos participantes, indicando o sexo, idade, país de destino e a área de estudo que estavam cursando no momento do intercâmbio.

Numa proposta de “quebrar um pouco o gelo” e tentar instigar o participante a pensar para além do curso, da formação e da área de trabalho, quando questionados sobre o que gostavam de fazer durante o tempo livre, enquanto atividade de lazer, as respostas foram interessantes pois várias estavam direta ou indiretamente associadas a viagem, tais como: mergulhar, ir à praia, comer fora, fazer trilhas, escalada, pedalar, praticar esportes (futebol e vôlei), viajar, cinema, música, jogos, estudar, assistir filmes/séries e ler.

Também com o objetivo de estimular a reflexão e tentar se aproximar um pouco mais dos participantes, foi perguntado se eles saberiam pontuar algum fato ou momento que foi marcante e decisivo para vida deles, que pudesse ser considerado um divisor de águas, ou que tenha provocado uma mudança de mentalidade (podia citar mais de um acontecimento). Quatro respostas se destacaram trazendo situações que provocaram amadurecimento pessoal e que certamente interferiram nas suas respectivas posturas frente a viagem de intercâmbio:

*(P7) Acho que o ponto de virada que foi o meu ponto de amadurecimento máximo, foi quando meu pai perdeu a empresa, perdeu tudo ne?!, então a gente passou por bons bocados, assim... por uns 6, 7 anos, desde os meus 12 anos. Então esse ponto aí acho que foi determinante para eu crescer. Então **minha personalidade está formada desde os 12 anos**, basicamente.*

*(P6) Assim, quando eu penso em viagem, viajar sozinha, teve um fato que foi muito marcante pra mim [...] quando eu tinha 10 anos de idade, não tinha outro jeito de eu ir para Fortaleza, [...] fui num avião muito “pequenininho”, eu sei que era uma empresa muito pequena, que ela fazia um voo de Araçatuba para São Paulo, e aí o voo era tipo em um avião monomotor assim... era um avião muito “pequenininho”, eu nunca tinha entrado em um avião daquele tamanho, e aí eu olhei para o mar e comecei a chorar e falei ‘bom, vou morrer’. Na minha cabeça era impossível aquilo voar, avião era muito maior, e aí, eu comecei a chorar, eu falava que eu não ia, não ia, e no fim eu fui, e tinha uma aeromoça nesse voo, e ela ficou do meu lado... e assim, ela tinha filhos, ela me contou que tinha filhos, e ela ficou do meu lado o voo inteiro, porque eu chorava que eu tremia, eu tava assim muito desesperada, e ela contando como funcionava, ela foi super querida, [...] e ela ficou assim ó... do meu lado o tempo inteiro, conversando, me acalmando. Eu sei que eu tinha o voo até São Paulo e de São Paulo eu ia fazer uma troca de voo que era São Paulo - Fortaleza... E assim, **aquela experiência meio que virou uma chave para mim**, e o voo São Paulo – Fortaleza foi tranquilo, e eu nunca mais tive medo de voar. [...] Mas isso assim, sabe?! **Acho que foi um marco, uma primeira experiência marcante assim, que eu lembro. E toda vez que eu lembro de viajar de avião sozinha, eu lembro dessa experiência.***

*(P8) Quando minha mãe morreu eu entendi que eu era mais uma pessoa no mundo, que eu tava aqui para contribuir também, não só para receber, sabe?! **Comecei a me ver como uma pessoa, como um ser humano**, não só como filha da minha mãe, especial, querida e amada.*

A quarta resposta foi de um participante que fez uma abdominoplastia:

*(P4) Mudou o meu jeito de me olhar. Eu era muito mais contido, eu sempre fui muito tímido, com medo do julgamento das pessoas, eu não me sentia confiante comigo mesmo, eu não tinha roupas que me agradavam 100%, enfim, coisas desse tipo. Eu sempre fui extrovertido, eu sempre falei com todo mundo, sempre usei até o humor como uma forma de proteção, **mas com isso minha confiança, minha autoconfiança melhorou bastante.***

No momento da entrevista, não tinha ficado claro se ele havia feito a operação antes ou depois do intercâmbio, e quando questionado sobre isso, ele respondeu:

*(P4) Fiz a cirurgia depois da viagem, se eu tivesse feito antes, MEU DEUS! (risos) [...]. Eu teria aproveitado mais, justamente, eu ainda era muito retraído. **Acho que eu teria aproveitado um pouquinho mais.***

Os três trechos destacados relatam sobre uma situação que, do ponto de vista de cada participante, foi essencial para formação e afirmação da sua própria identidade. Como se a partir daquele momento, eles se sentissem mais prontos e preparados para encarar o que estivesse por vir, e nesse contexto, a própria experiência do CSF que, conforme o último participante relatou, teria sido melhor aproveitada.

Alguns dos respondentes quando indagados da mesma maneira, trouxeram de imediato a experiência do intercâmbio, pontuando com certeza e convicção as mudanças decorrentes da viagem referente ao seu desenvolvimento profissional e acadêmico:

(P5) O Ciência Sem Fronteiras assim mudou muita coisa na minha vida, porque o ano que eu fiquei nessa universidade eu gostei muito, fiz muitos contatos com professores e eu ganhei uma indicação para fazer o mestrado e eu voltei para fazer o mestrado na mesma universidade e desde setembro de 2014 eu não saio mais do Canadá.

(P7) Você já viu que o Ciência Sem Fronteiras foi determinante para o meu futuro.

E principalmente referente ao desenvolvimento pessoal:

*(P8) Antes eu morava com a minha mãe e **quando eu voltei acho que foi um grande entendimento de que eu conseguia me virar sozinha**, de que eu conseguia fazer determinadas coisas sozinha, fiz algumas viagens sozinha, tive algumas situações ruins sozinha... tive que aprender a me virar sozinha, né?!*

*(P12) Olha, diversas coisas, mas... **o intercâmbio mesmo me fez mudar muito a cabeça sobre muita coisa, né?! A convivência na Coréia do Sul me fez mudar muito a concepção de... Principalmente essa questão de tratar com muito mais respeito as pessoas mais velhas, por terem muito mais experiência né?! E eles tem muito isso na Ásia como um todo... e isso me fez mudar muito a cabeça. Nesse sentido de respeito, de ouvir mais pessoas com mais experiência, mais velhas e tudo, tratar de forma diferente. Mas o intercâmbio como um todo né?!***

Em outros casos, é nítido também o impacto da viagem na realidade do participante, sendo percebida até mesmo por outras pessoas:

(P13) Olha, eu não sei dizer..., mas o próprio intercâmbio foi uma realização para mim, eu nunca tinha viajado para fora do país, eu estudei a vida inteira em escola pública, então, sempre pareceu uma coisa muito distante da minha realidade. E, o intercâmbio foi uma grande oportunidade né, de conhecer não só outro país, mas outras culturas, eu viajei bastante, assim, quando eu tive o período de férias lá, então para mim foi uma época de grande crescimento pessoal.

(P15) O Ciência Sem Fronteiras (risos). A minha viagem pra Bélgica, ela foi um demarcador na minha vida, muito forte assim. Eu faço análises, assim, como a maioria dos psicólogos, como a maioria das pessoas deveria fazer, e eu marco muito forte na minha análise pessoal isso né, como a minha viagem, ela demarcou o meu crescimento, essa questão de você sair de casa, de você sair do seu país, dá uma outra noção de mundo, porque você passa a ter mais firmeza nas suas escolhas, né, então você passa a escolher mais só, passa a ter uma responsabilidade maior sobre as suas escolhas, e começa antes mesmo de você ir para o programa, que você tem que escolher suas cadeiras, você tem que fazer todo o contato com a universidade, quem fez o contato com a universidade fui eu, quem teve que fazer esse intercâmbio daqui com a universidade de lá fui eu, então, o Ciência Sem Fronteiras, a minha viagem pra Bélgica, foi um demarcador muito importante na minha personalidade (!), não só na minha história, na minha personalidade ela se constituiu um fator muito importante. E pra minha família também, minha mãe hoje fala assim, ela traz muito forte assim, ‘você é uma pessoa diferente depois da Bélgica’, todo mundo põe nítido assim, que eu trouxe isso, que eu sou uma pessoa diferente depois que eu saí da Bélgica.”

Estes relatos pontuam com clareza a característica formativa da viagem de intercâmbio que Caspi & Roberts (2001) afirmam acontecer no início da juventude, no qual tudo que é vivido é absorvido como aprendizado, tal qual ocorreu com esses participantes. Porém, as respostas também deixaram claro que a viagem de intercâmbio mudou os rumos, fez com que enxergassem uma nova forma de ver outros e de se ver no mundo. Isto se torna ainda mais relevante não pelo intercâmbio em si, mas pela experiência de viajar em si, que antes não era tão comum na proporção que foi a viagem do CSF.

Nesse sentido, vale entender de que forma os estudantes enxergavam as viagens antes do intercâmbio para que se possa ter uma ideia comparativa das suas perspectivas em relação ao ato de viajar, após o Ciência Sem Fronteiras.

4.3. As viagens antes da experiência do intercâmbio

A segunda etapa da entrevista procurou entender o quanto o participante estava acostumado e de certa forma preparado e adaptado para a experiência da viagem por si mesma, isto é, buscava analisar em que nível o intercâmbio era uma novidade para o entrevistado, como ele se portava em situações parecidas de outras viagens e qual era o seu olhar sob esse tipo de vivência.

Este foi outro assunto que deixou evidente a relevância do programa na vida dos participantes visto que a maioria afirmou que até então as viagens eram dedicadas a visita de

familiares que ora moravam a poucos quilômetros de distância, ora em alguns estados próximos, o que em alguns poucos casos já os possibilitava ter tido uma primeira experiência de avião. Raramente citaram que viajavam a lazer, e as viagens ficavam concentradas no território nacional.

Poucos participantes (20%) afirmaram já terem tido uma experiência de intercâmbio internacional com foco no estudo da língua inglesa e para 40% dos participantes o Ciência Sem Fronteiras foi a primeira viagem internacional.

Nos relatos a seguir é possível verificar a importância da viagem do CSF, em comparação com outras experiências de viagens:

(P7) Algumas vezes assim, durante o meu crescimento a gente foi para São Paulo, só... Eu nunca tinha ido para o exterior ou para outras partes do Brasil a não ser... tirando a parte do Ciências Sem Fronteiras que foi a primeira vez que eu fui para o exterior, o resto só para São Paulo, viagens bem pontuais, viagens de natal e ano novo.

(P12) Assim, eu nunca fui de viajar para conhecer muitos lugares não... [...]. Eu sempre mudei muito na minha vida, então já morei em 18 cidades no total, mudar assim não era uma dificuldade. Além disso, eu sempre viajava assim nas férias, sempre pra casa de algum avô, nunca era para conhecer algum lugar, mas eu mudava bastante. Além disso eu também morava em Ouro Preto, e meus pais moravam em Valadares na época, então, eu também não tinha dificuldade assim de morar longe deles, sozinho, ou coisa desse tipo. [...]. Mas sobre o intercâmbio, foi minha primeira viagem internacional mesmo, foi uma das poucas viagens minhas assim, sozinho, para conhecer algum lugar.

Um aspecto que surgiu em meio aos relatos sobre as viagens foi a participação da família e o quanto a viagem do intercâmbio transpassou as experiências do próprio intercambista, atingindo a forma como seus familiares passaram a enxergar as viagens:

(P13) Depois do intercâmbio é... minha família mudou assim o pensamento e falou 'oh, seria legal realmente conhecer outros lugares né', principalmente os meus pais que estão aposentados agora, eles aproveitam bastante, fizeram cruzeiros para Europa, aqui no Nordeste, conhecem bastante aqui o nordeste do Brasil. Eu quando posso viajar com eles, eu aproveito, também viajei um pouco para o nordeste, para o Rio Grande do Sul, mas eu não tenho nem o tempo nem o dinheiro para fazer o que eles fazem. [...] Porque quando eu tava lá no intercâmbio, os meus pais comemoraram as bodas de prata lá, então foi a primeira grande viagem deles também, e eles viram que era bom! Então, pegaram a mania de viajar, né?! Foi uma grande mudança mesmo.

(P8) Enquanto eu tive lá, uma das coisas mais legais que aconteceu no Ciências Sem Fronteiras foi eu ter feito com que minha família fosse pra lá, viajasse pra lá, isso para mim é uma grande vitória, porque eles conseguiram, eles economizaram dinheiro, minha mãe e minha irmã foram pra lá, isso foi em 2013, minha mãe conheceu lugares que ela queria muito conhecer, ela sempre falou muito pra mim, sempre, sempre ela falava que queria conhecer e três anos depois ela morreu. Então para mim, isso daí... eu me sinto de certa forma como se tivesse impulsionado isso nela, pelo fato de eu estar lá, e elas terem ido me visitar, também para conhecer outros lugares que ela queria conhecer, foi muito legal assim!

(P6) Sempre viajei bastante. E também com 5 anos eu fiz minha primeira viagem internacional, eu tenho um tio que mora nos Estados Unidos, ele é casado com uma americana, e aí eu fui visitar eles... Eu não lembro muito da viagem, eu lembro muito pouco, mas meu pai fez um blog de viagem para mim, então eu com 5 anos tinha um blog de viagem! E... eu viajei bastante. [...] Com certeza foi um dos primeiros sites pessoais do Mato Grosso do Sul, não sei do Brasil, porque isso foi em 98, eu nasci 93, a internet tinha recém-chegado nas casas assim...

Por conta da reflexão sobre as viagens já realizadas, percebe-se que os entrevistados já passavam a identificar e reconhecer a importância das experiências de viagens, qualificando um aspecto ou outro do que já haviam vivenciado, como mencionam a seguir:

(P9) Quando eu resolvi ir para Irlanda, foi porque na época eu tinha uma ideia que eu ia formar, ia conseguir um emprego muito estável, e depois eu não ia conseguir ter uma experiência de Intercâmbio. E aí, eu ouvia... tinha alguns amigos que já tinham feito, que tinham gostado e tals... E aí eu fui procurar saber. E então, assim, a minha viagem para Irlanda foi um dos maiores desafios assim, porque eu nunca tinha ficado fora de casa, eu nunca tinha ido para o exterior... Então, foi grande nesse sentido, sabe?!

(P6) Mas, depois que eu tinha 19 anos minha mãe meio que tirou a “nóia” de ter que viajar com meu pai, e aí eu comecei a viajar muito mais com a minha mãe. Porque ela também estava sentindo falta de viajar, e aí estava eu indo viajar sozinha, ela falou ‘quer saber, eu vou começar a ir com você’. Mas assim, a gente nunca foi uma família que tinha muito dinheiro, a gente sempre foi classe média, tipo, baixa para média... agora que meus pais estão sendo considerados classe alta baixa, se duvidar... Mas, eu crescendo não, nunca... A minha mãe dava muito prioridade para viagem então, ao invés de querer comprar coisa e tal...

(P3) Sempre que eu posso, guardo uma graninha e vou viajar. [...] Se eu pudesse eu ficava o ano inteiro viajando. [...] Sempre que eu posso, sempre que eu consigo estar com uma graninha guardada, eu gosto de investir em viagens. Assim, eu gosto bastante.

Também sobre essas reflexões das viagens, tentou-se através do questionamento “Qual experiência de destino te marcou mais e por qual razão você acha que isso aconteceu?” propor ao entrevistado um espaço tempo para ir buscar nas lembranças aquelas vivências que tiveram um significado mais especial para eles, ou que provocaram emoções distintas e que ficaram gravadas na memória, pelo fato de estarem em determinado lugar turístico. Não precisava necessariamente ter sido uma viagem realizada durante o intercâmbio, mas como já foi mencionado que a maioria não tinha esse costume de viajar a lazer, grande parte dos participantes citavam situações em destinos que conheceram durante o CSF:

(P2) Para mim acho que foi muito marcante ver a Torre Eiffel pela primeira vez, assim que eu tinha aquela ideia de Paris... Foi bom e foi decepcionante por outro lado, eu acho que eu aumentei muito a minha expectativa, de conhecer... Quando eu cheguei lá e vi que não era nada dos filmes, era só um lugar ok, como qualquer outro.

É interessante perceber o quanto o inusitado, o que não foi planejado, surpreendeu os

intercambistas. Ao saírem do roteiro, do cronograma que eles mesmos se propuseram para conhecer, as experiências nesses destinos possuem um valor distinto e marcante, que despertaram sensações e ficaram preservadas nas memórias minuciosamente detalhadas:

(P4) O destino que mais me marcou foi Budapeste, e eu creio que tenha sido o destino que mais me marcou porque foi uma viagem que eu não planejei, uma viagem que eu fiz de última hora, e não era um destino muito badalado. Foi aquela coisa, o aéreo tá barato, final do intercâmbio, estou fazendo nada, e quando cheguei lá dei de cara com uma cultura muito marcante, uma cidade muito marcada pela segunda guerra, pela perseguição, e tem muitos pontos turísticos relacionados a isso, tem o museu do terror, tem um monumento que me marcou muito, muito, muito, que eu tirei foto, e coloquei em todos os lugares... Eu não sei exatamente o nome desse ponto, mas são sapatinhos de ferro que eles ficam na beira do rio Danúbio, que marca quando os judeus eram obrigados a pular no rio, no inverno, para morrer mesmo, como uma forma de punição, e eles tiravam todas as roupas, deixavam os sapatinhos e pulavam nus. Eles fizeram isso em homenagem, hoje em dia eles colocam velas, tem flores, é meio trístico, mas me marcou bastante.

(P8) E para mim foi um lugar muito pouco conhecido chamado... agora mais conhecido do que era na época, chamado Caminho do Del Rey que fica no sul da Espanha, na cidade de Málaga [...]. Cara, quando eu cheguei lá, foi um dos lugares mais lindos que eu já conheci na minha vida, e para você chegar até a porta do lugar onde você ficava, tinha que fazer uma caminhada grande, e eu lembro de ter feito a caminhada e tinha momentos na caminhada que eram realmente perigosos, mas eu me sentia tão viva! Eu acho que eu não me lembro outro lugar que eu tenha me sentido tão viva como naquele lugar, no meio do nada, sem ninguém perto, totalmente longe de tudo, no lugar mais perigoso do mundo, e com 80 euros no bolso, sem celular, sem nada, eu me senti muito viva naquela hora, naqueles dias... Eu tenho o diário disso tudo, dessa viagem, eu fiz um diário dela, eu até leio isso de vez em quando, quando eu me sinto meio presa aqui na cidade.

Não apenas o inesperado, mas também o imaginário e o sonho, tiveram papéis importantes nessas experiências de destinos. Chamou a atenção que dois participantes mencionaram o mesmo destino que tem por si só um apreço reconhecido internacionalmente e que está diretamente ligado ao íntimo do viajante, por tratar da fé e da espiritualidade: o Vaticano.

(P14) Eu acho que foi para Itália, foi uma viagem muito boa, eu passei a época do Natal e Ano Novo lá. A Itália porque eu acho que depois de 6 meses lá eu já tava sentindo um pouco de falta desse calor latino, então na Itália eu me identifiquei muito ali com a.... Tem uma similaridade com o que a gente tem aqui no Brasil... Eu também tenho uma tia lá, então eu tive essa oportunidade de ver essa tia que eu não via a bastante tempo. E também eu acho que você passar uma época tão festiva em um local é... como eu tenho um background religioso, foi interessante pra mim passar o Natal no Vaticano, então, tive oportunidade de fazer bastante coisa nesse período.

(P13) E assim dos lugares que eu visitei na Europa, que foi realização pessoal mesmo, foi ter visitado o Vaticano, né?! Roma e o Vaticano, assim eu fiquei 4 dias e assim, achei que foi muito pouco. A Itália é maravilhosa, teria voltado mais vezes.

O fato de se estar sozinho conhecendo um destino foi outra abordagem frequentemente citada pelos entrevistados. Verifica-se que nesses momentos o autoconhecimento e

descobrimento pela viagem é facilmente percebido por eles:

(P9) Então, assim, foram muitas primeiras vezes, sabe?! Morando sozinho, cuidando de mim, revendo algumas pessoas, conhecendo outras, eu fiz alguns amigos lá, e aí quando eu viajei fui encontrar com eles nos países deles, e aí, sei lá, foi a primeira vez que eu vi neve, sabe?! Foram várias coisinhas que foram somando assim.

(P10) Mas realmente a viagem do intercâmbio posso dizer que foi... Tanto a minha terceira viagem para Índia, que eu estava com 16 anos, ela foi muito marcante, foi minha primeira viagem internacional sozinha (!), na verdade, foi minha primeira viagem total sozinha, foi logo pra fora, eu não falava inglês direito nessa época, e eu fui com um grupo de pessoas mais velhas do que eu, e a gente foi apresentar uma coisa lá, no Arsenal do mestre da minha família, então foi... assim, não foi uma viagem a passeio também né?! foi uma viagem bem de espiritualidade... E a do intercâmbio também porque eu tive que... a dos 2 intercâmbios, tanto do idioma, quanto a da Holanda, pelo Ciência Sem Fronteira, mas a do Ciência Sem Fronteiras foi mais desafiadora pela questão do idioma local eu não dominar. Isso foi bem impactante.

(P12) Depois do intercâmbio, assim, agora o ano passado, eu também fui em Los Angeles, fui a trabalho, para uma cidade lá pertinho assim, e lá foi um lugar que eu gostei bastante, assim, foi um lugar que eu fui sozinho, eu ia a trabalho, mas eu acabei indo alguns dias antes para aproveitar, conhecer, e aí você conhece... E lá eu gostei muito.

Para dois intercambistas foi difícil mencionar um destino que fosse mais marcante, pois enxergavam a importância de cada um deles para o momento que estavam vivendo. Dessa forma, pôde-se identificar um amadurecimento e uma percepção mais consciente do papel e potencialidade da viagem:

(P10) “É difícil pontuar um, porque vários lugares foram importantes para aquele momento, né?!”

(P3) Cada lugar tem uma característica diferente, cada viagem tem um motivo diferente por trás da viagem, as companhias que você está também na viagem, então, o momento da vida que você está na viagem, então, é difícil dizer qual que eu mais gostei. Assim, todas as viagens que eu fiz foram bem marcantes pra mim. As viagens pelas cidades da Europa foram muito legais assim, gostei demais, mas era uma coisa mais urbana... As viagens que eu fiz pela América do Sul me marcaram muito pela natureza, pelas paisagens incríveis, então, um vulcão, uma lagoa colorida, o deserto de sal que é o Salar do Uyuni, foram assim coisas incríveis, e todas relacionadas com natureza, isso me marcou demais assim, foi uma viagem que me marcou bastante. Cada viagem tem a sua particularidade... [...]. Todas foram muito marcantes, muito legais. Acho que não teve uma viagem que eu fiz que eu possa falar que eu não gostei, ou que aquela viagem pra mim me marcou negativamente, ou não voltaria, ou não faria. Todas para mim foram muito boas.

Percebe-se que o Programa Ciência Sem Fronteiras abriu o mundo para a maioria dos participantes e que, embora alguns pouco já tivessem tido uma experiência de viagem mesmo que internacional, esta viagem para o momento em que estavam vivendo foi determinante, criando oportunidades para visualizarem a viagem de uma forma diferente.

A partir desse *background* levantado, os entrevistados já se sentiam mais à vontade para discorrer sobre o programa não se apegando a aspectos diretos do intercâmbio de estudos, que era o objetivo da viagem, mas trazendo elementos que complementaram a experiência de 12 meses no exterior e indo além das expectativas que inicialmente tinham em relação a viagem. Essas questões serão aprofundadas nos próximos subcapítulos.

4.4. Motivações e expectativa de aprovação

Tem-se que a viagem começa antes mesmo da chegada ao destino. A ação de se propor a viajar já possui em si inserida uma série de motivações e expectativas que constituem a fase inicial da viagem. No caso do intercâmbio, esta etapa é decisiva pois implica na reflexão individual das qualificações necessárias para se candidatar, na tomada de decisão para se inscrever no programa, na escolha do país e universidade, em alguns casos, de tomar a frente e entrar em contato com as escolas e escolher as disciplinas que gostaria de cursar.

Para alguns, esse é um dos primeiros momentos em que se veem “sozinhos” diante de uma oportunidade que já possuem certeza que terá grande impacto em suas vidas, como será possível perceber nos relatos.

Todos os entrevistados mencionaram ter sabido do programa Ciência Sem Fronteiras através de amigos ou em divulgações da universidade. Para a maioria que a experiência era uma novidade, as motivações estavam parcialmente direcionadas a obter uma especialização e a estudar em uma universidade de renome, e parcialmente ligadas ao desejo de ter uma experiência no exterior e de conhecer uma nova cultura:

(P7) Eu sabia que o intercâmbio era importante durante a graduação, mesmo que não fosse assim... só uma experiência sanduíche, sem dupla titulação, nem nada, para ter também aquela questão da vivência, e dá uma nova visão da outra cultura.

(P13) Quando surgiu o Ciência Sem Fronteiras aí foi a oportunidade que todo mundo tava esperando né. Ah, queria fazer intercâmbio e não dava porque era muito disputado, agora tá chovendo vaga, em países que antes não tinha essa disponibilidade, em universidades que antes não tinha essa disponibilidade [...]. E daí eu acabei optando pela Bélgica, mas foi uma aventura porque foi o primeiro edital para Bélgica, então ninguém sabia o que estava fazendo, ninguém sabia como ia ser lá né, uma vez que passou no processo, não conhecia nada da universidade, não conhecia nada da cidade, não conhecia nada do país, então foi um grande choque de realidade, né?! Bastante aprendizado mesmo.

Percebe-se nesse sentido, ora a busca por uma cultura que se distinga significativamente da brasileira, ora a oportunidade de conhecer diversas culturas no período da viagem. A Coreia

do Sul foi o principal destino escolhido por essa diferenciação de realidade, e a Europa de modo geral, pela vontade de experimentar mais de uma cultura:

(P12) Pouco tempo depois, não era nem para o outro semestre, abriu o edital com mais uma grande gama de países, aí veio Alemanha, Espanha, Portugal, Coréia do Sul e aí quando apareceu essa nova gama e aí eu falei ‘nossa, tem mais oportunidades’ aí quando eu olhei, aí eu não sei, me deu uma motivação assim de ir para Coréia do Sul, eu e mais um outro colega um amigo lá de Ouro Preto acabamos decidindo ‘vamos para Coréia, vamos para Coréia’, e motivando um ao outro, e aí resolvemos nos inscrever na Coréia, talvez por ser o mais diferente, assim, ‘já que é para poder ter uma experiência diferente, vamos ter a experiência mais diferente possível, que traga assim, o máximo de diferenciação mesmo, diferencial em relação aos outros países, a gente achou que seria algo assim que surpreenderia muito mais na hora de uma entrevista, ou que traria muito mais o crescimento mesmo.

(P7) Então eu queria evitar países, Estados Unidos, Portugal e Espanha, eu estava tentando evitar, e como o Ciências Sem Fronteiras tinha muitas opções e o da Coréia do Sul estava aberto o edital na época, eu pensei que valia a pena arriscar o país, mesmo não conhecendo nada, então, foi mais pela questão de saber que eles eram bons em tecnologia, sabe?!’

Para os participantes que já tinham tido uma experiência no exterior, eles já reconheciam a oportunidade como uma nova experiência para agregar ao seu currículo e desenvolvimento pessoal. Por vezes, queriam preencher alguma lacuna que havia ficado do intercâmbio anterior:

(P9) Quando apareceu a oportunidade do intercâmbio pelo Ciência Sem Fronteiras, acabou que juntou isso tudo assim... Eu já tinha morado na Irlanda, então eu já conhecia um pouco da Europa e queria um lugar diferente; e aí dos lugares que tinha de opção, a Coréia foi o que mais me chamou a atenção, porque era um lugar que eu sabia que era muito forte na minha área, que tinha muita coisa que eu gostava, e que eu achei que fosse agregar mais pra mim, do que fazer um intercâmbio... sei lá, nos Estados Unidos ou na Austrália. Pela experiência mesmo de uma cultura muito diferente, e de ser por um programa que, na época a gente não tinha certeza, mas depois eu fui ver que a gente estava super bem amparado, então, assim, para mim funcionou muito bem.

(P10) Acho que ver as pessoas se inscrevendo ali, animadas, então eu vou aproveitar essa oportunidade também! Tinha uma vontade de morar fora, tinha acabado de chegar de uma experiência fora, e vi como foi rico pra mim, então eu falei, ‘ah, com certeza vai ser rico também!’

No que tange as expectativas de ser aprovado, é interessante perceber que para alguns era uma realidade tão distante que não viam condições para obter um resultado positivo na candidatura e faziam as inscrições sem expectativa nenhuma, sem se prospectar na viagem, e quando chegava o resultado, era algo “inesperado”, “de uma hora para outra”, uma “surpresa”.

(P3) Jamais passava pela minha cabeça que eu ia ser chamada, que eu ia ser escolhida. Então, eu fiz sem expectativa nenhuma [...]. Eu sempre tive vontade de fazer um intercâmbio assim, na época eu nunca tinha feito uma viagem para fora do Brasil, eu nunca tinha morado fora... isso sempre foi um desejo meu, mas eu não sabia que ia ser através do Ciência Sem Fronteiras que eu ia conseguir realizar.

(P6) Não tenho a mínima ideia! Eu só pensava que, ‘meu Deus! Eu vou para o outro lado do mundo, eu vou para Austrália, eu nunca nem assisti o filme Austrália, eu não tenho a mínima ideia do que eu vou fazer lá, e eu não sei porque que eu estou fazendo isso’. Mas eu estou indo, era só isso assim... que eu pensava. Eu não tinha a mínima ideia do que eu ia fazer.

Chegaram até a duvidar dos critérios de seleção do programa:

(P2) Era meio que um sorteio o Ciências Sem Fronteiras, a gente até hoje nunca sabe quais são os critérios para selecionar, porque tipo ela [uma amiga] tinha tudo... lá na UFC tinha o “IRA” que era um ranking de notas e tal, o IRA dela era muito maior que o meu [...] Essa classificação por teoria, era para ela ter passado e eu não, sabe?! Não sei, não sei quais critérios de avaliação que eles tinham.

Mas com a aprovação, viam que aquele imaginário era possível e estava prestes a acontecer:

*(P4) O que motivou a inscrever foi justamente a oportunidade de conhecer a Europa, de ter uma experiência europeia, com todas as despesas pagas, **porque por ser de uma família do interior, eu sei que com o dinheiro dos meus pais isso não seria viável de forma alguma, impossível, era algo inimaginável, nem na Europa e em nenhum outro lugar. Seria impossível.***

*(P10) Mas quando eu vi tanta gente indo, eu falei ‘nossa, mas assim... tão raro, isso não parece comum, acho que eu vou tentar’, e aí, eu não sei porque, deu um pouco a... eu acho que eu gosto de fazer umas coisas diferentes, eu ‘ah, Holanda parece interessante!’ Holanda tem uma coisa, né?! [...] e fui... **e me inscrevi, fiz a entrevista com a faculdade, fui selecionada, era até uma faculdade bem concorrida, muita gente queria, a vaga [...] e aí eu consegui, com meu portfólio, não sei como.... (gritinho de comemoração) E... foi muito bom...***

O preparo para a viagem reuniu outras expectativas ainda mais “intensas”, “ansiosas” e cheias de “nervosismo”, conforme mencionado pelos intercambistas. A viagem já tinha começado e ainda não tinham se dado conta. Nesse momento, o preparo psicológico e a expectativa de aprendizado foram os aspectos centrais e serão apresentados no próximo subcapítulo.

4.5. Expectativa e preparo emocional para a viagem de intercâmbio

Para alguns dos participantes das entrevistas, o Ciência Sem Fronteiras havia sido a primeira experiência internacional e, na tentativa de entender como eles se preparam principalmente psicologicamente e emocionalmente para o intercâmbio, tinha-se como objetivo verificar quais foram as reações e ações após a notícia de aprovação.

Nesse sentido, verifica-se que embora ao se candidatar havia mais expectativa sob a oportunidade acadêmica e profissional que estavam adquirindo, apenas 4 participantes a

mencionaram novamente. Para os demais, foi nesse momento que se perceberam diante de uma vivência que exigiria mais preparo pessoal, internamente falando, e que seria nesse aspecto, os grandes ganhos da viagem. A citação a seguir ilustra bem essa transição de percepção:

(P8) A minha ideia era... como eu ainda não tinha tido essa coisa de experiência internacional, vida lá fora, essa coisa... eu não tinha essa expectativa de viver lá fora, de experiência internacional, eu não tinha tido essa vislumbre que eu tava indo morar fora, até realmente chegar lá e ver aquela coisa. Eu tava realmente pesando na coisa de experiência de ensino no exterior. A minha ideia inicial era “poxa, vou ter uma experiência de estudo no exterior”, vou ter uma experiência de estudo e pesquisa no exterior. Quando eu cheguei lá e eu vi que o negócio era real, que eu pisei no aeroporto, que eu sai e que eu olhei, eu falei ‘caraca, eu to na Holanda’, tipo assim a mesma Holanda dos livros do ensino médio, meu Deus do Céu! Aí eu falei, ‘caraca, eu to morando fora, eu não acredito nisso, meu Deus do Céu, é... ninguém da minha família nunca saiu do Brasil, e eu estou morando na Holanda’. Aí foi que eu falei assim ‘agora eu estou adquirindo uma experiência aqui... que não tem... isso não se compra, não se transfere... é incalculável’.

Algumas palavras se destacaram nos momentos desses relatos, tais como “dificuldade” e “desafio”, e uma outra que chamou bastante a atenção, “pavor”. Elas mostram um pouco do que se descreviam nos mitos das viagens, a ideia do inesperado e do surpreendente ao mesmo tempo, do medo e do anseio de alcançar algo que está a frente, dos percalços do caminho e da necessidade de superação. Esses foram os sentimentos que não apenas perduraram no pré viagem, mas durante toda a experiência do intercâmbio e que se constitui o processo da transformação da viagem que só é conscientizado para o viajante, quando ele retorna e reflete sobre isso.

A fim de exemplificar essa dualidade pré viagem, essa busca pelo desconhecido, a partir dos próximos relatos é possível perceber a emoção dos participantes em relação a experiência que estava por vir:

(P2) Eu acho que a palavra era ‘pavor’. Era minha primeira viagem internacional, não falava espanhol, não conhecia a cidade, não sabia de nada, não tinha amigos, não tinha nada [...]. Tanto que depois que eu passei da segurança do aeroporto de Fortaleza, me deu uma vontade de desistir, ‘não quero ir’.

(P1) Eu imaginava como um desafio, uma coisa nova, eu meio que esperava que.... ia realmente mudar a minha vida, no sentido assim, para falar a verdade mais para o lado pessoal do que profissional. Eu achava que as experiências iam me dar uma bagagem importante, mudar a forma que eu penso mesmo, de fazer acontecer. [...] Aconteceram muitas coisas nesse período, e minha vida mudou totalmente depois do Ciências Sem Fronteiras.

(P15) Não era algo muito claro pra mim, eu tinha esse desejo, mas era de conhecer (!). Pronto, eu acho que a minha expectativa era ‘eu vou conhecer um mundo novo’, e vou conhecer uma língua nova, uma cidade nova, comida nova, eu acho que eu fui muito mais por causa da língua, que eu gostava muito né, e da música também, eu fiz ballet durante alguns anos, então eu via algumas coisas de fora, a minha família sempre gostou muito de arte, então, as vezes a gente ia para algumas exposições,

livro... eu não sei de onde veio essa minha ideia, mas era sempre nessa expectativa de ampliar minha visão de mundo, de conhecer coisas que eu não conhecia, de conhecer... de conhecer, conhecer, conhecer!

Alguns intercambistas pareciam estar vendo e revivendo essa sensação de “ir em direção a viagem”, e contaram em detalhes esse momento de chegar no destino:

(P15) E, eu lembro assim, quando eu cheguei em Bruxelas, eu fui pra Paris, eu fui para Bruxelas porque eu tinha que ter o registro que eu tinha chegado na cidade que eu ia ficar, mas eu ia encontrar um amigo em Paris. E aí eu lembro assim... do meu coração pulando... muito forte.... daquela sensação de ter conseguido ir, de estar sozinha num campo que, por mais que eu sabia a língua, é diferente né, quando você está em um outro país, isso é muito bom... Foi uma realização muito boa, muito positiva.

(P13) Aí, depois que eu fiz o check in [no hostel reservado para a primeira noite do intercâmbio], uma meia hora assim para parar pensar ‘nossa, deu tudo certo, eu to do outro lado do oceano, preciso falar com os meus pais...’ Foi bem intenso. A viagem de volta foi bem diferente, porque eu já não estava querendo voltar (risos).

(P13) O embarque em si foi muito nervosismo, né, assim, eu falei ‘nossa, eu vou estar indo sozinho para um país que eu não conheço’. Entre esse tempo do aceite até o embarque o pessoal se encontrou no facebook tipo ‘ah, aprovados para Bélgica, vamos conversar entre a gente’, isso facilitou um pouco, eles foram antes que eu, eu fui um dos últimos a ir, e eles me deixaram mais nervoso ainda porque eles falaram que era muito difícil conseguir um lugar para morar lá, aí eu falei ‘nossa, agora vai ser impossível, se para eles que foram antes já foi difícil, imagina eu?!’. A viagem só foi mais tranquila porque eu encontrei, quando eu cheguei na escala que foi no Rio de Janeiro – Aeroporto do Galeão, eu encontrei uma menina que também estava com uma cara que também estava perdida, e eu vi que ela também era da Universidade Federal do Paraná, daí eu perguntei ‘nossa, você é da UFPR, você tá fazendo intercâmbio?’, daí ela disse ‘É, eu tô indo pra Espanha’, eu falei ‘nossa, que legal, eu to indo pra Bélgica’ (risos). E daí, meio que a gente se ajudou nesse período de transição, de viajar para outro país.

Também como parte dessa expectativa da experiência de estudar no exterior, é como um dos participantes bem mencionou, a sensação é de que seria automático e intuitivo essa ambição e procura pelo conhecimento e desenvolvimento acadêmico; que se absorveria profundamente o que seria ensinado, voltando com um domínio daquele conteúdo:

(P4) É aquele negócio, você acha que magicamente uma áurea de se desenvolver vai cair sobre sua cabeça, com os melhores professores do mundo, que todo mundo é educado, que você vai ter todas as dificuldades do planeta, que você não vai comer direito porque as comidas são diferentes, você acha que... nossa... nada vai dar certo, e que você vai ter todas as dificuldades do mundo. Mas não foi bem assim, na verdade...

(P10) Eu acho que eu tinha uma expectativa de, voltar dominando um designer super limpo, essa coisa do design escandinavo, que é... tá super... tava começando a crescer na época que eu fui para o intercâmbio, e hoje em dia tá, tudo é o design escandinavo, aqui no Brasil, então a gente usa muito como referência. E... acho que eu tinha essa expectativa, de dominar esse aspecto do design de lá.

(P12) A minha expectativa era de poder conhecer algo totalmente diferente, na

*verdade eu nem tinha muito conhecido, meu Deus, eu fui começar a estudar sobre Coréia depois que eu tinha passado, então, eu não tinha muito conhecimento de como seria, o que seria lá e tal, e como seria as pessoas... **a gente sempre achou que tudo seria muito seco, que as pessoas seriam muito fechadas e ia acabar chegando lá e tendo dificuldade com isso, a gente que é mineiro, muito acostumado com ter aconchego demais, e achou que ia ser algo desse tipo, pelo menos na minha expectativa. E assim, outra realidade, totalmente diferente.** A gente achou até que ia ser menos global do que foi, enfim... a gente chegou lá tinha 1000 estudantes do mundo inteiro na universidade, então era algo totalmente surreal assim, menos do que a gente imaginava, a gente achou que num ia ter tantos estudantes de fora lá e tinha bastante, foi algo que me surpreendeu. Acho que basicamente isso... E claro, um grande ponto tecnológico dentro da minha área de automação, era outro diferencial também né, um grande ponto tecnológico no mundo, de robótica e tudo era lá, então, era uma boa oportunidade de absorver conhecimento nesse sentido também, técnico.*

Por fim, vale destacar que novamente essa ideia de alcançar um sonho também acompanha o processo transformativo. Esse sonho que exige esforços de todas as partes, do intercambista, da família, do estado psicológico do viajante.

*(P1) Como a minha Universidade estava em greve, eu estava full time pensando nisso, dedicação exclusiva mesmo (risos). **Sonhava quase todos os dias com a viagem**, eu tinha um caderno e ficava anotando a cotação do euro todos os dias, ligava para três, quatro agências de câmbio, eu e um grupo de pessoas que tinha passado, e a gente negociava a taxa de câmbio com as corretoras, dizia que era do Ciência Sem Fronteiras... Tinha todo um planejamento assim, eu me planejei muito para ir.*

*(P4) Ela [mãe] ficou bem apreensiva e eu sou muito próximo da minha mãe, talvez porque eu seja o filho caçula, então eu sempre fui muito colado com ela. Eu acho que a parte mais difícil foi justamente essa, a distância, **eu me preparei justamente pensando que eu ia ficar distante, que eu não ia poder comer a comida que ela sempre fazia pra mim.***

*(P6) Claro que era o primeiro edital, deu bastante coisa errada, tinha bastante coisa desorganizada, eu fui receber minha primeira bolsa quando eu já estava na Austrália fazia três meses, então, assim... **meus pais pegaram empréstimo para eu ir, se eles não tivessem condições, eu não teria conseguido ir, mesmo.***

Percebe-se que o processo de transformação já começou com estas expectativas, mas é o acontecer da viagem que dirá em qual sentido essa transformação vai seguir. E por isso que entender qual era a rotina do intercambista e de que forma ele se relacionava com a nova realidade que o cercava, mostrará os aspectos e situações em que as mudanças foram acontecendo.

4.6. O dia a dia da viagem de intercâmbio

Entre rotinas de estudos, amizades, estágios e viagens, os relatos foram permitindo comparações com o que viviam no Brasil e percepções de posturas frente as situações da

viagem. Entende-se também que o fazer amigos na experiência do intercâmbio diz muito sobre a personalidade do intercambista que, como próprio nome diz, está ali para intercambiar, trocar, compartilhar.

De modo geral, a maioria dos entrevistados disseram ter feito amizades principalmente com brasileiros e intercambistas de outros países, do que com alunos locais da própria universidade. Apenas 4 participantes citaram que era fácil fazer amizades com os locais e percebeu-se que isso acontecia principalmente quando havia algum tipo de grupo de apoio para a recepção dos intercambistas na universidade que chegavam:

(P2) Aqui na Europa é muito comum o programa Erasmus, que é esse intercâmbio de estudante, e daí lá na Universidade de Alicante recebe muito estudante, então, eles já são bem preparados para isso. Então, já tem todo o sistema de apoio.

(P4) Dentro da instituição que eu estudava tinha um grupo de estudantes que se voluntariava para receber os intercambistas do Brasil e de outros países, eles promoviam festas, organizavam viagens pelas cidades históricas lá da Espanha, então, eu fiz muita viagem com eles, e era ótimo, porque eram outros intercambistas tinha dúvidas parecidas com as minhas, as mesmas dificuldades e tudo mais, e acabou que eu visitei muitas cidades da Espanha com eles e até Portugal.

(P12) O povo foi muito receptivo. A Universidade tinha esse tal de CUBA que era estudantes, eles dividiam em grupos e cada grupo tinha vários estudantes coreanos, e cada coreano ficava responsável por 2, 3 estrangeiros, e aí a cada 20 desses coreanos, juntava, e fazia um grupo, e cada grupo tinha o seu líder, que juntando fazia o programa como um todo. Então tinha muitos eventos de integração entre as pessoas, entre... eles ajudavam a gente com tudo, fazer plano de celular, abrir conta no banco, eles estavam sempre lá com a gente, no caso do hospital, ele tava lá comigo, ele foi comigo no retorno, então tipo assim, eles eram muito receptivos, e esse grupo principalmente fazia a gente interagir muito uns com os outros e com a sociedade como um todo. Então acabava ajudando muito a gente nesse sentido. E o povo muito receptivo, muito amigável, muito pronto a ajudar, então... isso ajudava muito.

Quando o contrário acontecia, justificaram a pouca receptividade dos locais pelo fato de estarem ocupados com suas próprias rotinas ou por não estarem dispostos a fazer novos amigos estrangeiros:

(P2) Eu não consegui fazer amizade com espanhol de jeito nenhum, não sei se pelo fato de eu ter feito amizade primeiro com brasileiro, pode ter sido por isso, mas também em contrapartida eles eram fechados, entre eles sabe?! Tipo, eles não se mostravam abertos para fazer amizades com estrangeiros.

(P3) Na faculdade eu tive um pouco de dificuldade para fazer amigos, assim... Porque o pessoal era muito ocupado, o pessoal de lá já tinha suas rotinas, no fim de semana viajavam para encontrar família que morava em outra cidade... E a questão do idioma, no começo eu não consegui me expressar bem em espanhol, ou então, o pessoal entre eles falavam muito rápido, muitas gírias, então, era difícil de acompanhar. Eu acabei fazendo amizade com outros intercambistas.

(P13) O que eu senti bastante dificuldade lá, foi realmente interação com os alunos da minha turma. Então, eu morava dentro do campus, e interagia bem com os belgas

onde eu morava lá, da república. Mas na sala de aula eu não conseguia interagir assim, porque poxa eles já estavam juntos a três, quatro anos, eu era uma pessoa estranha.

Apenas um dos entrevistados mencionou essa pouca disposição própria em interagir com os outros alunos. Mas na sua fala, já se percebe uma postura de autoconhecimento e também de mudança após a viagem de intercâmbio:

(P10) Não fiz... amizades rápido, não é muito meu perfil, não era muito meu perfil, hoje em dia é, eu sou bem mais de boa hoje em dia, mas, não era muito meu perfil, mas eu fiz mais amizades com outros estrangeiros, ou com outros brasileiros.

Quanto ao ritmo dos estudos, variava conforme a universidade. Houve relatos de experiências desgastantes e de dedicação exclusiva a universidade, como houve descrições de vivências mais tranquilas na universidade, que permitiram explorar mais o tempo com viagens e atividades externas.

(P10) Era uma rotina pesada! Eu acordava, já sai correndo pra faculdade, tinha aula de manhã e de tarde, normalmente eu ficava até tarde na faculdade, aí voltava, eu passava no mercado, fazia qualquer coisa em casa, fazia os trabalhos de noite, e era muito trabalho pra mim, era muito mais trabalho do que eu estava acostumada aqui.

(P5) Eu tinha fins de semana que dava para aproveitar a cidade, as redondezas assim... A universidade ela era bem legal porque ela organizava... Ela tinha um centro para estudante internacionais e eles organizavam viagens também, então, dava para conhecer bastante lugares próximos, atrações turísticas próximas.

No que tange a desfrutar do tempo livre durante o intercâmbio, também teve duas realidades: enquanto alguns intercambistas exploraram o tempo viajando, outros preferiram ficar no país e imergir na cultura local ou aproveitar para realizar atividades de estágio que agregassem ao currículo acadêmico.

(P12) Nas minhas férias eu preferi fazer estágio, em vez de ficar viajando, também era uma experiência muito cara, então eu acabei viajando muito dentro da Coréia, fui fazer alguns programas muito louco, tipo ir no festival de arroz, fazer bolinho de arroz lá no sul da Coréia numa cidadezinha pequeninha lá, parecia as oportunidades assim eu ia sabe?! Eu preferi isso, emergir muito na cultura, na realidade local da Coréia, do que ficar viajando assim e conhecendo países, um pouquinho de cada país.

(P13) Eu tive a mentalidade assim de 'ah, vou pegar um quarto barato, não precisa de luxo, economizar ao máximo e viajar. Então, assim, teve muita gente que pensou 'ah vou guardar dinheiro e voltar com esse dinheiro para o o Brasil' e eu não, eu voltei com praticamente nada, e assim eu aproveitei o máximo que eu pude lá.

Tanto os momentos dentro da universidade, como a interação com as pessoas que estão próximas e as escolhas que se faz no tempo livre do compromisso do estudo, permeiam a

experiência do intercâmbio e vão dar mais significado a uma experiência ou outra, que ficará marcada para toda a vida e também que formam a personalidade de quem as vive.

No momento que discorriam sobre o seu dia a dia, notou-se que uma participante já havia internalizado esse aspecto e conscientemente havia percebido o quanto os dois momentos da viagem permitiram aprendizados essenciais e uma experiência marcante que levaria para a vida:

(P8) Eu me entrosei bem com essas pessoas [colegas de apartamento que eram intercambistas de outros países], para mim foi um grande aprendizado, porque eram pessoas com personalidades bem diferentes, algumas delas com personalidades bem diferentes da minha inclusive que eu tive que aprender como lidar! Porque tá morando na mesma casa, dividindo as mesmas coisas, e eu sempre tive uma personalidade forte, eu não digo nem brigona assim, mas uma personalidade forte, incisiva, sempre quis colocar minha opinião, colocar as minhas coisas da forma como eu acho que tem que ser, e lá eu aprendi a recuar, sabe?! Foi bem positivo isso para mim, nessa casa.

(P8) Quando eu fui morar no campus a coisa mudou de figura completamente! [...] E foi bem legal esse tempo que eu morei lá porque foi outro aprendizado. Dividir casa com 15 pessoas, lá a gente tinha tarefa dividida, bem divididinha mesmo, e eu aprendi a fazer as coisas lá mesmo, eu aprendi a cozinhar lá, eu aprendi a limpar lá, coisa que em casa eu fazia tudo meia boca, lá eu aprendi a fazer direitinho, sabe?! Porque eu gostava de tudo limpo direitinho então eu tinha que aprender a limpar tudo direitinho também. E lá eu fiz uns amigos, dois amigos portugueses e um indiano que são meus amigos até hoje e que inclusive vem para o meu casamento o ano que vem. São amigos até hoje e que eu falo praticamente todos os dias. E isso também é uma coisa pra mim... uma grande surpresa, porque eu nunca fui o tipo de pessoa que faz amizades tão duradouras assim.. eu tenha umas amigas de infância, mas são duas, três... Fazer amigos a distância, fazer amigos lá e manter amigos a distância, eu sai de lá em 2013, por 6 anos, amigos a distância, que já vieram no Brasil me visitar e ficaram na minha casa, nossa isso é sensacional cara, para mim é uma joia, é incrível.

Buscando ir a fundo nessas experiências significantes e de maior impacto para os entrevistados, questionou-se quais haviam sido os pontos altos da viagem e o porquê, o que permitiu os primeiros *insights* marcantes dos aspectos (trans) formadores, tal qual pudemos ver nestes últimos trechos e que serão apresentados no próximo subcapítulo.

4.7. Momentos marcantes: os primeiros *insights* (trans) formadores

Fazer essa reflexão dos momentos mais marcantes fez com que os intercambistas retomassem vários fatos que já haviam comentado, justificando o motivo pelo qual eles viram aquela experiência como mais impactante do que outras, e também detalhando a influência no seu eu, durante e após a viagem.

Percebeu-se que para 2 participantes as principais contribuições da viagem estavam

centradas exclusivamente na questão acadêmica, não mencionando nenhum aspecto interpessoal ligado a outras atividades que não a faculdade ou a oportunidade de estágio:

(P5) Eu acho que o ponto alto mesmo seria relacionado a universidade, aos projetos de grupo que eu apresentei lá, os cursos que eu tive, e os contatos que eu fiz também. E também o programa... Porque o programa ele era dividido em... fazia dois semestres então eu estudei por oito meses lá e eu fiz uns 4... 3 meses e meio de “interneship”, de estágio, eu fiz dentro da universidade. E esse também foi um ponto alto, o estágio, porque me deu oportunidade de trabalhar com professores ali, e deu uma ideia de como eles fazem pesquisa.

(P7) Eu gostei muito dos meus estágios [...]. Os dois estágios que eu fiz foram os pontos mais altos, porque eles me trouxeram uma visão diferente das empresas de lá, que eu não tinha... porque foi meu primeiro estágio, então, foi bem impactante assim, sabe?! A cultura do empregado é diferente, daí isso me deixa bem chocada, positivamente e negativamente.

Obviamente a pergunta questionava os “pontos altos” da viagem, e para esses participantes foi o que mais os chamou a atenção. No entanto, conforme será visto no subcapítulo sobre os impactos da viagem, estes mesmos participantes ressaltaram aspectos ligados a valorização da cultura e compreensão “do seu lugar no mundo” a partir dessas experiências na universidade e no estágio. Dessa forma, houve o entendimento de que essas vivências foram além do objetivo acadêmico.

Outros 8 participantes mencionaram os aspectos acadêmicos, mas sempre correlacionando com as contribuições pessoais que geraram resultados no trabalho que exercem atualmente. A seguir, destacam-se alguns relatos sobre esse aspecto:

(P6) Eu com certeza não estaria onde eu estou agora se eu não tivesse feito essa viagem. Eu trabalho agora com projetos digitais, na área de Marketing, sou gerente de projetos digitais, e é uma área que eu nunca teria pensado antes de eu fazer essa viagem. [...] Quando eu fui para Austrália, o que realmente fez assim um baita impacto, me deu assim um insight muito grande, foi que no Ciências Sem Fronteiras tinha a obrigatoriedade de fazer um estágio, e era assim, se você não fizesse o estágio, você corria o risco de perder sua bolsa. [...] E a minha universidade foi a única que conseguiu estágio não remunerado para os alunos, durante as férias, porque a gente não podia fazer... porque o estágio ele era full time, era 8 horas por dia, então a gente não podia fazer durante as aulas, então a gente teve que fazer dezembro, janeiro e fevereiro [...]. Eu fui fazer um estágio de Marketing na L'Oréal Austrália e foi muito legal, e aí eu descobri essa área que eu não tinha a mínima ideia que existia, que eu não tinha mínima ideia de como funcionava, e eu descobri que tudo o que eu estava estudando na comunicação eu conseguia aplicar muito bem nessa área, e que as pessoas que estavam nessa área faltava muito conhecimento específico. E aí, eu falei, NOSSA! Tá aqui, eu acho que eu descobri o que é que eu quero estudar e talvez o que eu quero fazer da minha vida depois da faculdade. É por isso que eu falo que assim... foi essencial para eu ter feito a trajetória que eu fiz.

(P10) E teve alguns aprendizados, assim, dos próprios professores, eu tive professores muito bons também, é... muito duros, muito exigentes, mas com muita propriedade, e eu consegui aproveitar muito bem esse aprendizado. Tanto para aplicar no design, como para aplicar na vida mesmo.

*(P13) Do ponto de vista da disciplina, da graduação, muita coisa que eu aprendi lá, eu tentei trazer pro meu curso aqui no Brasil. Então coisas que a gente não via, eu falei 'olha, isso é interessante estudar, vamos procurar melhorar'. **O meu mestrado, foi seguindo na área que eu estudei lá, então assim... não foi uma viagem, eu tentei realmente retornar um pouco do que eu vi lá né?!'***

Ou então, valorizando mais o crescimento pessoal do que o aporte técnico que obtiveram:

*(P1) Em relação a parte acadêmica, eu não notei nada assim de tão espetacular, eu acho que principalmente porque eu estava em um semestre muito básico... Eu acho que quem veio para cá já no 7º, 8º conseguiu pegar matérias mais profissionalizantes, aproveitar mais nesse sentido. **Eu acho assim, que não foi tão extraordinário nessa parte acadêmica, então a parte pessoal foi mais importante**, e os lugares que eu pude visitar, foi Madri, Londres, Roma, Amsterdam, algumas cidades pequenas da Espanha. Aqui, o grupo de Erasmus organizava muitos passeios, e já era tudo acertado, tinha um guia, que conhecia todas as cidades, então, a gente conheceu muitas cidades assim também, em Portugal e Espanha. **Então, foi muito bom por conhecer tantos lugares que eu não imaginava conhecer um dia, e pelas amizades também que eu fiz, essa troca de conhecimentos, com as pessoas, tinha gente do Brasil inteiro e de outros países. Então isso foi importante pra mim.***

*(P2) **O que mais me marcou foi o conhecimento pessoal mesmo, assim... o crescimento pessoal foi o que eu resumiria minha viagem de intercâmbio.** Porque tipo, conhecimento técnico foi ok, eu aprendi coisa na universidade, mas eu também teria aprendido coisa no Brasil, a minha própria universidade me forneceria os mesmos conhecimentos.*

Tal qual este último trecho, para alguns dos entrevistados ficou nítido que o desenvolvimento pessoal e autoconhecimento foram os principais pontos da viagem, e afirmam isso com uma convicção que já dão indícios dessa ter sido a principal transformação:

*(P2) **Mas acho que o que mais foca mesmo é o crescimento pessoal, poder interagir com pessoas de outra cultura, conhecer outras culturas e passar uns perrengues e se virar sozinha, mostrar tipo que tem capacidade de conseguir se virar sozinha.** Então acho que isso mudou minha cabeça completamente, assim... Depois que eu fiz intercâmbio, eu fui uma pessoa e voltei outra. **Todo mundo até brinca que a Europa me mudou, mudou para melhor.***

*(P4) **O ponto alto foi realmente meu desenvolvimento pessoal porque como eu era mais tímido, com essa viagem eu acabei desenvolvendo habilidades pessoais muito específicas como falar em público, apresentei diversas vezes trabalhos em espanhol, e tive de conhecer pessoas de outros lugares do Brasil, a gente tinha pontos fortes em comum, mas acabei perdendo a timidez que eu tinha.***

Nesse sentido também, o fato de estarem sozinhos, estarem longe de suas referências, fora da zona de conforto, possibilitou que desenvolvessem uma capacidade de se colocar frente as situações inusitadas e saber que conseguem dar conta dos desafios e dificuldades:

*(P2) **Eu tenho essa visão, de que a gente fica muito fechado na nossa bolha, e quando a gente quebra isso, a gente acaba crescendo sim... porque a gente passa por dificuldade, por situação que você não conhece, tem outras experiências, e você***

acaba crescendo muito... E isso é muito bom, tem um sofrimentozinho né, mas a sensação no final é bom.

(P3) No todo o ponto alto foi sair da zona de conforto, sair de casa, conhecer um mundo totalmente diferente, ter que andar com minhas próprias pernas, me virar em outro idioma, então... acho que foi crescimento pessoal.

(P14) Um foi.... Tem algumas coisas pessoais, do desenvolvimento e independência né, a eu ter essa certeza... ah, eu consigo sobreviver sozinho, isso ficou bem claro que eu tenho essa é, nunca tinha tido essa experiência anteriormente. Profissionalmente também, eu consegui me adaptar muito bem a escola, então eu vi que no começo o que parecia um desafio não foi tão grande assim... Então deu para perceber que no fundo eu também tenho essa capacidade de não só no Brasil, mas na Holanda, em qualquer lugar. E o desenvolvimento da língua também, foi muito importante pra mim.

Por fim, vários mencionaram as viagens e as trocas culturais que realizaram como os pontos altos da viagem, o quanto isso ampliou a sua visão de mundo, fazendo-os enxergar na própria viagem, a possibilidade e potencialidade desse momento para se construir e reconstruir:

(P13) Como eu disse, para mim, conhecer os países, as culturas, para mim foi muito legal, conhecer o Vaticano para mim foi a realização do meu maior sonho, as pessoas que eu conheci lá, os brasileiros que eu conheci, eu formei uma grande amizade, a gente continua a se ver até hoje; quando dá, a gente marca de se encontrar em São Paulo, Rio de Janeiro, ou o pessoal vem para Curitiba, eu encontro eles, isso foi muito bom né?!

(P12) Olha, eu gostei muito desse festival de arroz que eu te falei, foi uma experiência muito interessante, porque era assim totalmente surreal, você tava em um lugar nada... ali sim, eu tinha que fazer bolinho de arroz, conversando com a mulher coreana, que não sabia falar inglês, e eu não sabia falar coreano, e é aquele negócio, nós tínhamos que fazer um bolinho de arroz, que era uma competição entre países de bolinho de arroz, então.. foi algo muito, muito bom mesmo, que eu gostei bastante.

(P15) É... em relação a viagens, meu ponto alto foi falar bem a língua, no final eu já me sentia muito segura disso, e em relação a cultura, porque a gente tem contato com muito gente [...] com outros países, e é muito interessante ver essa diversidade cultural e essa minha amiga francesa, ela era alucinada pelo Brasil, e aí, as vezes a gente ficava conversando, ela sobre a França e eu sobre o Brasil, e aí eu me dava conta de como as nossas culturas são diferentes né, então, essa dimensão do aspecto cultural foi pra mim algo muito valioso, sabe?! Foi um ponto alto da viagem. E aí fora, poder conhecer outros países assim né, eu acho que eu nunca teria tido a oportunidade de viajar para tantos países, se eu não tivesse lá. Era muito perto, então, cara, você conhecer todos os países que eu conheci, em um ano, ahhh seu eu pudesse fazer isso de novo! (risos) Quero e vou fazer, quero e preciso fazer.

Como exemplo de autoconhecimento, especialmente ligado a superação, vale destacar o relato de uma participante. Sua experiência pode-se dizer que é o sentido e o resumo do que a oportunidade do intercâmbio agrega e possibilita ao estudante. De uma maneira ou de outra, esta viagem cria caminhos antes inimagináveis, caminhos que por vezes a pessoa se sente incapaz de percorrer, e conseqüentemente, há um processo de afirmação e fortalecimento do

próprio eu, de se expor diante de grupos que não entendem da mesma forma que você, e saber lidar e superar essas diferenças:

*(P10) Eu acho que... os finais dos semestres, eu ver que mesmo com todos os sacrifícios de eu não falar o idioma, de ser uma proposta muito diferente do que eu estava acostumada aqui, do que eu tinha entendido o que era a faculdade, eu dei muito conta! Eu tive notas altas em alguns trabalhos, só teve uma matéria que eu não passei, mas era justamente a do professor que não falava inglês, e um dos meus trabalhos, um trabalho que eu sofri muito pra fazer, que eu achei que ‘nossa, isso tá uma merda’, foi selecionado para ir pra feira de Milão, que é a feira de design mais importante do mundo. Então, eu apresentei esse trabalho em Milão junto com a escola, eu ajudei na produção, eles pegavam os alunos para formar a exposição lá da escola, então essa foi uma experiência muito legal, foi muito difícil. A minha turma especificamente era uma turma difícil de lidar, as pessoas no geral, os alunos, eram egoístas, então foi...eu aprendi muito! **Sabe?! Fortalecer minha autoestima, ali... independente do que os outros alunos falavam.** E... eu acho que no final dessa exposição, que foi no meio do ano, quando a gente voltou os professores queriam saber como foi a experiência, todo mundo falou mais ou menos, e eu consegui “meter o pau assim”... de falar tudo assim... é... que as pessoas precisavam ser mais unidas, tinha muita competição, em um lugar que não deveria ter competição, que não tinha nota, não tinha prêmio, não tinha nada, estava todo mundo expondo, e os meninos ficavam todos assim... tipo... **E para mim foi muito importante falar em um grupo grande, em um idioma que não era o meu, e.. que eu não era a que mais dominava o idioma, então, foi muito bom assim, tipo, me colocar e não estar nem aí se eles estavam chateados comigo, se eles iam me aceitar, eu já tava assim... vai! Então, comigo foi muito bom.***

Pontuar os pontos altos abriu caminho para também questionar quais foram os pontos baixos, negativos da experiência de intercâmbio, e assim fazer com que o viajante pese o quanto a viagem representou o imaginário que havia construído em relação a ela antes do embarque.

4.8. Alinhamento de expectativa: imaginário *versus* realidade

O objetivo de propor essa reflexão do imaginário *versus* realidade foi o de possibilitar que o intercambista fizesse um balanceamento de tudo o que viveu na viagem, e assim poder identificar quais aspectos a viagem não consegue alcançar, e de que forma isso impacta na experiência do viajante.

Foi unânime a afirmação de que a viagem atendeu e/ou superou as expectativas. Quando citavam alguma decepção, que foram poucas, era principalmente relacionado a de viver em uma sociedade diferente da sua própria e ter que aceitar e aprender a conviver com aquela cultura, da forma como ela é:

*(P9) [...] a gente ouve falar muito de lá, que todo mundo é muito educado, é tudo muito seguro, e realmente isso é sabe?! Mas ao mesmo tempo tem um outro lado assim, que as vezes a gente não ouve tanto, que eu fiquei um pouco chateado, sabe?! Com o jeito que as pessoas fazem certas coisas lá, sabe?! [...] **A estrutura da***

sociedade coreana ainda é um pouco ligada a hierarquia, é um pouco machista, então assim, quando você começa a ver isso enraizado nela toda, sabe?! E começa a ouvir as histórias...

(P12) Mas as questões culturais, daí você passava alguns apertos porque certos gestos ou o que você faz as pessoas entendem de forma diferente, então você acaba passando por alguns apertos nesse sentido, mas de forma geral foi tudo muito bom sabe?! Eu não tenho muito a reclamar.

Aparentemente, houve até situação de xenofobia. O participante não entrou em detalhes, porém, em uma proposta de troca e compartilhamento, sentir-se estranho e de certa forma excluído, em particular saindo de um país como o Brasil, que possui uma grande diversidade cultural e ultimamente tem discutido amplamente sobre o preconceito e inclusão social, pode impactar significativamente na experiência da viagem dos envolvidos. O relato deste intercambista é apresentado a seguir:

(P9) E uma coisa também que eu fiquei um pouco, sei lá, é que lá você é muito estrangeiro né?! Não tem como você... todo mundo te olha e sabe que você é estrangeiro, e aí tem coisas que sei lá, a gente foi proibido de entrar em alguns lugares, sabe?! Então assim, festas, coisas assim, sabe?! Não era nada... a gente não via preconceito, das pessoas contarem, ou das pessoas fazer algo com a gente, sabe?! Tanto que eu me sentia super seguro lá, mais do que aqui, mas você sente que as pessoas te olham de uma forma diferente, sabe?! Ou de um jeito ruim, do tipo 'olha essa pessoa diferente aqui', ou até de um jeito meio que seria bom para eles, mas que a gente acaba não se sentindo bem, sabe, quando você é muito exótico?!

Mesmo que de uma forma não tão positiva, são experiências com essa profundidade de impacto e estranhamento que possibilitam afirmar que o sujeito vai para viagem e retorna dela transformado. Não apenas essa participante, mas diversos outros conseguiram dimensionar a transformação decorrente da viagem, a partir de uma mudança de mentalidade e da compreensão que há um eu diferente do seu próprio:

(P9) Então assim, e aí... eu acabei repensando várias coisas, sei lá, por exemplo hoje eu não consideraria morar na Coreia, para a vida, sabe?! Moraria de novo se fosse para fazer um outro curso, essas coisas, mas não é um lugar que você tem vontade de ficar, para criar família e construir a vida, por exemplo.

(P5) Completamente, superou o que eu imaginava. Eu não imaginava, na verdade, eu não pensaria... eu não achava que estaria tão interessado em voltar mais para o Canadá, mas foi o que aconteceu.

(P7) Uma coisa que eu não estava esperando era fazer amizades lá e gostar tanto da cultura né?! Eu acabei me identificando bastante com a cultura deles, o jeito que eles se portam, tudo né?! Então, acabou que superou bastante minhas expectativas iniciais [...] Antes do Ciências Sem Fronteiras se eu pudesse escolher um país não seria a Coreia, então... agora a minha mente já mudou de foco.

(P12) Mas também depois que eu vim de lá eu aprendi isso na minha mente que o mais importante do intercâmbio nem é a parte técnica, mas essa diversidade cultural, acho que muda muito mais a cabeça da gente, e da população como um

todo através da gente, do que um conhecimento técnico diferente, que às vezes nem é diferente né, só é em um outro país.

Ter a consciência desse amadurecimento permite afirmar novamente que a viagem é caminho para o autoconhecimento e para formação pessoal, no qual muito do que se vê, se absorve, se aprende, se pratica o altruísmo, colocando-se no lugar do outro, e que a riqueza de viajar pelo mundo está na oportunidade de conhecer essas diversidades:

(P15) Nada eu me decepcionei assim... Talvez algo que eu vi de uma forma diferente, e... foi tudo muito superado, além das minhas expectativas né... Porque eu acho que eu não tinha expectativas muito reais, muito idealizadas, eu fui mesmo, para conhecer o mundo, então, foi isso, eu conheci mais de um mundo, super valeu, foi super além das expectativas.

A partir desse exercício de pensar sobre a viagem, de voltar e viver o intercâmbio, o pré, o durante e o pós viagem, entendeu-se que os participantes já tinham internacionalizado a viagem e era o momento de tornar consciente do ponto de vista de cada um o que foi formador e transformador com o intercâmbio. Isto é, fazer um levantamento das principais bagagens trazidas para o Brasil.

4.9. As bagagens trazidas da viagem: impactos (trans) formadores

(P12) O que o Brasil teve através de todos esses programas foram agentes de mudança, sabe?! Acho que as pessoas que vão nenhuma volta igual era quando foi, e cada uma das pessoas provoca uma mudança significativa no que ela convive, então quando você pega para falar do programa, acaba modificando a mentalidade das pessoas como um todo. Isso é algo interessante, essa mudança de concepção, no sentido de abrir mais a cabeça das pessoas que convivem comigo sobre o que é a Coréia do Sul, sobre como é o mundo, mudança de concepção acaba fazendo transformação nas pessoas ao redor.

Essa breve colocação é bastante representativa do aspecto transformador da viagem. Consiste em um processo de ir e vir, e também de se deixar levar e retornar ao lugar de origem. O participante foi muito claro ao usar a expressão “agentes de mudança”, pois é uma mudança que começa em si próprio e transborda para os outros. Mas também não é finita, pois a partir de uma experiência como essa, tem-se consciência de que o aprendizado sobre si e sobre outro é constante:

(P8) A minha viagem superou as minhas expectativas, eu só achava que eu ia estudar fora e que ia ser bem legal, e eu acabei tendo várias lições de vida, construindo amizades, aprendendo a conviver com as diferenças, aprendendo a respeitar o outro, de uma maneira que eu acho que eu não sabia direito, né?! Ainda to aprendendo né, porque é um aprendizado eterno, você aprender a respeitar a

diferença do outro, o direito do outro, de ser quem ele é, e pronto, acabou né?! Você é uma pessoa, o outro é outra pessoa.

Esse olhar altruísta é facilmente captado e absorvido pelo intercambista, em especial, porque no primeiro momento da viagem ele que é o outro, o estrangeiro. Aprender a conviver e desprender-se de julgamentos a partir das suas próprias referências, torna-se um exercício contínuo para um bom relacionamento e desfrute da viagem:

*(P7) Eu acho que primeiramente me ajudou a amadurecer mais, porque eu tenho uma outra visão agora do comportamento das pessoas, porque eu vi umas questões extremas lá, aí agora eu levo mais na... como posso dizer... eu sou uma pessoa que julgo muito as pessoas, então, quando eu vi os pontos extremos lá, **eu não consigo julgar da mesma forma aqui mais como eu fazia antes.** Então mudou muito a minha visão do convívio com as pessoas. [...] Impactou também um pouco a minha família, meus irmãos foram influenciados pelo meu feedback contínuo sobre o país [os dois estão lá com bolsas do governo], então isso mudou um pouco o rumo deles. **Mas, assim, eu acho que foi no geral, uma reviravolta decisiva assim, na minha vida. Com certeza!***

*(P13) Eu sempre fui o tipo de pessoa que tentou ajudar os outros que foram depois de mim né, então, tive uns amigos que foram para o intercâmbio depois, inclusive um foi para a mesma universidade, então, você já dá umas dicas, como funciona as disciplinas, os professores, como que funciona a universidade, como é o sistema da cidade, do país, essas coisas. Muita gente que vinha me perguntar depois, né, porque na época eu tinha um blog, então eles falavam assim 'ah, eu li no seu blog, e queria saber mais, como é lá... você pode me ajudar...', então eu ajudava. **Dessa forma assim que eu tentei trazer as coisas, todo o aprendizado que eu tive lá para as outras pessoas também.***

Além disso, os participantes perceberam que apesar desse outro ser diferente, torna-se a cada dia mais parecido consigo mesmo, pois as relações provocam aproximações e compartilhamentos que unem mais do que distanciam:

*(P9) E aí eu acho que estar lá esse tempo todo, me ajudou a isso assim, a perceber as coisas aqui melhores, sei lá, vê as coisas de outro ponto de vista, sabe?! [...] É uma experiência que une muito, sabe?! **Que você tá sozinho, sei lá, em um lugar que ninguém te entende direito, que todo mundo te vê diferente, e quando você está com um grupo que é muito mais parecido com você, apesar da gente ser muito diferente entre si às vezes, mas lá a gente era muito mais igual do que diferente. E aí, foi muito bom também, criar esse tipo de relação.***

Outro aspecto que se mostra praticamente inerente a experiência do intercambista é o estar aberto a mudanças:

(P4) Eu voltei uma pessoa muito mais aberta a mudanças, sem dúvida (!), dos mais variados tipos, de mudar de curso, de mudar de disciplina, de mudar de horário, de mudar de bairro, eu realmente fiquei uma pessoa muito mais aberta, eu voltei respeitando muito mais as diferenças, em todos os sentidos, e outras culturas, como você deve saber né?! por estudar na USP, tem muito mais interação que aqui, mas aqui a gente tem contato com estudantes africanos, europeus e latino americanos, então você volta mais curioso também, você quer conhecer coisas diferentes e tudo mais.

(P12) Acho que tudo né. Porque quando você muda isso tudo, você não é mais a mesma pessoa, então tudo o que você começa a fazer dali pra frente, é diferente né, eu não sei se eu taria...se eu teria feito as eletivas que eu fiz na faculdade sem ir para a Coréia do Sul, ou trabalhado como eu trabalhei, ou mesmo estar aqui hoje nessa empresa onde eu to, se não fosse uma experiência dessa que eu tive lá traz, que me tirou alguma vaga de emprego, que me proporcionou alguma vaga de emprego, acho que acaba virando um ciclo pra frente que né... não sei como seria tudo isso se eu não tivesse ido pra lá, entendeu?! Não sei se eu teria no mesmo lugar de hoje, eu teria outra concepção, eu teria feito entrevista de outra forma, eu teria me inscrito para outras vagas, acho que faz muito diferença nisso como um todo, né?!

Percebe-se, então, que essas mudanças são de toda a ordem, desde o relacionamento amoroso à escolha profissional:

(P5) Um dos motivos que eu acabei voltando é porque eu conheci na época minha namorada, ela também morava na residência estudantil, e a gente está até hoje juntos, a gente mora junto na verdade.

(P1) Foi o grande legado do Ciência Sem Fronteiras [...]. Tudo isso me levou inclusive a mudar de curso... Eu, na época a gente tinha um plano de eu concluir a minha graduação, e nós voltarmos para cá, para morar aqui, só que meu curso lá [no Brasil] de Engenharia Sanitária e Ambiental é um curso muito voltado para as demandas do Brasil mesmo, tem um déficit de saneamento muito grande, então, o curso é muito voltado para essa parte. E aqui, em Portugal, são pouquíssimas vagas nessa área então, não teria muita chance no mercado de trabalho aqui. Então, eu resolvi mudar para Engenharia Civil, e também em uma outra Universidade, uma Universidade melhor, que proporcionasse mais estágio, mais empregos.

(P2) A primeira coisa que eu lembro é de ter terminado o meu namoro quando eu voltei, empoderamento feminino (risos). Foi uma coisa bem marcante mesmo, foi isso, porque eu vivia um relacionamento abusivo, e eu não percebia isso. Então, no momento que eu consegui se separar, e ver outros mundos, outras cabeças, e ver mais quem eu era e o que estava acontecendo, eu percebi que aquilo não estava certo, então, foi como eu consegui essa ruptura, de definir realmente o que eu queria. Eu vi que eu estava no caminho da graduação certo, eu acho, porque tipo, na verdade, nem tanto, porque até hoje eu fico na dúvida do que eu estou fazendo, se tá errado, se tá certo, mas pelo menos saiu da minha cabeça de desistir da graduação [...] Foi uma coisa que eu consegui focar mais.

Essas mudanças criam novas possibilidades e permitem a valorização e reconhecimento de aspectos que, até então, passavam despercebidos:

(P9) Eu acho que foi muito bom para a gente ver as possibilidades que a gente tem, sabe?! Tanto que aqui algumas coisas ainda precisam caminhar, em termos de tecnologia ou estrutura, sabe?! De ensino também... quando você estuda com eles lá, e usando os métodos de lá, você acaba valorizando algumas coisas daqui também, sabe?! Ah, por exemplo, lá eles estudam muito, eles são muito aplicados, mas eles são meio reprodutores, sabe?! Mais do que criadores, assim... Eles aprendem como é que faz uma coisa e aí eles repetem tanto até que fiquem excelentes naquilo. Mas quando alguma coisa sai do projetado, assim, sabe, do esperado, eles têm muita dificuldade em lidar com esse problema. Então assim, é uma coisa que a gente tem muito aqui, mas a gente não repara, por exemplo. Essa maleabilidade que a gente tem, sabe?! Para lidar com as situações.

(P8) Tive que aprender coisas que eu não sabia, tive que aprender a programar, sabe?! Eu era estudante de medicina, eu trabalhava com um produto, um aparelho

médico totalmente difícil, com parte elétrica, com parte mecânica, eu tive que programar aquele negócio, eu tive que mexer com coisas elétricas, com um monte de coisa que eu não sabia mexer. E aprendi na boa, assim, feliz, poxa, que oportunidade outra eu ia ter na minha faculdade de medicina, de eu estar trabalhando com uma coisa fora da minha área de conhecimento... nenhuma! Então para mim isso foi riquíssimo.

Nesse sentido da valorização, alguns intercambistas mencionaram que voltaram dando mais valor ao próprio país e a ser brasileiro (a):

(P4) E aprender a valorizar o Brasil, e a educação do Brasil também, com toda a dificuldade que achei que a gente tinha e acho que a gente ainda tem, o Brasil e a minha instituição me forneceu todo o suporte para eu ter êxito nos meus estudos lá.

(P15) Mas eu trouxe muito uma questão de valorização do nosso país, essa questão do ensino, outras coisas em relação a perspectiva de poxa, a gente é um país que tem pessoas super competentes, que a gente consegue pensar de um jeito diferente, mas a gente não consegue diminuir a desigualdade social, a gente não consegue ter um transporte público legal, então eu trouxe muito essa troca, esse intercâmbio... a gente pode tanto, mas a gente não chega lá, e porque é que a gente não chega lá.

A responsabilidade pessoal e social também naturalmente se manifesta. O intercambista reconhece que a partir daquele momento ele tem um compromisso com a sociedade; que ele foi recebido por uma cultura distinta, e que é seu papel retribuir, dividir com os outros sua própria cultura:

(P3) Para mim, na minha vida, valeu como crescimento pessoal, como ter aprendido um outro idioma, que hoje em dia eu trabalho com turismo e é muito importante falar mais que um idioma não só o português, então, seja o espanhol, seja o inglês, então isso é muito importante.

(P4) E o que impactou... Como eu trabalho com o público em uma cidade turística, sempre que chega algum turista, algum latino por exemplo, já falam, chama o Alex, porque as pessoas não se comunicam né, não falam o mesmo idioma... Isso é visto com outros olhos com as pessoas que são atendidas, elas têm outra confiança quando o profissional que está falando com elas sabe falar o idioma, sabe falar certinho, sabe orientar de maneira correta, é outra coisa, sem dúvida.

(P14) Muitas das pessoas que conseguia viajar, voltava e já tava se planejando ou vendo como conseguia ir de novo. Porque não tava preocupada em trazer algo assim, de volta, de retorno que eles ganharam. Da minha parte, é algo bem pontual, eu aplico isso no meio dia a dia, então, as coisas que eu aprendi, desde língua a parte técnica, aplico no emprego que eu consegui aqui no Brasil, como um todo.

Muitas vezes essa responsabilidade e preocupação fica até mesmo comprometida pelas possibilidades que o intercâmbio propicia. Na hora de fazer escolhas, o estudante já está bem treinado, e opta pelo que, para ele, trará ainda mais aprendizado e conquista:

(P5) Eu sei que quando eles criaram o programa na época, era a ideia de trazer esse conhecimento de fora, assim, poder levar os alunos para estudar fora e trazer de volta para o país né?! Mas para mim não só quando eu vim para o Canadá assim... E

quando eu tive que voltar, eu achei um pouco frustrante, porque depois que eu terminei meu curso, comecei a trabalhar, assim na minha área no Brasil, as oportunidades lá [no Brasil] na minha área são bem inferiores ao que você consegue fora... E não só de salário, mas assim, de você poder trabalhar em tecnologia de ponta, ou você ter mais oportunidade de trabalhar com coisas mais interessantes... E isso também foi uma força para me trazer de volta.

(P2) Outra coisa que eu sempre falo com os meus amigos é que tipo, dá uma dor no coração, um certo aperto é que minha graduação foi em universidade pública, o meu mestrado foi em universidade pública, e agora o meu doutorado está sendo em universidade pública, e eu não vou ficar no Brasil, minha intenção agora é vir trabalhar no exterior, porque não tem onde eu ficar no Brasil, as empresas não valorizam quem tem uma pós graduação, o governo não está valorizando, ou seja, eu fui paga toda a minha educação pela sociedade e eu não vou retribuir isso para a sociedade brasileira, eu fico com um super peso na consciência com isso, me dá uma dor no coração, mas fazer o que, eu não vou morrer de fome no Brasil, mas vou ganhar um, dois salários pela qualificação que eu tenho, sabe?! Então, isso eu fico meio assim... mas... paciência, é a vida, eu não tenho o que fazer, agora.

(P10) Eu acho que impactou tudo... porque eu acho que foi uma experiência que eu levei muito para a terapia! Então, tipo, eu cresci muito com essa experiência, mesmo depois, e vi também o quanto a criação artística ela não é muito meu foco de vida. Então, quando eu me vejo naquela experiência, em um lugar que você tem que produzir artisticamente, eu ver que meu caminho não era esse... Isso foi muito importante, essa experiência. Porque quando você vê uma experiência que eu poderia ter aproveitado com muito mais leveza, eu não consegui fazer com muito leveza, eu fiz com muita cobrança.

Por fim, conclui-se esse subcapítulo com o relato de uma participante que engloba vários dos aspectos aqui apontados e que vale pontuar para a discussão do próximo capítulo: viagem enquanto caminho de novas oportunidades, autoconhecimento, altruísmo, sede por aprendizado, reconhecimento, valorização, patriotismo, mudança e comprometimento social:

(P15) Trouxe também mais vontade de viajar, muito mais vontade de viajar, eu não tenho dúvidas disso, assim, se eu pudesse, eu seria poliglota facilmente, aprenderia todas as línguas, e viajaria o mundo, essa minha sede por conhecer o mundo, eu acho que eu trouxe muito de lá. É... também uma coisa que eu aprendi a valorizar muito, foi a questão da minha família, que era uma coisa que eu já valorizava, mas quando você perde a distância, você consegue visualizar mais o quanto a sua família contribui pra você, né?! E assim, eu acho que o meu ano na Bélgica, eu mostrei organização financeira, eu mostrei ser uma pessoa capaz de ter autonomia, eu mostrei ser capaz de conviver com a diferença, você entendeu?! E eu devo isso muito a minha família, e você consegue ver pelo afastamento que, caramba, o quanto a minha família deu para mim, ou o quanto meu país deu para mim, porque eu também sentia muito forte isso, cara, eu sou brasileira, eu tenho uma representatividade aqui fora, isso significa algo para as pessoas, também significa algo pra mim. Então, eu trouxe esse reconhecimento do meu lugar, no meu país, na minha família, e dentro da minha própria história, dentro do que eu era e do que eu me tornei.

4.10. Palavra e emoção: qualificadores de uma experiência significativa

Para finalizar a entrevista, duas perguntas foram feitas aos intercambistas: 1) Se você tivesse que resumir essa experiência em uma palavra, qual seria? e 2) Ao pensar na experiência dessa viagem que emoção, sentimento ela te traz? A proposta era a de dar um significado a experiência e perceber se já tinham um símbolo da viagem registrado na memória.

As respostas vieram após alguns segundos de reflexão e silêncio, o que mostrou a efetividade do roteiro de entrevista em fazer lembrar e trazer as memórias para o presente de forma que dificultava a sintetização em uma única emoção ou palavra representativa.

Os resultados refletiram vários dos aspectos pontuados no subcapítulo anterior, o que mostra uma congruência na análise realizada, bem como, é possível visualizar o quanto uma experiência é singular para cada indivíduo, mas também que ela é percebida por vários sujeitos como um espaço tempo de boas emoções e conquistas.

As nuvens de palavras mostram os resultados e exemplificam pelo tamanho da palavra aquelas que foram mais citadas. Vale ressaltar que algumas vezes os participantes citavam mais de uma palavra ou emoção, e estas foram consideradas da mesma maneira.

Figura 1 - Nuvem de Palavra representativa da Experiência de Intercâmbio

Fonte: <woudclouds.com (criado pela autora)>

Como é possível verificar, as palavras “Desafio”, “Mudança”, “Descobrimento” e “Excelente” foram as mais citadas e, com exceção da última que é mais qualificadora da experiência do intercâmbio, as outras três dizem muito do processo transformativo da viagem, e também daquilo que se agrega quando se retorna dela.

(P11) Excelente, foi muito boa. Eu recomendo para qualquer pessoa fazer intercâmbio. Eu recomendo muito!

Embora mencionadas apenas uma vez, “aprendizado” e “evolução” são exemplos de palavras que descrevem o principal propósito da viagem de intercâmbio, uma vez que o estudante saiu do país no intuito de adquirir conhecimentos que o proporcionasse estar um passo à frente daqueles que não tiveram a mesma “oportunidade”. Oportunidade essa que é única para aquele momento da vida, nas condições com que se apresenta e precisa ser encarada, embora muitas vezes não tenha perspectivas ou não se veja pronto para uma “aventura” nessa proporção.

No fim, percebe que o vivido foi “engrandecedor”, no sentido de tornar-se grande diante dos desafios e dificuldades que pareciam ser capazes de impossibilitar a realização da viagem. E por conta dessas situações que a viagem se torna recompensadora, o que se tira dela, é um ganho a ser utilizado para toda a vida, e por isso a ideia de “gratidão” pelo que se viveu e pelo que se alcançou, tal como ganhar na loteria:

(P6) “Foi ganhar na loteria, mas ao mesmo tempo foi muito desafiador, foi incrivelmente desafiador... mas deu certo... foi recompensador no final né?!”

(P15) Gratidão, e por tudo, tudo, tudo, tudo... até nas dificuldades, que não foram muitas, mas só gratidão. Apenas.

Gratidão foi uma palavra que apareceu tanto para resumir a experiência como para expressar o sentimento e emoção em relação a viagem. No seu significado e na intenção com que foi indicada pelos participantes é mais do que um simples obrigado pela oportunidade de ter sido escolhido pelo Ciência Sem Fronteiras; tem em si um sentido de reconhecimento pelo que foi vivido. Como os próprios mitos das viagens querem dizer quando se chega ao fim, é como uma dádiva alcançada.

Quando questionados sobre a emoção, as justificativas eram automáticas pelo sentimento escolhido:

*(P2) Mas o sentimento eu acho que é saudade, **tanto saudade que eu ficava de casa pelo tempo longe, como saudade agora do passado, de ficar lá né, eu acho que talvez seja isso... Quando a coisa é muito boa, a gente sente saudade.***

*(P3) **É um sentimento bom, de dever cumprido.** Para mim foi um grande desafio, eu ia morar em outro lugar, fora de casa, fora da minha zona de conforto. Um lugar que eu não conhecia ninguém, que eu não falava o idioma. **Então, tudo isso eu encarei como um desafio, mas foi um desafio cumprido, sabe?! Deu tudo certo no final das contas, me traz uma sensação boa viagem.***

*(P15) Gratidão e Realização. Eu me senti realmente muito realizada, muito. **E eu não seria a Maria Helena de hoje, sem a viagem, não seria.** E eu te juro que eu acho que*

eu seria uma pessoa entre aspas “pior”. Hoje eu sou muito melhor por conta da minha viagem, muito (!) melhor, não tenho nem considerações, muito melhor, muito melhor mesmo.

Estas e outras emoções estão representadas a seguir:

Figura 2 - Nuvem de Emoções representativas da Experiência de Intercâmbio

Fonte: <woudclouds.com (criado pela autora)>

Vale destacar que o sentimento de “falta” indicada por um dos participantes foi em relação ao término do programa. Para o intercambista, o programa não cumpriu integralmente o que havia se proposto, conforme menciona a seguir (este aspecto será retomado na discussão sobre o programa):

(P14) Quando eu já penso programa, aí eu já penso mais na... no sentimento de falta, faltou fechar o ciclo, não sei como se expressa isso em uma só palavra, mas, faltou fechar e trazer todo esse benefício potencial dele de volta aqui, que era um dos objetivos do programa.

No mais, os outros sentimentos possuíam uma memória positiva da viagem e das experiências vividas. Seja “Alegria-Felicidade” e “Realização” trazendo um pouco do imaginário e das lembranças do que foi vivido, tal como “Nostalgia” e “Saudade” que guardam a sensação de um passado de boas experiências, associada a um desejo sentimental de retorno.

(P9) É engraçado assim, igual eu tinha te falado, eu gostei muito do meu tempo lá, mas eu não sei se eu queria morar lá, então, eu também tenho isso, sabe?! Eu vejo o quanto isso foi bom pra mim, o tanto de coisa boa que eu passei lá, mas foi um ciclo assim.

É interessante também ver a palavra autonomia mencionada, que para muitos participantes, percebe-se ter sido o principal aspecto do desenvolvimento pessoal adquirido:

(P10) Naquele momento, assim que passou o desafio, seria sobrevivência. Tipo, aquela sensação de só isso que eu tenho que focar e, sobreviver. Mas hoje em dia eu vejo, uma sensação de amadurecer, de autonomia, assim, uma autonomia bem no sentido de fazer o que se é, independente do que as outras pessoas estão de acordo ou não, né?!

Para concluir, aproveitavam para reforçar mais uma vez o impacto da experiência em diversos contextos que haviam vivido:

(P6) Foi bem surreal! Assim, uma realidade que eu não esperava nenhum pouco ter contato, eu morei dentro da universidade e foi uma coisa que também, não foi todo mundo que fez porque era bem mais caro morar dentro da universidade, mas eu queria ter essa experiência, e... foi muito legal ter essa experiência

(P4) De alguma forma, com essa minha experiência, que eu voltei como uma outra pessoa, muito mais responsável, muitas habilidades individuais, eu posso mudar um pouquinho a realidade das pessoas daqui, da minha terra. Por poder fornecer um serviço de qualidade, um serviço farmacêutico de qualidade, por poder me comunicar de maneira mais clara e efetiva.

(P1) Nos últimos dias, nas últimas semanas, foi muito assim emocionante, porque, eram despedidas diárias, cada um voltava em um dia para a sua cidade e foi assim muito tocante, porque realmente formou-se um círculo de amizades aqui e até hoje o pessoal se encontra, então foi assim, um ano inesquecível para todos. E a todo o tempo a gente tinha a noção que era finito, a gente tinha ali uma data certa para voltar, então, também por isso a gente quis aproveitar ao máximo e tinha validade... Foi muito especial mesmo e inesquecível para todo mundo.

A próxima seção abrirá a discussão para além do que os intercambistas viveram no intercâmbio trazendo as discussões do que os autores compreendem pela experiência significativa da viagem e (trans) formações decorrentes dessa experiência.

5. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Verifica-se que a oportunidade do intercâmbio no início da formação profissional implica na busca de um espaço tempo para vivenciar novas experiências que agreguem ao currículo e possibilitem um conhecimento aprofundado sobre conteúdos específicos da área em formação. No entanto, isto fica em um segundo plano, pois as transformações começam acontecer antes mesmo da viagem se iniciar, visto que, o intercambista se vê sozinho frente a lacunas de decisões que dependem dele, de suas qualificações, condições sociais, prospecções e até mesmo sonhos, para serem preenchidas.

O “estar sozinho” no momento de tomada de decisão é transformador, pois o estudante projeta-se na viagem e se dispõe ao risco de uma aventura que ele mesmo tem consciência de seu potencial impacto. Isto é, ele sabe que a viagem de intercâmbio vai influenciar aspectos específicos da sua vida que em um primeiro momento ele mesmo condiciona, por isso é potencial. No entanto, quando ele retorna, percebe que essa influência transpõe outras esferas do seu dia a dia, da sua concepção, ação e postura nas diversas situações que lhe apresentam.

Com isso, se quer dizer que não é a idade o *deadline* para o fim da fase de aprendizado e início dos processos transformativo. Esta concepção de que a transformação depende de ideias mais amadurecidas por parte do indivíduo nas quais ele não absorva tudo como aprendizado, mas faça um balanço refletindo aquilo que foi mais significativo e portanto, provocador de mudanças, é um tanto evasiva, uma vez que o arriscar-se a novas experiências de tantas formas durante o intercâmbio dependem de um comprometimento e tomada de consciência para que os aprendizados sejam mais do que lições para a vida, e sim avanços significativos para a formação do eu no mundo.

Tal qual é defendido por Paulo Freire (2005) quanto ao posicionamento do educando na sala de aula, a tomada de consciência do mundo, do outro, da diversidade, de uma nova cultura, por parte do intercambista, faz com que ele se depare com o que acredita e tenha uma visão crítica a respeito. Percebe-se que é a partir dessa interpretação crítica, no momento que o indivíduo passa a exercer um papel político que, na perspectiva do mesmo autor, o processo transformativo acontece.

Este processo implica na comunicação, na linguagem, na troca em níveis profundos e complexos, características primordiais do exercício do intercâmbio e que está presente a todo momento nos relatos apresentados.

Além disso, parte-se do princípio que viver o intercâmbio é existir, coexistir e existir-

se, assumindo a responsabilidade de trazer algo consigo, e de estar aberto a mudanças. Tem-se o direito e o dever de escolha, de fazer acontecer, de desenvolver-se e praticar politicamente. Estes exercícios são atos de formação e transformação.

Tal qual apontou Maciel (2010), é no decorrer da viagem que o indivíduo procura oportunidades de tornar-se pessoa, e nesse sentido, leva consigo a disponibilidade e a vontade de querer se envolver e abrir-se ao conhecimento que não possui ainda. Quando se está sozinho, tem-se a oportunidade de arriscar, de escolher a partir de seus próprios valores, sem a influência e dependência da opinião de terceiros.

Mesmo as curtas viagens pessoais realizadas anteriormente ao intercâmbio são bagagens de experiências que sugere o estar fora de casa como um espaço tempo de interação, convívios e novas oportunidades. Ou seja, o sujeito já reconhece o período da viagem como um momento significativo para se desprender da rotina e viver algo novo.

Quando o intercambista não possui essas vivências anteriores, a viagem torna-se ainda mais impactante e cheia de expectativas. O sonho, o imaginário fazem parte do processo, pois se constituem como idealizadores da viagem. No entanto, as chances de decepção parecem maiores, tal qual foi possível de identificar com a experiência de alguns destinos visitados pelos estudantes. Quando há planejamento e se espera viver algo na viagem, percebe-se que o intercambista eleva as suas expectativas e está mais sujeito a se frustrar com a vivência, do que quando não há expectativa e está mais aberto a experienciar o que o momento lhe propor. Afinal, a realidade em si envolve aspectos muito mais tangíveis do que as aspirações e anseios de se conhecer um atrativo turístico, como é a Torre Eiffel, por exemplo.

*(P2) Para mim acho que foi muito marcante ver a Torre Eiffel pela primeira vez, assim que eu tinha aquela ideia de Paris... **Foi bom e foi decepcionante** por outro lado, eu acho que eu aumentei muito a minha expectativa, de conhecer... Quando eu cheguei lá e vi que não era nada dos filmes, era só um lugar ok, como qualquer outro.*

Sendo assim, conforme afirma Paulo Freire (2005) a inocência e ingenuidade frente a experiência que está por vir desperta a curiosidade despretensiosa, a possibilidade de troca e interação com o outro sem preconceito ou pré julgamentos.

Pode-se dizer então que a experiência significativa é inerente ao contexto, escolhas e lugares que o estudante se propõe a conhecer no intercâmbio. Ela depende do julgar sobre o vivido, de forma a qualificar a partir do apreendido, aquilo que foi mais relevante no processo dialético do acontecer da viagem.

No mais, acredita-se que esta seja a grande potencialidade (trans) formadora da viagem de intercâmbio: independente do preparo e das experiências já vividas pelo sujeito,

independente do amadurecimento enquanto pessoa, independente do seu exercício político, independente do quão consciente o estudante é sobre si mesmo e sobre a influência do mundo que o cerca, esta viagem, nas proporções que esta pesquisa se estabelece, é constantemente surpreendente, desafiadora, construtora de relações, motivadora da ação, reflexão e reação. Isto é, um aprendizado constante que articula a formação de si, do outro, dos conteúdos curriculares e do mundo. Teoria e prática, em um mesmo processo (trans) formador.

O intercâmbio é um exercício para o oposto do individualismo tal como discutido por Lipovetsky. Pois ao invés de frios, os intercambistas sentem a necessidade de aproximar-se; ao invés de insensíveis, demonstram um olhar mais atencioso ao outro; e ao invés de apáticos, praticam o altruísmo, compartilham, trocam, querem conhecer.

Quando pensado na vivência do intercâmbio esse narcisismo é mais um reflexo do tornar consciente o significado da viagem do que o objetivo da viagem. Diante dos desafios e dificuldades que enfrentam “desarmados” e despreparados, o resultado é esse olhar para si, para o seu desenvolvimento, para o ganho de habilidades e crescimento pessoal adquirido. A cada momento, a cada vivência, a todo o processo de autoconhecimento, o intercambista assume determinadas características como sendo suas, se percebe e torna-se capaz de mudar.

Percebe-se também que o intercâmbio torna-se um espaço tempo que parcialmente se contrapõe a realidade fluída e líquida de Bauman (2005). Aqui o estudante se vê diante da necessidade de criar vínculos, ao invés de se isolar, e por isso se impressiona e reconhece a importância das amizades feitas durante o intercâmbio, percebendo-a como uma novidade antes inimaginável, nas palavras de uma das entrevistadas:

*(P8) E isso também é uma coisa pra mim... uma grande surpresa, porque eu nunca fui o tipo de pessoa que faz amizades tão duradouras assim.. eu tenha umas amigas de infância, mas são duas, três... Fazer amigos a distância, fazer amigos lá e manter amigos a distância, eu sai de lá em 2013, por 6 anos, amigos a distância, que já vieram no Brasil me visitar e ficaram na minha casa, **nossa isso é sensacional cara, para mim é uma jóia, é incrível.***

Esta necessidade de criar laços, de ter afinidade e ser próximo de outras pessoas é outro aspecto fundamental da experiência de intercâmbio. Embora o intuito seja conhecer pessoas novas, culturas diferentes da sua própria, ao chegar no destino os relatos mostram que o intercambista não tem muito espaço para interagir com pessoas daquela nacionalidade e mesmo para fazer amizades com outros intercambistas é mais difícil. Motivo pelo qual a maioria dos entrevistados afirmou ter feito amizade com brasileiros. Entende-se que não é só pela facilidade da língua para se comunicar, mas por serem, naquele contexto, “outros” mais parecidos consigo mesmo; parecidos na linha de raciocínio, muitas vezes nos interesses e gostos, na rotina do dia

a dia. Quando o fazem com intercambistas de outras nacionalidades é por perceberem que eles estão passando pelo mesmo processo, pelas mesmas dificuldades, e aí tem-se mais um espaço para dividir e trocar. Percebe-se que amizades assim são uma forma de acolhimento e aconchego para quem está “em outro mundo”; é uma referência familiar, uma identificação, é uma forma de se estar mais perto de casa e de si mesmo.

(P9) E aí eu acho que estar lá esse tempo todo, me ajudou a isso assim, a perceber as coisas aqui melhores, sei lá, vê as coisas de outro ponto de vista, sabe?! [...] É uma experiência que une muito, sabe?! Que você tá sozinho, sei lá, em um lugar que ninguém te entende direito, que todo mundo te vê diferente, e quando você está com um grupo que é muito mais parecido com você, apesar da gente ser muito diferente entre si às vezes, mas lá a gente era muito mais igual do que diferente. E aí, foi muito bom também, criar esse tipo de relação.

Tudo a curto prazo e sempre que possível sozinho é substituído por uma vivência duradoura, que permanece na memória e é conscientemente percebida pelo estudante; e quanto ao sozinho, percebe-se que junto com o outro os ganhos são superiores, reconhece-se o papel da família, julga-se de uma forma diferente, são patriotas. É um ser que busca criar relações, e não só manter contato, e desta forma, não se está no mundo, mas sim com o mundo (FREIRE, 2005).

As ações de enxergar que é capaz de resolver as coisas sozinho, o sentir-se com autonomia para decidir nas mais diversas situações, os sentimentos de dever cumprido e realização mencionados pelos participantes no fim da entrevista, demonstram o quanto a experiência do intercâmbio auxiliou no processo de emancipação do indivíduo. Este exercício de sair da zona de conforto, de se transportar para uma outra realidade, de analisá-la sem preconceitos, com um distanciamento que respeita o outro e procura trocar, compartilhar, estando longe de referências e influências, implica na aquisição de habilidades que o fazem mais independente, aptos a aprender por si só. E quanto mais aprendem, mais agregam conhecimento e discernimento, mais se constroem e se desenvolvem, abrindo caminho para auto metamorfoses. Tal qual é sintetizado por Freire (2006, p.23) na discussão sobre a prática educativa “quem forma, se forma e reforma ao formar e quem é formado, forma-se e forma ao ser formado”.

O impacto da aquisição da autonomia e emancipação é tão forte, que uma vez dado, não há quem ou o que tire do sujeito a liberdade e autoconfiança frente os desafios e oportunidades que se apresentem. Este ganho, conforme foi relatado por alguns participantes, é tão perceptível que é reconhecido pelos familiares e amigos que tiveram contato com o intercambista antes e após a viagem. Pode-se afirmar que este é uma aquisição positiva e irreversível da viagem de

intercâmbio.

Desta maneira, verifica-se também que o intercambista torna-se veículo de novas (trans) formações, pois a sua própria atinge o outro e transborda-se, em um efeito dominó entre aqueles que estão a sua volta.

*(P12) O que o Brasil teve através de todos esses programas foram **agentes de mudança**, sabe?! Acho que as pessoas que vão nenhuma volta igual era quando foi, e cada uma das pessoas provoca uma mudança significativa no que ela convive, então quando você pega para falar do programa, acaba modificando a mentalidade das pessoas como um todo. Isso é algo interessante, essa mudança de concepção, no sentido de abrir mais a cabeça das pessoas que convivem comigo sobre o que é a Coréia do Sul, sobre como é o mundo, mudança de concepção acaba fazendo transformação nas pessoas ao redor.*

Este efeito, traz consigo novas interações e trocas, que, conseqüentemente, promove recontextualizações do conteúdo aprendido, provocando novas mudanças e novas descobertas em escala exponencial. Quanto mais aprendo, mais tenho vontade de aprender, quanto mais identifico o meu próprio eu, mais sinto a necessidade de ampliá-lo e modificá-lo.

Por isso, mais uma vez, ressalta-se a característica de um processo gradual e progressivo da experiência de intercâmbio, afinal, ela começa antes do embarque do estudante e é ininterrupto após o seu retorno. Tal como é apontado por Lipovetsky (2005), quanto mais esse exercício gradativo é praticado pelo intercambista, mais ele é interiorizado e subjetivado, ganhando espaço e profundidade na (trans) formação do eu e suas relações com o mundo.

Da forma como está colocado, parece ser uma atividade simples e fácil de praticar. No entanto, em um contexto de globalização e hipermodernização, espera-se e implica-se que o indivíduo esteja pronto a mudar e se adaptar com facilidade e prontidão, tornando quase que constante o que Lipovetsky chamou de “autotransgressão”. Se houver qualquer tipo de enraizamento, ele precisa ser dinâmico e reconstruído diariamente.

Nesse sentido, pode-se dizer que uma das barreiras enfrentadas durante o intercâmbio e que não deixa de ser um momento de (trans) formação, é quando o intercambistas se vê diante de situações que embatem e contradizem com seus valores pessoais, direitos e aspectos democráticos do país de origem, e que também podem ser considerado princípios éticos das sociedades, mas que em dada realidade, é visto e interpretado de uma forma diferente, com um outro significado.

Nesse momento, o indivíduo sente a necessidade de se posicionar, de agir “politicamente”, parte do processo de emancipação e autonomia propiciado pelo intercâmbio, chegando a negar valores e comportamentos sociais que infringem a sua ideologia. Os exemplos a seguir mostram uma situação desta categoria com uma das participantes:

(P10) Eu retornei muito cansada, eu vou ser bem sincera... Muito exausta, tipo, finalmente acabou!!!! Sabe?! Acabou, eu sobrevivi!! Eu voltei com essa sensação de sobrevivi! Mas... depois de um tempo eu comecei a ver que tipo ‘nossa, você foi lá para Itália apresentar um negócio, isso não é todo mundo que faz...’. Depois eu comecei a ver os prêmios né?! Os meus méritos da viagem. E também eu acho que eu consegui desenvolver um desapego com essa perfeição do idioma, com a perfeição... sei lá, de ser aceita por um grupo, eu consegui me libertar bastante disso lá...

(P10) A minha turma especificamente era uma turma difícil de lidar, as pessoas no geral, os alunos, eram egoístas, então foi...eu aprendi muito! Sabe?! Fortalecer minha autoestima, ali... independente do que os outros alunos falavam. E... eu acho que no final dessa exposição, que foi no meio do ano, quando a gente voltou os professores queriam saber como foi a experiência, todo mundo falou mais ou menos, e eu consegui “meter o pau assim”... de falar tudo assim... é... que as pessoas precisavam ser mais unidas, tinha muita competição, em um lugar que não deveria ter competição, que não tinha nota, não tinha prêmio, não tinha nada, estava todo mundo expondo, e os meninos ficavam todos assim... tipo... E para mim foi muito importante falar em um grupo grande, em um idioma que não era o meu, e.. que eu não era a que mais dominava o idioma, então, foi muito bom assim, tipo, me colocar e não estar nem aí se eles estavam chateados comigo, se eles iam me aceitar, eu já tava assim... vai! Então, comigo foi muito bom, assim

Portanto, percebe-se que há uma certa dualidade entre o estar aberto ao novo *versus* a construção do eu e a necessidade de afirmação e posicionamento para que o crescimento e desenvolvimento pessoal aconteça. Dessa forma, é preciso também ter “jogo de cintura” e dar tempo para que possa ser reconhecido e aceito como diferente, “o outro”, entre aqueles do país anfitrião.

Conclui-se apontando que a viagem é sim uma necessidade da sociedade atual e também espaço tempo para a (trans) formação. Assim como nas histórias e mitos de viagem que se encontram nos livros, a viagem é parte da ação humana no mundo e de fundamental importância para formação do homem enquanto sujeito *per si*, enquanto sujeito da viagem, enquanto sujeito do mundo.

O intercâmbio é parte da viagem da vida em que os trilhos são montados, desmontados e remontados com o avançar de uma locomotiva conduzida pelo intercambista até o fim da sua jornada.

As considerações aqui realizadas demonstram não só a importância de uma experiência como a viagem de intercâmbio, mas também das proporções que o impacto de um programa dessa grandeza pode possibilitar, de maneira que vale pontuar a avaliação feita pelos próprios entrevistados sobre o Ciência Sem Fronteiras, bem como fazer uma breve análise do contexto em que o programa estava inserido.

5.1. Breve análise e avaliação do Programa Ciência Sem Fronteiras

Até aqui foram discutidos diversos aspectos relacionados a experiência do intercâmbio propiciadas pelo Programa Ciência Sem Fronteiras. Apesar de ter sido explicado no início das entrevistas que o programa era apenas um meio de escolha e seleção dos alunos que participariam das entrevistas e que percebia-se o grande impacto que teve entre os estudantes universitários até 2016 justificando a escolha destes estudantes, em nenhum momento da entrevista pediu-se que os participantes avaliassem o programa em si.

No entanto, alguns apontamentos foram feitos que direta ou indiretamente influenciaram a percepção e experiência da viagem, em especial, no processo de formação após o retorno, na postura de colegas participantes no mesmo período e nos próprios critérios de seleção.

Inicialmente é válido mencionar que por vezes aqueles que se candidatavam a participar das entrevistas ficavam receosos e queriam detalhes do objetivo da pesquisa e de como a informação seria posteriormente utilizada. Nestas posturas não há nada de incomum, no entanto, um dos candidatos que havia aceitado participar até mesmo agendado a entrevista, minutos antes desta acontecer, ele desistiu. Tentou-se insistir para que ele participasse, até mesmo para provavelmente dar um olhar diferente, mas ele não quis:

Então, eu tenho uma visão bem crítica a respeito do CSF. Como experiência pessoal, foi muito bom, agregou em muito na minha vida, mas não tenho certeza se o programa como um todo foi executado da forma correta. Agora essa incerteza cresceu ainda mais com a tua requisição de entrevista. Vejo "a viagem" como algo secundário (e deveria ser) pois o intuito do programa era enviar os melhores estudantes do Brasil pra uma oportunidade nas melhores faculdades do mundo e nunca nenhum educador ou professor, ou qualquer pessoa relacionada a educação me procurou pra uma entrevista. Então acho que não vou ser o melhor objeto de estudo... pois 95% do tempo que passei lá estava estudando pra caramba, mas podes consultar outras pessoas do CSF, pois a maioria dos brasileiros que estavam na minha Uni foram pra lá a turismo mesmo [...] Desculpa, mas esse assunto me deixa meio inquieto... acho melhor parar por aqui..

Embora conforme já se tem apresentado o candidato esteja um pouco equivocado quanto ao papel “secundário” da “viagem” no intercâmbio e mesmo assim reconheça o crescimento pessoal, o quanto agregou a sua vida, percebe-se que sua crítica vai no sentido de como outros participantes encaram a mesma experiência. Outros entrevistados fizeram o mesmo apontamento conforme pode ser visto a seguir:

(P8) Eu fico chateada quando eu ouço alguém falando que o Ciência Sem Fronteiras era ‘Viagem Sem Fronteiras’, ‘Passeio Sem Fronteiras’, eu não brigo, porque eu deixo as pessoas terem a opinião que elas quiserem, mas não era mesmo,

de forma alguma, eu tenho um protocolo de pesquisa de 200 páginas para provar o contrário, que eu escrevi

(P14) Em relação ao programa assim, não em relação a mim mas eu acho que o programa tinha oportunidades de fazer, ter esse ganho que eu tive, com todo mundo, com todas as pessoas que tivessem essa oportunidade. Só que ele não fechava, ficava meio aberto, dependendo da pessoa ter essa interesse. Então, eu senti essa...em relação ao programa, essa fragilidade nele. [...] Muita gente que entrou no programa, não fazia o uso total dele, só aproveitava para ter um benefício mais pessoal, do que profissional ou, até entendendo o objetivo do programa, também tinha o cunho de trazer esse benefício da pessoa que a pessoa ia adquirir fora de volta para o Brasil, eu acho que ele não fechava esse ciclo nesse ponto aí. Então, esse retorno para o Brasil eu não sei se aconteceu por parte do programa. Eu me senti um pouco frustrado nesse sentido que é... eu entendi que é um programa muito bom, mas faltou esse fechamento para ele ser completo.”

Percebe-se com esses relatos a responsabilidade pessoal e social que já foi discutida e que está inserida no processo de autonomia e emancipação dentro do contexto do intercâmbio. Para os entrevistados isto foi tão naturalmente absorvido e rapidamente percebido que sentiam a necessidade de cobrar dos outros participantes da mesma maneira.

Tal qual já foi discutido, o processo de (trans) formação é gradualmente desenvolvido e tem tempos diferentes para ser apreendido pelos sujeitos, baseando-se nas bagagens que possuem, na capacidade de auto perceber-se e tomar consciência dos propósitos do intercâmbio. No entanto, teve-se também relatos de estudantes que não viam com tanta dificuldade os estudos e, portanto, não sentiam que precisavam se dedicar tanto e exploraram outras possibilidades que a experiência oferecia.

De uma forma ou de outra, tem-se que os ganhos com a viagem no que tange ao desenvolvimento pessoal são praticamente os mesmos, muito voltados para o sentir-se capaz de escolher, resolver e decidir.

Entretanto, conforme também é mencionado por outros participantes, não houve por parte do programa uma exigência clara do quanto deveria ser dedicado aos estudos *versus* atividades complementares, distinguindo-se muitas vezes na exigência para alguns de participação em estágios e para outros não:

(P2) No edital só dizia assim ‘você deve ter boas notas, ter um bom rendimento acadêmico, mas o que é um bom rendimento acadêmico, não é?! Não tinha exigência de quantas disciplinas tu deveria fazer, e qual a nota que tu deveria tirar, então tipo, acabou ficando meio largado, ainda mais a pessoa no exterior a primeira vez, eu acho que fica todo mundo meio assim ludibriado, e não foca no que deveria focar. [...] Às vezes eu fico olhando pra trás, e às vezes eu fico com peso na consciência, que eu deveria ter feito mais disciplinas [...] Lá a gente se relaxa mais, meus colegas de lá também, tipo, eu conheço gente que fez uma disciplina, no intercâmbio inteiro e ainda reprovou a disciplina (risos). É complicado, acho que faltou essa definição.

(P6) Quando eu fui para Austrália, o que realmente fez assim um baita impacto, me

deu assim um insight muito grande, foi que no Ciências Sem Fronteiras tinha a obrigatoriedade de fazer um estágio, e era assim, se você não fizesse o estágio, você corria o risco de perder sua bolsa.

Nesta mesma perspectiva, quando retornavam da viagem não foram cobrados da mesma maneira sobre o que deveriam entregar. Houve casos que o estudante teve de repassar o conhecimento aprendido para os colegas de curso em seminários, outros já tiveram de fazer relatórios contando sobre a experiência (na maioria das vezes exigidos pela universidade brasileira em que estavam estudando), outros ainda ajudaram os selecionados dos anos seguintes com uma espécie de plantão, tirando dúvidas e sugerindo disciplinas e atividades, enquanto outros, tal qual contado pelo participante que se recusou a fazer a entrevista, nunca precisaram dar nenhum tipo de satisfação da viagem.

O relato do participante a seguir passa parte dessa responsabilidade ao próprio estudante:

(P14) Como eu falei, eu acho que o programa não fechou muito bem isso. Muitas das pessoas que conseguia viajar, voltava e já tava se planejando ou vendo como conseguia ir de novo. Porque não tava preocupada em trazer algo assim, de volta, de retorno que eles ganharam. Da minha parte, é algo bem pontual, eu aplico isso no meio dia a dia, então, as coisas que eu aprendi, desde língua a parte técnica, aplico no emprego que eu consegui aqui no Brasil, como um todo.

Este “fechamento” do programa também foi criticado pelos entrevistados no quesito de não ter tido uma resposta direta quando retornaram e foram para o mercado de trabalho:

(P2) Eu fui paga toda a minha educação pela sociedade e eu não vou retribuir isso para a sociedade brasileira, eu fico com um super peso na consciência com isso, me dá uma dor no coração, mas fazer o que, eu não vou morrer de fome no Brasil, mas vou ganhar um, dois salários pela qualificação que eu tenho, sabe?! Então, isso eu fico meio assim... mas... paciência, é a vida, eu não tenho o que fazer, agora.

(P12) Talvez se eu tivesse conseguido fazer algumas outras matérias, mais específicas, do meu curso, ou algo que pudesse agregar mais no currículo, que eu acabei não conseguindo fazer porque não tinha disponibilidade, ou porque não era uma matéria disponibilizada em inglês, coisas desse tipo.

(P9) Muita coisa que eu estava esperando meio que não aconteceu, porque eu fiquei um pouco decepcionado como o programa era levado em alguns aspectos sabe?! Eu fiz muita matéria lá, mas eu não tinha muito, uma pessoa para me auxiliar, sabe?! Isso era muito vago, assim, e aí quando eu voltei, eu meio que não consegui aproveitar as coisas que eu fiz lá, isso ficou um pouco solto, sabe?!

No mais, tiveram algumas questões em relação a estrutura de apoio que por vezes carecia uma atenção especial aos alunos no desenvolver dos cursos e por vezes foi muito elogiada quanto ao suporte prestado:

(P6) Eu tenho muitas críticas ao programa mas eu... acho muito triste que ele ficou

praticamente cortado... 100% né?!... Então, acho que tem muitas coisas que poderiam ser muito melhor, teve muitas falhas de organização e erros... [...] Teve muitos casos que foi...que acho que foi uma pena, sabe?!

(P4) Ela [mãe] ficou muito preocupada, veja, ela é do interior do nordeste, ela não tinha noção que tinha um programa desse nível, desse tamanho, com todo o suporte que a gente teve, que realmente nós tivemos um suporte muito bom na época, do Ministério da Educação, da universidade, da universidade de destino também que entrava em contato com a gente e tirava todas as dúvidas... enfim.

Um outro aspecto que também já foi discutido é a proposta do Ciência Sem Fronteiras ter sido direcionada para alunos das ciências exatas e biológicas, tendo um incentivo maior a educação voltada para o conhecimento técnico e industrial e aplicação no mercado de trabalho, quando na verdade, é evidente o quanto a experiência de intercâmbio traz ganhos para além da formação curricular, e, portanto, mostrando seus desdobramentos para qualquer indivíduo que saia de seu país de origem buscando, além dos estudos, trocar e compartilhar:

(P6) E aí, né?!, é aquela coisa, poxa... as pessoas... como é que assim, a gente está aqui, vivendo em uma bolha, no ocidente, e a gente não tem a mínima ideia do que está acontecendo lá fora... E aí as pessoas acham que não tem que investir nas humanas. E aí, eu fico pensando... quem sou eu nesse esquema todo... não sou ninguém.

Portanto, verifica-se que faltou uma padronização nas solicitações realizadas pelo programa, de modo que houvesse uma uniformidade nas exigências feitas aos participantes no pré, durante e pós viagem.

E por último, alguns participantes lamentavam o encerramento do programa visto os ganhos que haviam tido e que não poderiam ser desfrutados por outros alunos nas mesmas condições:

(P5) Realmente foi muito bom... É uma pena que muitos estudantes agora não tenham essa mesma oportunidade, mas foi muito positivo.

Pelos relatos das experiências de vida de vários participantes é possível identificar que em sua maioria o programa atingiu uma classe da sociedade brasileira que mesmo uma viagem de avião nacional ainda era uma realidade muito distante, e no entanto, oportunizou que estudantes que nunca havia saído do Brasil tivessem uma experiência tão “engrandecedora” e cheia de “gratidão”, nas próprias palavras dos intercambistas, durante pelo menos 9 meses no exterior.

No mais, foi um programa que ofereceu mais de 11 mil bolsas para alunos de todo o Brasil, alunos de universidades públicas e privadas que tivessem tido um bom desempenho no Exame Nacional. A proporção, significância e abrangência que este programa atingiu, é difícil

citar outro que tenha tido tanto sucesso.

Em um momento como este que a juventude está vivendo, com o aumento da fragilidade e vulnerabilidade, além da deficiência em referências e estabilidade emocional, a sociedade parece cada vez menos preparada para enfrentar a realidade visto que, todas essas questões mencionadas, estão intimamente relacionadas ao autoconhecimento, autoestima e autonomia de cada sujeito (LIPOVETSKY, 2005) .

Isto é, por meio de uma experiência de viagem, com todo o suporte financeiro, educacional e estrutural, se pode obter um aprendizado para a vida; aprendizado este que pode ser replicado e repassado continuamente, dando mais significado ao cotidiano e realidade brasileira. É obter a capacidade de alterar a sua própria realidade e consequentemente impactar o mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A (trans) formação é parte do processo gradual da experimentação e da experiência da viagem, nesta pesquisa direcionada a perspectiva do intercâmbio, pelo qual o indivíduo é retirado da sua zona de conforto e inserido em um universo antes pertencente aos seus sonhos e imaginário, mas que no momento da viagem constitui-se como o espaço tempo de trocas e compartilhamentos, caminhos para novas oportunidades, autoconhecimento e reconhecimento.

Os contextos de globalização e hipermodernização em que o individualismo e narcisismo apontado por Lipovetsky distancia os outros, impede emoções e vínculos duradores, e posiciona o eu como o centro do mundo, autossuficiente e independente das relações como fontes de conhecimentos e ganhos das mais diversas esferas, tal como a fluidez e liquidez que Bauman critica em que tudo passa rápido de mais, é irrefreável, obsessivo e compulsivo, quando pensados dentro da realidade brasileira e em particular inseridos no Programa Ciência Sem Fronteiras identificou-se que a potencialidade está em abrir caminhos para a transformação do sujeito (da viagem) na estrutura e complexidade do seu entorno e nas pessoas que estão a sua volta. Um efeito dominó que alcança múltiplas esferas da sua realidade, das relações interpessoais aos julgamentos dos outros, dos posicionamentos e autoafirmações ao entendimento de que o aprendizado é eterno.

Esta pesquisa cumpre com o seu papel e parte do seu objetivo ao aproximar o conceito do turismo e da experiência na perspectiva da auto experiência do sujeito intercambista na viagem. Olhar para a vivência da viagem através dos olhos do intercambista é entender a viagem como espaço e tempo de tornar-se autônomo em suas escolhas e decisões, na forma de entender que embora se quer emergir em uma cultura distinta e conhecer pessoas novas, existe fronteiras e barreiras que a viagem não transpõe, pois impacta nos valores e na própria identidade do sujeito aprendiz do mundo.

Outra aproximação possível está no libertar-se do cronograma, do concreto, do planejado para experienciar os momentos e as viagens distante dos julgamentos e referências, apreendendo deste acontecer toda emoção e informação que a ação de auto descobrir-se permitir enxergar.

É válido também pontuar que a experiência está a partir do exercício de ação e reflexão, de formar e reformar-se, de tornar consciente o impacto e ganhos obtidos impreterivelmente e consequentes aos momentos da viagem.

De maneira a responder o problema de pesquisa e o objetivo geral, verificou-se que os

principais substratos da experiência da viagem de intercâmbio são referentes ao desenvolvimento e crescimento pessoal nos quesitos de 1) obter uma capacidade autônoma que será aplicada em diversas situações da vida, sejam elas pessoais, profissionais, emocionais, sociais ou políticas; 2) o despertar para querer aprender sobre os mais diferentes assuntos, dentre eles, o próprio eu, isto é, o autoconhecimento; 3) o olhar altruísta, que por vezes não é empático mas reconhece as diferenças tendo consciência que está julgando a partir da sua identidade, além de também reconhecer sua importância; e, por fim, 4) o comprometimento social, ao reconhecer que tem um papel a exercer no mundo e que isto implica e exige de si mesmo devolutivas, resultados que agreguem, engrandçam e possibilitem a evolução de outros.

Quanto aos objetivos específicos, constatou-se que as experiências decorrentes da viagem de intercâmbio superam e por vezes contrapõe-se as expectativas pré viagem. Isto porque a motivação da viagem está em sua maioria centrada em aspectos ligados aos estudos e desenvolvimento profissional. Também porque em diversos momentos o estudante é surpreendido com o que vê, sente e realiza, qualificando a experiência como um todo como marcante e significativa.

Sobre esses momentos marcantes, não foi possível categorizar quais foram as principais experiências, afinal o momento a torna significativa não só pelo que acontece em si, mas também pelo *background*, pela história de vida ali implícita que até mesmo conduzem os raciocínios para tornar consciente o impacto e importância daquela experiência. Portanto, vale pontuar que certas vivências são consideradas principais pelo aspecto desafiador, pelo ato de engrandecer, pela ação de autodescobrir-se e de abrir-se a mudança.

No que tange aos impactos, está fortemente relacionado ao ver-se, entender-se e colocar-se no mundo, de maneira a influir na certeza ou não da formação, da escolha profissional ou do relacionamento amoroso, do exercer um papel no mundo, de contribuir para que novas mudanças aconteçam.

E por fim, não resta dúvida do contexto formador da viagem de intercâmbio. Configurando-se muitas vezes como a primeira experiência de viagem internacional, isto é, a primeira experiência fora da sua realidade, tudo o que é vivido é profundamente explorado no intuito de apreender e aprender uma nova informação, um novo comportamento, um novo entendimento, uma nova consciência simbólica da contribuição desse momento para si próprio, para a sua forma de interagir com o outro, para a sua maneira de reagir a uma dificuldade ou obstáculo.

Ela é também transformadora pois as experiências vividas fomentam novas oportunidades que antes não faziam parte da realidade do aluno, e sem o intercâmbio, ele não

teria visto o que viu, falado com quem falou, visitado os lugares para onde viajou, interagido com as culturas que conheceu, mudando sua percepção do mundo, mas principalmente do mundo que agora está a seu alcance.

No mais, antes do intercambio o estudante se sente incapaz, inseguro, dependente. Após a experiência da viagem, ele se vê apto e pronto para desbravar, autoconfiante, seguro de si. Percebe-se capaz de contribuir e alterar a sua realidade. A transformação é tão nítida e impactante, que familiares e amigos reconhecem o novo perfil, a nova pessoa, e são “reformados” pelas mesmas experiências, pelas novas visões, pelo novo mundo descoberto.

Portanto, acredita-se que embora os sujeitos participantes dessa pesquisa sejam únicos em suas características, necessidades e anseios, independentemente de quais forem as experiências de viagem por eles pontuadas como de maior significância para sua vida, estas também são verdadeiras experiências significativas, pois estavam inseridas em contextos únicos, agregadas de sentimento e emoção e seus impactos foram percebidos e conscientizados pelos participantes.

Conclui-se apontando que esta pesquisa limita-se ao universo do intercâmbio e em particular do Programa Ciência Sem Fronteiras. Novas pesquisas tem a oportunidade de explorar um vasto número de segmentos do turismo buscando identificar as (trans) formações decorrentes dos mais variados nichos e perfis turísticos. Metodologicamente, a análise de conteúdo restringe-se de certa forma por tentar pontuar aqueles aspectos mais significativos da temática pesquisada. Diante de um assunto tão minucioso e pessoal, utilizar outras metodologias que consigam trabalhar de uma forma mais dialética a experiência de vida dos entrevistados, certo é que agregariam ainda mais valor e tangibilidade às (trans) formações decorrentes da experiência de intercâmbio.

Embora tenha-se percebido que a idade não é fator determinante para as (trans) formações, um novo caminho a ser explorado seria pesquisar outros perfis para verificar e comparar os impactos do mesmo tipo de viagem.

Vale mencionar também que, conforme citado por alguns entrevistados, tiveram colegas que foram na mesma época, no mesmo edital e não conseguiram se adaptar. Uma das participantes comentou até mesmo de casos de depressão por não ter conseguido se colocar, interagir e compartilhar com uma outra cultura. Infelizmente, provavelmente a forma como os intercambistas foram convidados a participar desta pesquisa, despertou muito mais a atenção daqueles que tiveram uma vivência positiva na viagem. Sendo assim, explorar os aspectos negativos também podem trazer novos substratos das (trans) formações obtidas com as viagens.

7. APLICAÇÕES PRÁTICAS

Acredita-se que a principal aplicação prática que esta pesquisa buscou incentivar e preconizar é o exercício de refletir sobre a viagem, na tentativa de tomar consciência e tornar simbólico para cada sujeito a importância e impacto das experiências proporcionadas através da visita a um destino, do mergulho em uma praia especial, da participação de uma atividade em vila ribeirinha ou indígena, de um jantar em um restaurante famoso, de dar o *check* em um atrativo turístico popularmente conhecido, dentre tantas outras situações.

Certo é que não são só nas viagens que o processo (trans) formativo acontece, mas percebe-se que sair da zona de conforto, durante os momentos de horas livres, desgarrados das raízes e referências, o sujeito desprende-se mais e se mostra mais disposto a mudar-se, preferir ser uma “metamorfose ambulante”, que se constrói e reconstrói a todo instante.

Reforça-se mais uma vez o impacto nítido e escancarado do Programa Ciência Sem Fronteiras na vida de tantos estudantes brasileiros. Faz-se necessários novos programas que incentivem a formação a partir da experiência de viagem. O governo e mesmo as instituições privadas poderiam ter projetos menores que proporcionassem o intercâmbio entre universidades dentro do próprio território nacional e, quem sabe, novamente ampliando-se para o exterior.

Se há tanto a se compartilhar com o estrangeiro europeu, coreano ou norte-americano, não resta dúvidas que em um país de extensão territorial como o Brasil haja muitas diferenças entre o Sul e o Norte, até mesmo entre estados lado a lado geograficamente, e que curtas ou longas viagens, de carro ou de avião, também possam possibilitar (trans) formações de impacto considerável.

Tal qual foi substancialmente criticado por Spears (2014), também se faz necessário deixar de lado esta visão e tratativa da educação e do estudante como mercadoria a ser comercializada. A viagem na perspectiva de formar “agentes de mudança” tem muito mais potencial e pode contribuir de maneira muito mais efetiva para mudar a realidade de comunidade, de uma cidade ou de um país, do que se for encarada como mão de obra a ser exportada. É preciso estruturar-se a fim de ser capaz de absorver os talentos que foram adquirir conhecimentos e habilidades no exterior.

As empresas e instituições precisam reconhecer que ter tido uma experiência no exterior é contar com um colaborador mais amadurecido e autônomo a partir dos desafios e dificuldades que teve de enfrentar, e dessa maneira, preparado para lidar com situações inesperadas, com a ansiedade, com o risco e com o novo.

Outro aspecto que também foi levantado pelos entrevistados e que nos últimos anos tem avançado, mas ainda demandam uma mudança de mentalidade da sociedade de modo geral, consiste no entendimento de que se faz necessário investir nas áreas das ciências sociais e humanas. Na sua maioria, são áreas em que o exercício reflexivo é mais abstrato e subjetivo (ao invés de lógico e racional) possibilitando ao sujeito auto avaliar-se, olhar o mundo não a partir de indicadores e dados demográficos (que também possuem a sua importância), mas um olhar mais de perto, mais atencioso e menos impessoal.

No que tange ao mercado do turismo e a forma como as agências de turismo comercializam seus pacotes turísticos, é preciso estar mais preocupado com a forma que um destino pode impactar o sujeito da viagem, considerando assim seu perfil, seus gostos, e o tipo de experiência que ele está buscando no lugar visitado. A segmentação às vezes pode limitar o viajante que não se dispõe a vivenciar experiências distintas do seu *habituê*.

Percebe-se que já há essa transição das ações e estratégias de *marketing* de promover e divulgar um turismo mais experiencial. No ramo de luxo isto já está mais que estandardizado. Já se estabeleceu no mercado do turismo novas formas de se hospedar e de se locomover dentro das cidades e entre os países. Há também novos projetos de hotéis itinerantes. São estratégias como essas que precisam ser amplamente difundidas e incentivadas, pois elas que possibilitarão um maior contato com o outro, uma imersão em uma dada realidade, o autoconhecimento a partir da viagem e do lazer.

Por fim, afirma-se que é preciso investir na imagem do Brasil como país para essas vivências significativas tais quais as relatadas pelos intercambistas. Não apenas para o turismo tradicional de visitaço, mas também para intercambistas disponíveis a conhecer uma nova forma de aprender em sala de aula, que foi tão bem valorizada e reconhecida pelos entrevistados nesta pesquisa.

Dessa maneira, também seriam impactados pela experiência de intercâmbio que vivenciariam e levariam para seus países essas (trans) formações replicando o efeito dominó, formando e reformando seus compatriotas sobre o que é, o que se pode viver, com quem se pode compartilhar, a partir de uma experiência potencialmente significativa no Brasil.

REFERÊNCIAS¹

- AMA. **American Marketing Association**. Disponível em: <www.ama.org>. Acesso em 31 mar. 2018.
- AMATUZZI, M. M. Experiência: um termo chave para a Psicologia. **Memorandum**, v. 13, p. 08-14, 2007.
- ANDERSON, D.; SHIMIZU, H. Factors shaping vividness of memory episodes: Visitors' long-term memories of the 1970 Japan World Exposition. **Memory**, v. 15, n. 2, p. 177-191, 2007.
- ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ANSARAH, M. G. R. Turismo e segmentação de mercado: novos segmentos. In: TRIGO, L. G. G. *et. al.* **Análises regionais e globais do turismo brasileiros**. São Paulo: Roca, 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- BALLANTYNE, R.; PACKER, J.; BECKMAN, E. Targeted interpretation: Exploring relationships among visitors' motivations, activities, attitudes, information needs and preferences. **Journal of Tourism Studies**, v. 9, n. 2, p. 14-25, 1998.
- BANDUCCI JÚNIOR, A. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- BAPTISTA, M. E. C. **Fenomenologia do existir do diabético**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1992.
- BARBOSA, Y. M. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARBOTIN, E. Experiência. In: LACOSTE, J. Y. (Ed.). **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Loyola, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BELTA. **Pela primeira vez, Brasil ultrapassa 302 mil estudantes no exterior, revela pesquisa da Belta**. São Paulo, abr. 2018. Disponível em: <<http://www.belta.org.br/pela-primeira-vez-brasil-ultrapassa-302-mil-estudantes-no-exterior-revela-pesquisa-da-belta/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- BELTA. **Pesquisa de Mercado Selo Belta 2017**. 43 Slides. Disponível em: <<http://www.belta.org.br/wp-content/uploads/Pesquisa-de-Mercado-Selo-Belta-2017-.pdf>>.

¹ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023 (2002).

Acesso em: 10 jun. 2019.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 4. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

BENJAMIN, W. A. **A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica**, Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.

BLACKBURN, S. **The Oxford Dictionary of Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

BOORSTIN, D. J. **The image: A guide to pseudo-events in America**. Nova York: Harper & Row, 1964.

BRASIL. **Ciência Sem Fronteiras**. Disponível em:
<<http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/objetivos>>. Acesso em: 03 Abr. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília, s/d.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercambio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BUNGE, M. **La ciência, su método y su filosofía**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1990.

CASPI, A.; ROBERTS, B. W. Personality development across the life course: the argument for change and continuity. **Psychological Inquiry**, v. 12, n. 2, p. 49-66, 2001.

CASTRO, C. M.; BARROS, H.; ITO-ADLER, J.; SCHWARTZMAN, S. Cem Mil Bolsas no Exterior. **Revista Interesse Nacional**, ed. 17, n. 5, p. 25-36, 2012.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, p. 13-18, 2014.

CHIAS, J. **Turismo, O negócio da Felicidade: Desenvolvimento e Marketing Turístico de países, Regiões, lugares e cidades**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

COHEN, E. A phenomenology of tourist experiences. **Sociology**, v. 13, p. 179-201, 1979.

COHEN, E. Who is a Tourist?: A Conceptual Clarification. **The Sociological Review**, v. 22, n. 4, p. 527-555, 1974.

- DALONSO, Y. S.; LOURENÇO, J. M.; REMOALDO, P.C.; NETTO, A. P. Tourism experience, events and public policies. **Annas of Tourism Research**, v. 46, p. 181-184, 2014.
- DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** 8. ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- DAWSEY, J. C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 163-176, 2005.
- DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- DIAS, R. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.
- ETZION, D. Annual Vacation: Duration of Relief from Job Stressors and Burnout. **Anxiety, Stress & Coping**, v. 16, n. 2, p. 213-226, 2003.
- FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. v. 4. São Paulo: Loyola, 2004.
- FIGUEIREDO, L. C. M. O tempo na pesquisa dos processos de singularização. **Psicologi Clínica PUC-RJ**, v. 14, n. 2, p. 25, 2002.
- FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, p. 155–188, 2004.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 45 ed., 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- GAETA, C. (Org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.
- GIARETTA, M. J. **Turismo da juventude**. Barueri: Manole, 2003.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GMELCH, G. Crossing cultures: Student travel and personal development. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 21, n. 4, p. 475–490, 1997.
- GRABURN, N. Turismo: el viaje sagrado. In: SMITH, V.S. (Coord.). **Anfitriones e invitados: antropología del turismo**. Madrid: Endymión, 1989.
- HANSEL, B. Developing an international perspective in youth through exchange programs. **Education and Urban Society**, v. 20, n. 2, p. 177–195, 1998.
- HOLLIS, J. **A passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade**. São Paulo: Paulus, 1995.
- HOSANY, S.; GILBERT, D. Measuring Tourists Emotional Experiences toward Hedonic Holiday Destinations. **Journal of Travel Research**, v. 49, n. 4, p. 513-526, 2010.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUSSERL, E. **Fenomenologia e teoria della conoscenza**. Milano: Bompiani, 2000.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas – sexta investigação** (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria A. C. Loparic. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2003.

INGRAM, G. Motivations of farm tourism hosts and guests in the South West tapestry Region, Western Australia: A pheonomenological study. **The Indio-Pacific Journal of Phenomenology**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2002.

KANT, I. **Prolegômenos**. São Paulo: Editora Abril, 1973.

KIM, J. H.; RITCHIE, J. R. B.; MCCORMICK, B. Development of a Scale to Measure Memorable Tourism Experiences. **Journal of Travel Research**, v. 51, n. 1, p. 12-25, 2012.

KIM, S. Audience Involvement and Film Tourism Experiences: Emotional Places, Emotional Experiences. **Tourism Management**, v. 33, n. 2, p. 387-96, 2012.

KNUDSON, D. M; CABLE, T. T; BECK, L. **Interpretation of cultural and natural resources**. Pennsylvania: Venture, 1995.

KOTLER, P. **Administração de marketing**. 10. ed. São Paulo: Person/Prentice Hall, 2000.

KOTLER, P. H. **Marketing Management: Analysis, Planning, and Control**. London: Prentice Hall, 1976.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2003.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAGE, B. H. G. Segmentação do Mercado Turístico. **Turismo em Análise**, v.3, n.2, p. 61-74, 1992.

LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAROSSA, J. Experiência e paixão. In: LAROSSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEED, E. J. **The Mind of the Traveller**. Nova York: Basic Books, 1991.

LI, Y. Ethnic tourism: A Canadian experience. **Annals of Tourism Research**, v. 27, n. 1, p.

115–131, 2000.

LINDSTROM, M. **A lógica do consumo**: verdades e mentiras sobre por que compramos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Barueri, SP: Manole, 2005

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teorias do Turismo**: conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.

LOUREIRO, I. Em busca de uma noção de experiência. **Ciência e Cultura**, v. 67, n. 1, 2015.

LYOTARD, J. F. **A fenomenologia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

MACCANNELL, D. Staged Authenticity: Arrangements of Social Space in Tourist Settings. **American Journal of Sociology**, v. 79, n. 3, p. 589-603, 1973.

MACCANNELL, D. **The tourist**: a new theory of the leisure class. Nova York: Schcken Books, 1976.

MACIEL, J. C. Turismo de experiência e o sentido da vida. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. **Turismo da experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

MADIA, F. A. **As mais importantes tendências do marketing para os próximos anos**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2007.

MAHFOUD, M., MASSIMI, M. A pessoa como sujeito da experiência: contribuições da fenomenologia. **Memorandum**, v. 14, p. 52-61, 2008.

MARTY, A. G. **Gestiotl commerciale - Cunnaitre et satisfaire de cliente**. Paris: J. Delmes, 1971.

MELO, E. S. O. Aprofundando o olhar do turista: considerações acerca de suas determinantes sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 3, n. 2, p. 71-94, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

MOLINA, S. **Conceptualización del turismo**. México: Limusa, 1991.

MONTEIRO, R. L. **Impactos do intercâmbio cultural na formação profissional**: uma análise na percepção de intercambistas de Natal – RN. Monografia em Turismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-

32, 1999.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOSCARDO, G. Interpretation and sustainable tourism: Functions, examples and principles. **Journal of Tourism Studies**, v. 1, p. 2–13, 1998.

MOTA, K. C. Turismo de Intercâmbio. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. **Segmentação do mercado turístico**. São Paulo: Manole, 2009.

NAWIJN, J.; MITAS, O.; LIN, Y.; KERSTETTER, D. How Do We Feel on Vacation? A Closer Look at How Emotions Change over the Course of a Trip. **Journal of Travel Research**, v. 52, n. 2, p. 265-274, 2013

OH, H.; FIORE, A. M.; JEOUNG, M. Measuring experience economy concepts: tourism applications. **Journal of Travel Research**, n. 46, p. 119-32, 2007.

OLIVEIRA, R. P. A transformação da educação em mercadoria no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 108, p. 739-760, 2009.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de Metodologia Científica**: Projetos de pesquisas, TGI, Monografias, Dissertações e Teses. São Paulo: Pioneira, 1999.

OMT – Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PANOSSO NETTO, A. **O que é Turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo**: teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2011.

PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. **Segmentação do mercado turístico**. São Paulo: Manole, 2009.

PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. **Turismo da experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

PEARCE, P. L.; FOSTER, A. University of Travel: Backpacker learning. **Tourism Management**, v. 28, p. 1285–1298, 2007.

PEARCE, P. L.; LEE, U. I. Developing the travel career approach to tourist motivation. **Journal of Travel Research**, v. 43, n. 3, p. 226-237, 2005.

PEARCE, P.L. **The social psychology of tourist behaviour**. Oxford: Pergamon, 1982.

PEREZ, A. S. (Coord.) **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo**. São Paulo: Rocca, 2005.

PERNECKY, T.; JAMAL, T. (Hermeneutic) Phenomenology in tourism studies. **Annals of Tourism Research**, v. 37, n. 4, p. 1055 – 1075, 2010.

PEZZI, E.; VIANNA, S. L. G. A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. **Revista Turismo em Análise**, v. 26, n. 1, p. 165-187, 2015.

PINE II, B. J.; GILMORE, J. H. **The experience economy**: work is theatre and every business a stage. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPIERRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. **A pesquisa qualitativa** – Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROCHA, D.; DEUSDARA, B. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea** [online], vol.7, n.2, p.305-322, 2005.

ROGERS, C.; KINGET, M. **Psicoterapia e relações humanas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

ROTSTEIN, E.; BASTOS, A. A Concepção Freudiana de Experiência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 3, p. 371-380, 2011.

SCHMITT, B. H. **Customer experience management**: a revolutionary approach to connecting with your customers, Hoboken: Wiley, 2003.

SCHMITT, B.H. **Marketing experimental**. São Paulo: Nobel, 2002.

SEBBEN, A. **Intercâmbio cultural**: Para entender e se apaixonar. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, J. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SOUSA, C. A. G. Lazer e experiência estética: caminhos para pensar o turismo como experiência. In PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Org.). **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

SPEARS, E. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 1, p. 151-163, 2014.

SUGAYAMA, R. **A segmentação de mercado no turismo de negócios como forme de diferenciação e vantagem competitiva**. Projeto de Iniciação Científica, CNPQ, São Paulo, 2000.

TAMIÃO, T. **O intercâmbio cultural estudantil**: uma discussão sobre o diferencial trazido na “bagagem” do estudante. In: VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2010, São Paulo – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP.

TOMAZZONI, E. L.; OLIVEIRA, C. C. Turismo de Intercâmbio: Perfis dos intercambistas, motivações e contribuições da experiência internacional. **Revista Turismo Visão e Ação**, v.

15, n. 3, p. 388–408, 2013.

TRIGO, L. G. G. A viagem como experiência significativa. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. **Turismo de Experiência**. São Paulo: SENAC, 2010.

TRIGO, L. G. G. **A Viagem**: caminho e experiência. São Paulo: Aleph, 2013.

TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETTO, A. **Cenários do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

TUNG, V. W. S.; RITCHIE, J. R. B. Exploring the essence of memorable tourism experiences. **Annals of Tourism Research**, v. 38, n. 4, p. 1367-1386, 2011.

TURNER, V. W. Dewey, Dilthey and Drama: an essay in the anthropology of experience. In: TURNER, V. W.; BRUNER, E. M. (Eds.). **Anthropology of Experience**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986.

URBAIN, J. D. **El idiota que viaja**. Madri: Endymion, 1993.

VAN GENNEP, A. **The rites of passage**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

VAZ, G. N. **Marketing Turístico**. São Paulo: Pioneira, 1999.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VICTER, P. P. **Marketing no Turismo**: um estudo descritivo sobre a imagem do intercâmbio de cursos de idioma. Dissertação de Mestrado, FUMEQ, Belo Horizonte, 2009.

VILLA, A. D. **El turismo cultural o la mercantilización de la cultura**. Ciudad Virtual de Antropología y Arqueología. Disponível em:
<http://www.equiponaya.com.ar/turismo_cultural/congreso/ponencias/aurora_daniel_villa.htm>. Acesso em: 23 abr 2018.

WANG, N. Rethinking authenticity in tourism experiences. **Annals of Tourism Research**, v. 2, p. 349-370, 1999.

WTO - WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Barômetro da Organização Mundial do Turismo**, v.5, n.2, p.11. Madri: WTO, 2007.

APÊNDICE A – PROPOSTA DE ESTRUTURA DO DIÁLOGO

- 1) Inicia-se o diálogo questionando sobre a pessoa, seus gostos, preferências, hobbies, formação, momentos marcantes da sua vida, a fim de se obter um panorama geral, despertar memórias e deixar o participante mais a vontade (“quebrar o gelo”).
 - Acredita-se que será necessário a formulação de um questionário, com perguntas estruturadas, sobre o perfil socioeconômico do participante, a ser enviado antes do diálogo, para que nesse momento já se esteja mais familiarizado com quem é o sujeito participante.
- 2) Em seguida, questiona-se sobre suas viagens, possibilitando identificar o estilo, frequência, atividades realizadas, acompanhantes e propósitos/objetivos.
- 3) Muito provavelmente a viagem de intercâmbio já terá sido mencionada. Se sim, aproveita-se o gancho e pergunta-se sobre essa experiência, quais eram as expectativas, por que decidiu fazer um intercâmbio, a quem/o que procurou para que a viagem pudesse ser realizada, quais foram os principais *highlights* da viagem, como era a rotina/dia a dia, quais atividades foram mais marcantes, o que era esperado e não aconteceu, o que de fato aconteceu, o que superou as expectativas, e etc.
 - Nesse momento, pode-se fazer relações com as características pessoais anteriormente mencionadas, questionar se já havia feito certa atividade antes, qual foi a sensação diante de determinada situação, e assim por diante.
 - É importante deixar o participante discorrer livremente, sem julgamentos sobre o que está sendo dito, apenas “provocando-o” com questionamentos em determinados momentos para que ele possa ir mais a fundo nas reflexões e lembranças.
- 4) Quando perceber-se que o participante já discorreu o máximo de informações sobre a viagem, recapitulam-se os principais pontos de forma a identificar a partir do discurso, quais foram os momentos de mais destaque na viagem e que, direta ou indiretamente, mexeram no íntimo do viajante.
 - Dessa forma o próprio participante poderá confirmar ou não a relevância de certas experiências e, ao mesmo tempo, será possível perceber o que de fato o toca/incomoda/“brilha aos olhos”.

- 5) Encerra-se agradecendo a disponibilidade do participante em conceder a entrevista.
- Cogita-se a possibilidade de apresentar aos participantes as reflexões feitas antes de submeter a pesquisa, para que ele próprio analise suas considerações e possivelmente até acrescente detalhes ou ponderações.

APÊNDICE B – ROTEIRO DO PRÉ-TESTE DAS ENTREVISTAS

Nome:

Destino:

Universidade:

Curso:

Período da Viagem:

Descrição Geral da Pesquisa: analisar de que forma a experiência da viagem de intercâmbio foi e é (trans) formadora para o estudante.

Permissões: Gravar e tomar notas durante a entrevista.

- **Fase 1:** Sobre você.
 - Quantos anos possui?
 - Qual a sua formação?
 - Qual a sua profissão?
 - O que gosta de fazer no seu tempo livre?
 - Conseguiria nomear 1, 2, 3... fatos marcantes na sua vida?

- **Fase 2:** Suas Viagens
 - Quando criança você viajava muito? Para onde? Que tipo de experiência?
 - Atualmente você viaja? Com qual objetivo? Com que frequência? Com quem?
 - Que lugares você já visitou?
 - Você prefere viajar sozinho ou acompanhado?
 - Quando viaja, o que gosta de fazer?
 - Que destino te marcou mais e por qual razão?

- **Fase 3:** O Ciências sem Fronteiras
 - Como soube do programa?
 - Você já havia feito uma viagem para o exterior?
 - Foi sua primeira viagem tanto tempo fora “de casa”?
 - O que te motivou a se inscrever?
 - Quais eram as suas expectativas?
 - Como se preparou para viagem?
 - Você fez amizades rápido?
 - Qual era a sua rotina?
 - Você teve oportunidade de viajar pelo país/ou fora?
 - Quais foram os pontos altos da viagem? (Justifique)
 - Falando um pouquinho das suas expectativas, o que você esperava e não aconteceu? O que de fato aconteceu? O que superou as expectativas e por que?
 - O que você “trouxo da viagem” quando retornou ao Brasil?
 - De que maneira você acha que isso impactou os seus últimos 6 anos?
 - Se você tivesse que resumir essa experiência em uma palavra, qual seria?
 - Se você tivesse que associar essa palavra com uma sensação/emoção, qual seria? Em que sentido?

APÊNDICE C – ROTEIRO FINAL DAS ENTREVISTAS

Nome:

Destino:

Universidade:

Curso:

Período da Viagem:

Descrição Geral da Pesquisa:

Permissões: Gravar e tomar notas durante a entrevista.

- **Fase 1:** Sobre você.
 - Quantos anos possui? Qual a sua formação? Com o que trabalha atualmente?
 - O que gosta de fazer no seu tempo livre? Houve algum fato que foi marcante/decisivo na sua vida?

- **Fase 2:** Suas Viagens
 - Quando criança você viajava muito? Para onde? Que tipo de experiência?
 - Atualmente você viaja? Com qual objetivo? Com que frequência?
 - Qual experiência de destino te marcou mais e por qual razão você acha que isso aconteceu?

- **Fase 3:** O Ciências sem Fronteiras
 - Como soube do programa?
 - O que te motivou a se inscrever?
 - Quais eram as suas expectativas?
 - Como se preparou para viagem?
 - Você fez amizades rápido?
 - Qual era a sua rotina?
 - Você teve oportunidade de viajar pelo país/ou fora?
 - Quais foram os pontos altos da viagem? (Justifique)
 - Falando um pouquinho das suas expectativas, o que você esperava e não aconteceu? O que de fato aconteceu? O que superou as expectativas e por que?
 - O que você “trouxe da viagem” quando retornou ao Brasil?
 - De que maneira você acha que isso impactou os seus últimos 6 anos?
 - Se você tivesse que resumir essa experiência em uma palavra, qual seria?
 - Se você tivesse que associar essa palavra com uma sensação/emoção, qual seria? Em que sentido?

APÊNDICE D – PERFIL DOS INTERCAMBISTAS

Fonte: criado pela autora

Participantes				
Pré Teste	Sexo	Idade	País de Destino	Área de Estudo
Pré 1	Masculino	29 anos	Canadá	Ciência da Computação
Pré 2	Feminino	30 anos	Bélgica	Oceanografia
Pré 3	Feminino	46 anos	Austrália	Arquitetura
Participantes				
Teste	Sexo	Idade	País de Destino	Área de Estudo
P1	Masculino	27 anos	Portugal	Engenharia Ambiental
P2	Feminino	27 anos	Espanha	Engenharia de Informática
P3	Feminino	28 anos	Espanha	Ciências Biológicas
P4	Masculino	28 anos	Espanha	Farmácia
P5	Masculino	28 anos	Canadá	Ciência da Computação
P6	Feminino	26 anos	Austrália	Jornalismo
P7	Feminino	28 anos	Coréia do Sul	Engenharia de Energia
P8	Feminino	30 anos	Holanda	Medicina
P9	Masculino	33 anos	Coréia do Sul	Design Gráfico
P10	Feminino	28 anos	Holanda	Design
P11	Masculino	28 anos	Coréia do Sul	Engenharia Elétrica
P12	Masculino	27 anos	Coréia do Sul	Engenharia Elétrica
P13	Masculino	28 anos	Bélgica	Engenharia Química
P14	Masculino	28 anos	Holanda	Engenharia Ambiental
P15	Feminino	30 anos	Bélgica	Psicologia

ANEXO A – SEGMENTOS DO MERCADO TURÍSTICO E BASES DE SEGMENTAÇÃO

Fonte: Lohmann; Panosso Netto, 2008, p. 167-172.

Segmentos	Base de Segmentação
Turismo infantil	Idade
Turismo juvenil	
Turismo de meia-idade	
Turismo de terceira idade	
Turismo de quarta idade (acima de 80 anos)	
Turismo social	Econômica
Turismo popular	
Turismo de classe média	
Turismo de luxo	
Turismo de caminhada	Meios de Transporte
Cicloturismo	
Turismo aéreo	
Turismo rodoviário	
Turismo ferroviário	
Turismo marítimo	
Turismo fluvial/lacustre	
Turismo de curta duração ou itinerante (o turista fica pouco tempo no local visitado)	Duração de permanência
Turismo de média duração	
Turismo de longa duração	
Turismo local	Distância do mercado consumidor
Turismo regional	
Turismo nacional	
Turismo continental	
Turismo intercontinental	
Turismo <i>single</i>	Tipo de grupo
Turismo de casais	
Turismo de famílias	
Turismo de grupos	
Turismo emissivo	Sentido do fluxo turístico
Turismo receptivo	
Agroturismo (a atração são as novas tecnologias de plantio e colheita, e as novas formas de se trabalhar em fazendas. Neste caso, a principal renda da propriedade não advém do turismo, sendo este apenas um complemento da renda ou usado apenas como estratégia de marketing de grandes produtos rurais)	Condição geográfica do destino turístico
Ecoturismo	
Turismo de praia	
Turismo de montanha	
Turismo de campo	
Turismo de neve	
Turismo ecológico	

Segmentos	Base de Segmentação
Turismo climático/hidrotermal	Condição geográfica do destino turístico
Turismo paisagístico ou cênico (feito por quem deseja observar a paisagem natural ou artificial)	
Turismo habitacional (aquele desenvolvido no local onde o turista possui uma casa como segunda residência ou na forma de <i>timesharing</i>)	
Turismo de habitação (aquele em que o turista escolhe se hospedar em residências históricas, palácios ou edifícios que se tornaram famosos por algum acontecimento especial)	
Turismo rural (a atração são os motivos do campo, da natureza em sítios e fazendas. Neste caso, a principal renda da propriedade advém do turismo)	
Turismo urbano (feito na cidade por pessoas de outras cidades)	
Turismo científico	Aspecto cultural
Turismo congressual	
Turismo cultural	
Turismo de estudos ou estudantil (feito por estudantes que buscam lugares para participar de cursos diversos)	
Turismo de intercâmbio	
Turismo de mega-eventos	
Turismo ortonitológico (feito por pessoas que querem estudar a avifauna do destino - também conhecidos como <i>birdwatchers</i>)	
Turismo de raízes ou genealógico (visita a lugares de origem dos antepassados ou em busca de compreender a origem dos sobrenomes)	
Turismo educacional ou educativo (durante o turismo, busca-se aprendizagem de um determinado tema)	
Turismo exotérico, exoturismo ou místico (desejo de visitar lugares relacionados com o culto, com o sobrenatural, com o desconhecido ou fantasmagórico)	
Turismo étnico	
Turismo folclórico e artesanal	
Turismo histórico	
Turismo linguístico (a viagem ocorre para o exterior para aprendizagem de idiomas)	
Turismo literário (busca por lugares que se tornaram famosos, devido o fato de serem descritos em obras literárias mundialmente conhecidas, ou lugares em que foram gestadas obras de reconhecido valor literário)	
Turismo pedagógico (turismo de estudo organizado pela escola)	
Turismo religioso	
Turismo comunitário (feito em pequenas comunidades)	Grau de urbanização do destino turístico
Turismo de grandes metrópoles	
Turismo de pequenas cidades	
Turismo em áreas naturais	

Segmentos	Base de Segmentação
Backpacker (mochileiro)	Motivação da viagem
Enoturismo (visita a vinhedos e vinícolas)	
Turismo alternativo (em contraposição ao tradicional turismo de sol e praia)	
Turismo ativo (turismo alternativo ao tradicional, cuja maior motivação recai no exercício de algum tipo de interatividade com o entorno, seja físico ou de caráter lúdico)	
Turismo bariátrico (realizado com fins de cirurgia plástica [estética corporal] em que a pessoa acaba fazendo turismo no destino da operação)	
Turismo bíblico (visita a lugares bíblicos)	
Turismo cervejeiro (mais difundido no Leste Europeu. As pessoas viajam para provar os mais diferentes tipos de cerveja)	
Turismo cinegético (para pessoas que gostam de caçar. Não há notícias oficiais de sua existência no Brasil)	
Turismo cívico institucional (realizado em locais cívicos, como intuito de conhecer monumentos e construções relacionados à história de uma região, país, estado, município ou nação)	
Turismo comercial (feito por empresários e comerciantes que se deslocam de sua residência para comprar e vender produtos em outros lugares. Assemelha-se ao turismo de negócios)	
Turismo com motivação mórbida (visita a lugares relacionados à morte e a desastres)	
Turismo criativo (feito por pessoas que querem aprender atividades diferentes e especializadas durante o tempo de turismo, como pintura, música, teatro e etc.)	
Turismo de aventura	
Turismo de contato social (feito com o objetivo de encontrar amigos ou parentes ou fazer novos amigos e conhecer novas pessoas)	
Turismo de esportes de inverno	
Turismo de eventos	
Turismo de excentricidades	
Turismo de golf	
Turismo de incentivos	
Turismo de interesse especial (feito em áreas protegidas, como parques e reservas naturais)	
Turismo de jogos ou cassinismo	
Turismo de lazer	
Turismo de negócios	
Turismo de patrimônio (feito em lugares com patrimônio histórico de reconhecida importância)	
Turismo de pesca	
Turismo de recreação e entretenimento	
Turismo de repouso (feito por pessoas que querem descansar e repousar)	
Turismo de ruínas ou de guerra (feito em áreas que, no passado, foram palco de guerras)	
Turismo de saúde	
Turismo ecológico	
Turismo espacial	

Segmentos	Base de Segmentação
Turismo esportivo	Motivação da viagem
Turismo étnico-histórico-familiar	
Turismo filantrópico (feito por aqueles que desejam ajudar pessoas em necessidade, seja por catástrofes naturais, como terremotos, maremotos e <i>tsunamis</i> , seja por questões sociais, tais como campo de refugiados, guerras, problemas políticos, etc.)	
Turismo gastronômico	
Turismo hedonista	
Turismo industrial (feito em áreas industriais para se conhecer o processo de produção de um determinado produto e a tecnologia utilizada nessa produção)	
Turismo insular (feito em ilhas)	
Turismo para deficientes físicos	
Turismo residencial (feito por famílias ou grupos que se hospedam em casas alugadas. Não confundir com segunda residência)	
Turismo romântico	
Turismo sociofamiliar	
Turismo surpresa	
Turismo temático	
Turismo urbano	
Turismo virtual (viagem sem deslocamento geográfico. Pode ser feito em casa, desde que haja um computador conectado à internet)	
Viagens corporativas (aquelas feitas por empresários e funcionários de empresas por motivos profissionais, cuja despesa é paga pela própria empresa da qual faz parte o funcionário)	